



Heavy sky, heavy hearts.  
A quiet desolation invades the  
leaving men and buildings  
forlorn  
The Eiffel Tower  
insane  
alone  
The soul of  
brooding clouds  
of the bewildered  
The iron skeleton  
wind. It waits for the hour  
it will flog with electrical  
Heavy sky, heavy hearts.  
A quiet desolation invades  
leaving men and buildings  
forlorn  
The Eiffel Tower  
insane

# ***A LENTIDÃO***

Restauro da Igreja Matriz de São  
Cristóvão

**“Imprimir forma a uma duração é uma exigência da beleza, mas é também uma exigência da memória. Pois aquilo que não tem forma é inalcançável, imemorável. [...] O grau de lentidão é diretamente proporcional à intensidade da memória; o grau de velocidade é diretamente proporcional à intensidade do esquecimento.”**

**- KUNDERA, Milan**

# Sumário

<b>1. Introdução</b>	<b>5</b>	<b>5. Metodologia</b>	<b>20</b>	<b>8. Compreensão Teórica</b>	<b>37</b>
<b>2. O objeto</b>	<b>7</b>	<b>6. Compreensão do entorno</b>	<b>22</b>	Conservação	38
Contexto Urbano	8	Aspectos Biofísicos	23	Restauração	38
A Praça	9	Aspectos Socioculturais	24	Intervenção no Patrimônio	39
A Igreja	10	Aspectos de contexto urbano	25	Paisagem Urbana	39
<b>3. Justificativas</b>	<b>12</b>	<b>8. Compreensão do objeto</b>	<b>26</b>	Sistema de Áreas Livres	39
Memória familiar: John Oberg	13	Construção e forma: exterior	27	Legislação	40
Patrimônio histórico no Brasil	16	Construção e forma: interior	28	<b>9. Intervenção</b>	<b>41</b>
São Cristóvão e suas camadas	17	Etapas construtivas	29	Estudos de caso	42
<b>4. Objetivos</b>	<b>18</b>	Espacialidade	30	Diretrizes e proposta	43
		Danos: exterior	32	<b>10. O projeto</b>	<b>44</b>
		Danos: interior	36	Ações	45
				Projeto	46
				<b>11. Agradecimentos</b>	<b>70</b>
				<b>12. Bibliografia</b>	<b>71</b>



# ***INTRODUÇÃO***

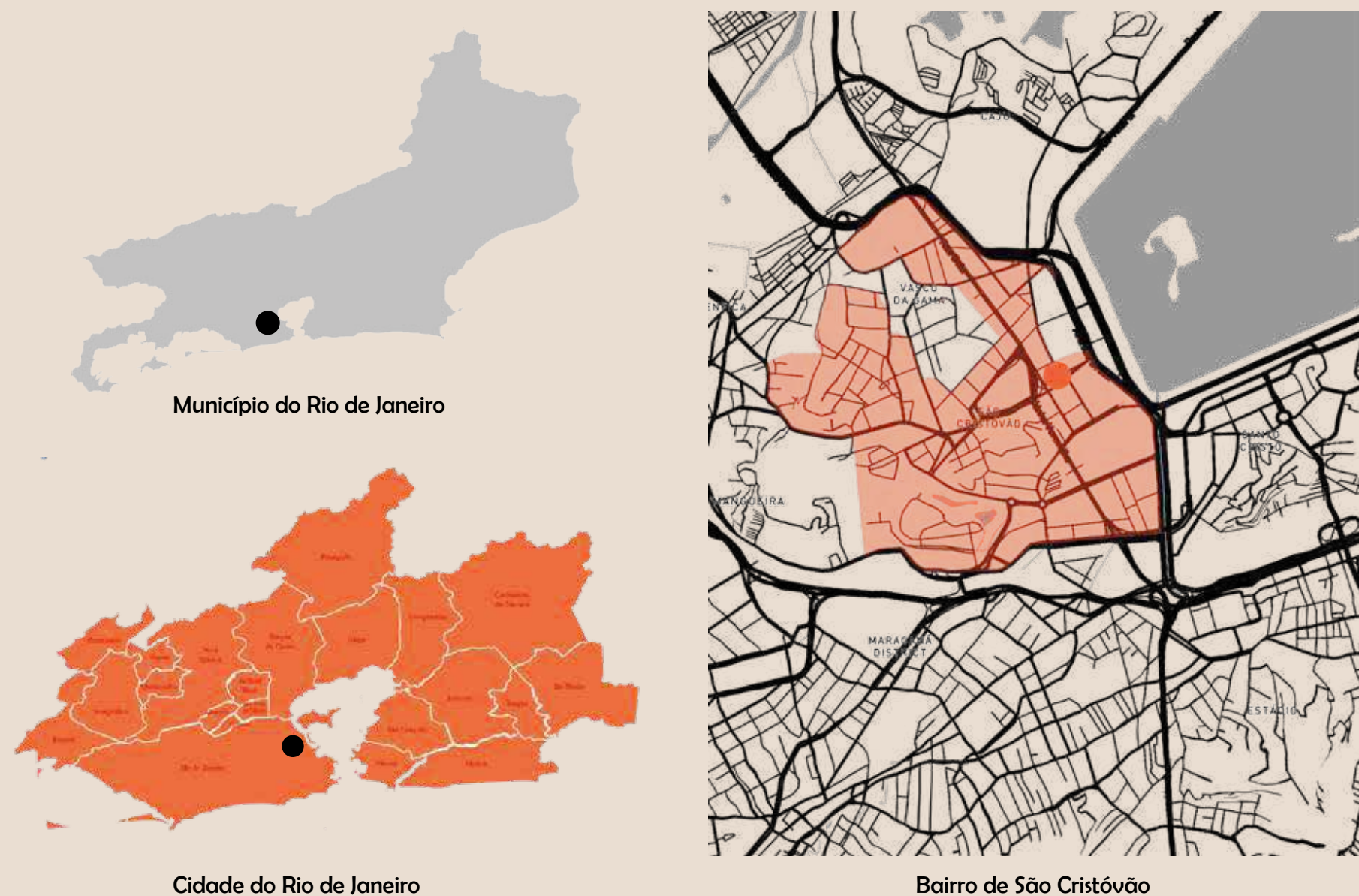


Figura 1: Mapa de localização.  
Fonte: Produzido pela autora, 2021.

Este trabalho final de graduação em arquitetura e urbanismo tem como objeto de estudo a Igreja Matriz de São Cristóvão, localizada entre a Rua Santos Lima e a Rua da Igrejinha nº10 e implantada na Praça Padre Séve.

Localizada hoje entre duas vias essenciais para a cidade, a igreja já existia em 1627, às margens da antiga Praia de São Cristóvão. É um marco na história, na paisagem e na vida dos que frequentam o bairro.

Passando por diversas modificações ao longo do tempo, a Igreja já esteve em domínio dos jesuítas, reconstruída por D. Pedro I e, anos depois, reformada por John Oberg, meu tataravô.

Hoje, a “igrejinha”, como é conhecida pelos fiéis, apesar de funcionar normalmente, está em um estado grave de degradação. Assim, o tema proposto é o desenvolvimento de um projeto de restauro da Igreja Matriz de São Cristóvão.

O trabalho busca propor medidas para preservação do objeto, da memória e da vivência, proporcionando um lugar de calma e lentidão dentro da velocidade e esquecimento da cidade.

Figura 2: Fachada da Igreja Matriz de São Cristóvão.  
Fonte: Wikipédia, Autoria de Halley Pacheco de Oliveira, 2011. Editado pela autora, 2021  
Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Igreja\\_de\\_S%C3%A3o\\_Crist%C3%B3v%C3%A3o\\_no\\_Rio\\_de\\_Janeiro.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Igreja_de_S%C3%A3o_Crist%C3%B3v%C3%A3o_no_Rio_de_Janeiro.jpg)>. Acesso em: Agosto, 2021





***O OBJETO***

## Contexto Urbano

O objeto de estudo deste trabalho - Igreja Matriz de São Cristóvão - se localiza em São Cristóvão, bairro histórico da cidade do Rio de Janeiro, e limite com o Caju.

A Igreja se situa entre duas vias importantes para a conexão da cidade: a Avenida Brasil e a Linha Vermelha. Elas fazem ligação não só com os bairros próximos (Santo Cristo, Centro, Maracanã), mas também com outras zonas do município e com a Ponte Rio-Niterói. São vias de velocidade, com mais de 58km (Av.Brasil) e 25km (Linha V.) de extensão e por onde passam, em cada, mais de 250 mil automóveis por dia, segundo a Prefeitura do Rio.

Além disso, a mobilidade da região é diversificada. Há proximidade com linhas de metrô (sendo a estação de São Cristóvão a mais perto), trem e estações de VLT (sendo a estação Rodoviária a mais perto), além dos pontos de ônibus e a rodoviária.

Outro ponto de destaque é a proximidade com a Baía de Guanabara e as docas. Se antes a Igreja ficava de frente para a calma Praia de São Cristóvão, com pequenos barcos e canoas de pescadores, hoje ela fica próxima de grandes portos de escoamento e importação, que funcionam 24 horas por dia. A paisagem é marcada por vários containers e guindastes.

O bairro também é conhecido por suas atrações culturais. Entre eles, se destacam a Quinta da Boa Vista, Parque urbano que foi residência da Família Real Portuguesa entre 1808 a 1889 e hoje seus jardins atraem diversas famílias para atividades ao ar livre, além de abrigar o Museu Nacional e o BioParque. E, também o Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas, conhecido como Feira de São Cristóvão, um pavilhão que promove a cultura e o comércio de produtos nordestinos e atrai pessoas de todas as regiões da cidade e turistas, principalmente durante a noite. Além disso, também há nas proximidades os museus do Primeiro Reinado (desativado no Governo Cabral, e transformado no Museu da Moda) e de Astronomia, a quadra da escola de samba Paraíso do Tuiuti, e os estádios de São Januário e Maracanã.

Figura 3 : Mapa Síntese de análise do entorno.  
Fonte: Produzido pela autora, 2021.

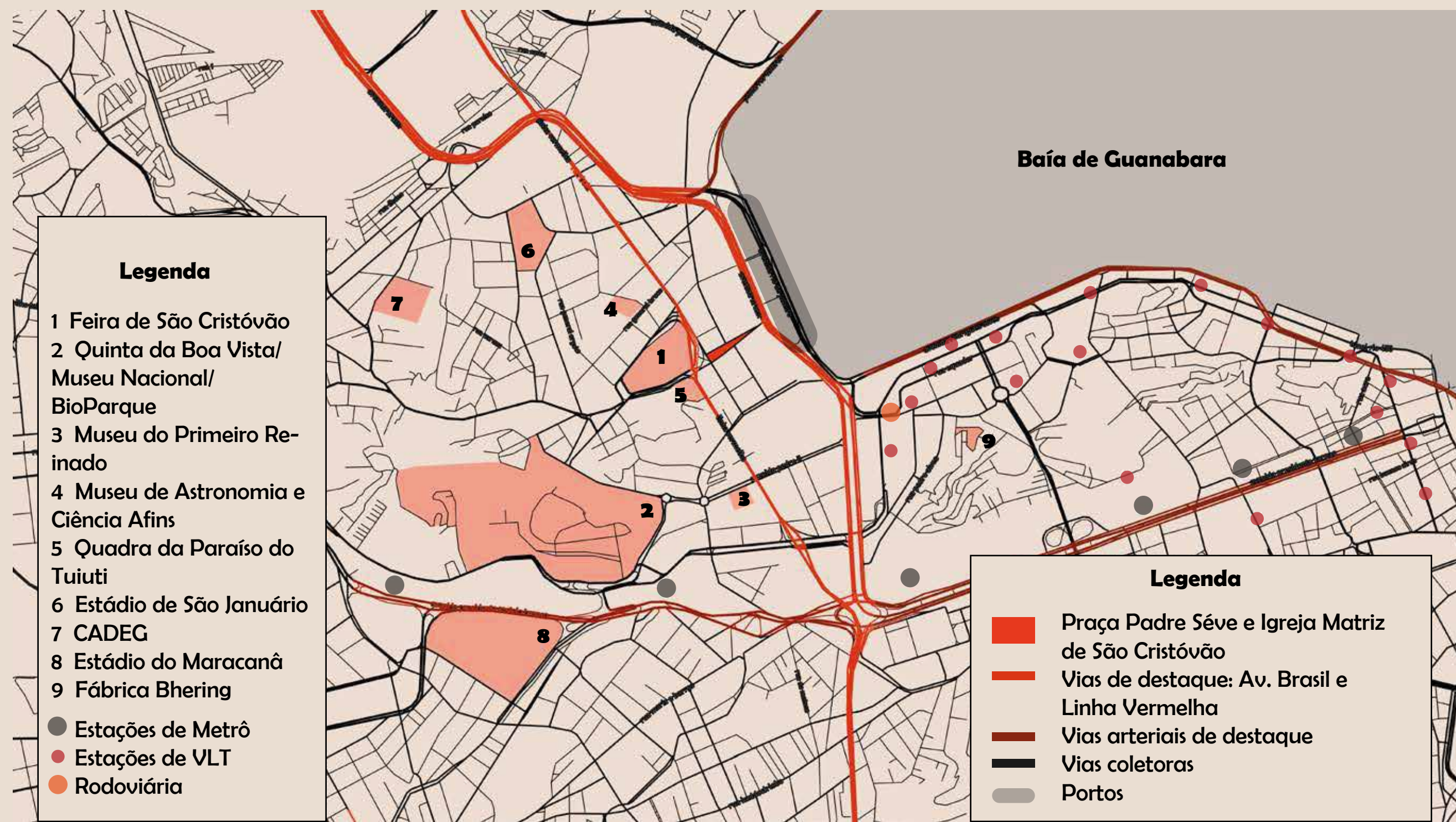


Figura 4 : Registro da Quinta da Boa vista e Museu Nacional. Fonte: Veja Rio .  
Editado pela autora, 2021. Disponível em: <<https://vejario.abril.com.br/cidade/coronavirus-obras-museu-nacional/>>. Acesso em: Agosto,2021.



Figura 5 : Registro da Feira de São Cristóvão. Fonte: Até onde eu puder ir .  
Editado pela autora, 2021. Disponível em: <<https://ateondeeu puderir.com/visite-a-feira-de-sao-cristovao/>>. Acesso em: Agosto,2021.

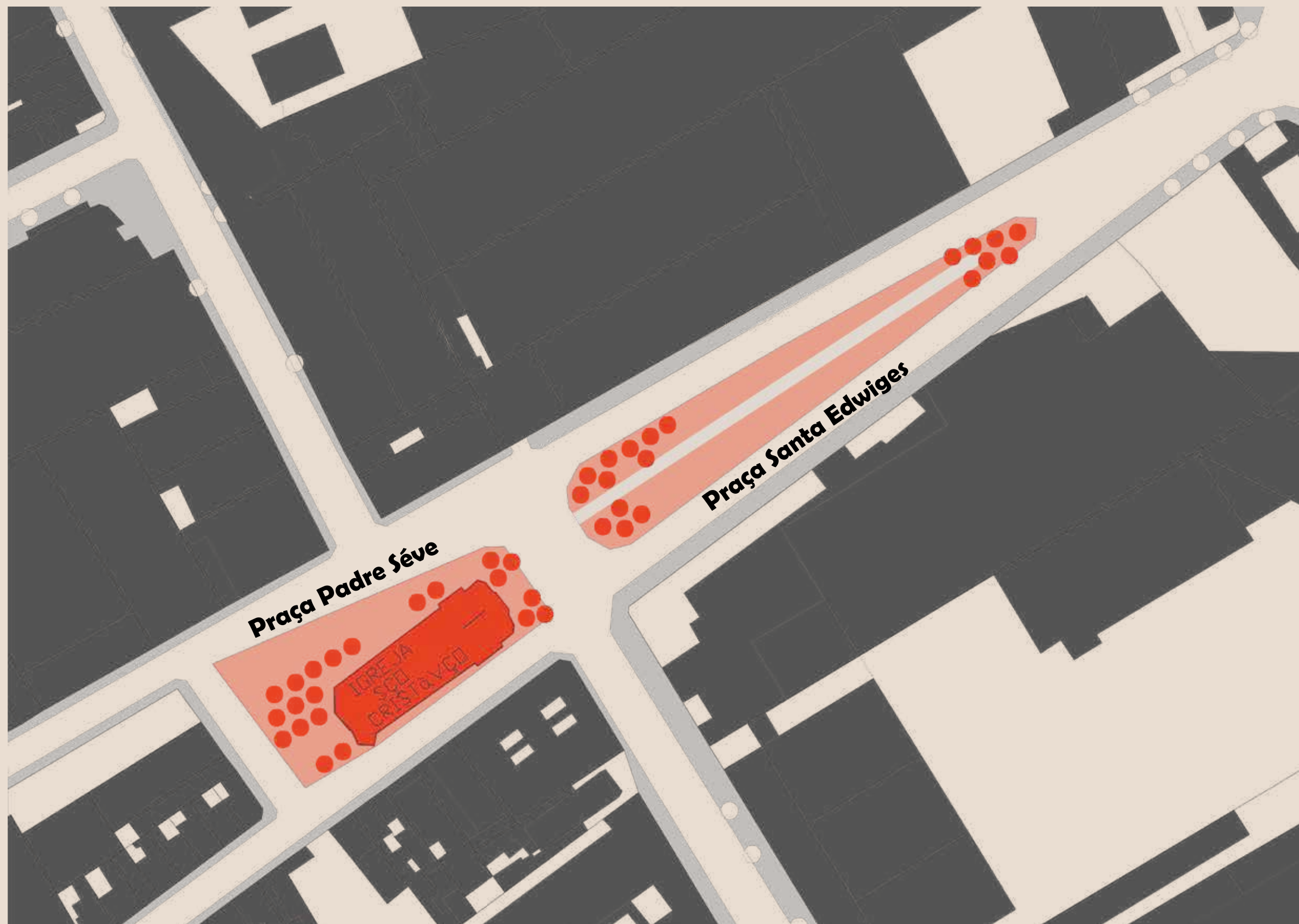


Figura 6 : Mapa da Praça Padre Séve, Santa Edwiges e figura fundo.  
Fonte: Produzido pela autora, 2021

Figura 7 : Registro da Praça Padre Séve  
Fonte: Google Street . Editado pela autora, 2021.  
Disponível em: <<https://goo.gl/maps/AVMhwAg4CMuzTPfW7>>. Acesso em: Agosto,2021.

Figura 8 : Registro da Praça Padre Séve  
Fonte: Google Street . Editado pela autora, 2021.  
Disponível em: <<https://goo.gl/maps/vB-jXPZu9cMJQDRiV9>>. Acesso em: Agosto,2021.

## As Praças

As praças Padre Séve e Santa Edwiges são cercadas pelas Rua Santos Lima e Rua da Igrejinha, e cortadas por uma via de ligação entre elas, dividindo suas espacialidade em duas partes distintas. A primeira, perto da Igreja, é pavimentada, com palmeiras e sem mobiliários fixos. Ela é utilizada como suporte da paróquia, seja hospedando as festas santas, reunião de fiéis, ou até mesmo como estacionamento na parte posterior. Hoje, com a Igreja interditada, ela é utilizada para todas as celebrações e eventos.

Já a Santa Edwiges é marcada por um caminho central, cercado por vegetação gramínea, e arborização por palmeiras, que fazem ligação entre seu comprimento até a Igreja. Seu uso é predominantemente de passagem, mas há mobiliários de permanência divididos ao longo do comprimento e próximo a Matriz, além de mobiliários infantis, que são mais utilizados durante as celebrações religiosas.

Seu entorno é dividido predominantemente entre comércio de pequeno porte, como bar/restaurantes e lojas comerciais, e em grandes galpões, que são utilizados como transportadoras e depósitos. Esse contraste se reflete na paisagem, marcada por construções antigas em contraposição com grandes muros cegos e repetitivos. Não há troca entre as construções e as praças, não havendo integração entre os sistemas.

Além disso, também se reflete na segurança local, que não possui os “olhos da rua” (JACOBS, Jane). Jacobs defende, em seu livro *Morte e Vida das Grandes Cidades* (1961), que o espaço público deve dar suporte ao movimento de pedestres e à interação das pessoas com os edifícios. E quanto mais pessoas circulando a pé, ocupando e usufruindo o espaço público, a cidade seria cada vez mais segura. Muitos furtos acontecem ali, até mesmo na luz do dia, segundo relatos de pedestres. As fachadas cegas e o baixo uso das praças contribuem para isso.

As vias duas vias são de média velocidade e de trânsito relativamente alto, principalmente de automóveis e ônibus.





## A Igreja

Não é possível saber a data em que foi construída, mas documentos de batizados da antiga freguesia de São Sebastião do Rio de Janeiro relatam que em 1627 já existia a “igrejinha” de São Cristóvão, como era conhecida por seus fiéis, dando origem ao nome do bairro futuramente.

Propriedade dos jesuítas, ficava situada dentro da fazenda Quinta dos Padres da Companhia, que fazia parte da sesmaria concedida à Companhia de Jesus por Estácio de Sá, em 1º de julho de 1565. Hoje essa grande sesmaria seria do Rio Comprido até Inhaúma.

Seu estilo poderia ser considerado Neoclássico, como a maioria das construções históricas dessa região. Porém, elas foram totalmente renovadas ao longo do tempo. Não existe mais nada da velha capela, a não ser as imagens de São Cristóvão, São Benedito e N<sup>ra</sup> S<sup>ra</sup> do Rosário, e um pequeno sino da torre.

De frente para a Praia de São Cristóvão, que já não existe mais, por causa dos inúmeros aterros. As águas chegavam quase à porta da Igreja, onde barcos de pescadores ancoravam para assistir às missas e orações. Além do mar, seu acesso também se dava por um pequeno caminho que era muito utilizado como via de comunicação da cidade com o interior. Atualmente a Igreja de São Cristóvão está a quase mil metros de distância do mar.

Augusto Maurício relata em seu livro, *Templos históricos do Rio de Janeiro*, que além de ter um importante papel social, a Igrejinha também era um grande marco na paisagem da cidade.

“Tão branca e com a sua torre tão alta, era vista de longa distância pelos pescadores, que à hora da “Ave-Maria”, ao recolherem os seus barcos, procuravam a igrejinha para nela dar graças ou para pedir a proteção divina.”

Junto à capela, a paisagem era composta pelas casas de residência dos jesuítas; a senzala dos escravos, que eles possuíam em grande número; a fábrica de farinha de mandioca e os maquinismos para o fabrico de cal de que os padres faziam grande comércio. Eles ficavam na Ilha Damasceno, que também fazia parte da fazenda e desapareceu com os aterros na região.

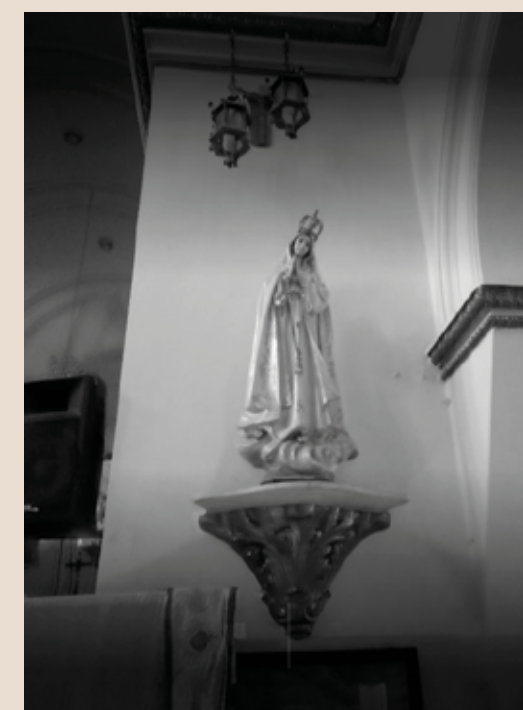
Nessa capela celebravam-se todas as cerimônias religiosas e, para comemorar a semana santa, os escravos saíam em procissão, percorrendo a fazenda até a Capelinha de Santana, situada dentro da Quinta da Boa Vista.

Em 1760, Marquês de Pombal decretou a expulsão dos jesuítas do Brasil e a “Fazenda São Cristóvão” foi toda loteada e arrendada. Com isso, a Igreja de São Cristóvão ficou abandonada durante anos. Permanecendo assim fechada, arruinou-se com o correr do tempo, até que, no reinado de Dom Pedro I, foi restaurada e modificada a sua fachada.

Figura 9: Registro da fachada frontal da Igreja Matriz de São Cristóvão, quando ainda era conhecida por Igreja de Nossa Senhora do Socorro (1890). Fonte: Brasileira Fotográfica. Editado pela autora, 2021  
Disponível em: <<https://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasiliana/handle/20.500.12156.1/3013>>. Acesso em: Agosto, 2021

Figura 10: Registro da fachada posterior da Igreja Matriz de São Cristóvão, quando ainda era conhecida por Igreja de Nossa Senhora do Socorro (1890). Fonte: Brasileira Fotográfica. Editado pela autora, 2021  
Disponível em: <<https://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasiliana/handle/20.500.12156.1/3012>>. Acesso em: Agosto, 2021

Figura 11: Registro da imagem de Nossa Senhora, na Igreja Matriz de São Cristóvão. Fonte: Google Maps, Autoria de Diogenes Ferreira, 2019. Editado pela autora, 2021  
Disponível em: <<https://goo.gl/maps/aVHeMXhyb21-jrazT6>>. Acesso em: Agosto, 2021



Fragmento do livro *Os Monumentos do Rio de Janeiro: inventário 2015*. Fonte: Acervo pessoal.

Figura 12: Registro da Igreja Matriz de São Cristóvão e seu entorno. Fonte: Google Maps, Autoria de Daniel Galdino, 2017. Editado pela autora, 2021  
Disponível em: <<https://goo.gl/maps/b9TXdegR7yf8KbHn9>>. Acesso em: Agosto, 2021



OS MONUMENTOS DO RIO DE JANEIRO: INVENTÁRIO 2015

**S**ão Cristóvão, o bairro imperial, deve seu nome à construção, em 1627, da igreja dedicada ao santo, à beira-mar. Região da posse dos jesuítas até a sua expulsão, o momento mais marcante de sua história foi a Fuga da Família Real portuguesa para o Rio de Janeiro, em 1808. Foi nessa ocasião que o rico comerciante português Elias Antônio Lopes presenteou o príncipe regente D. João VI com sua vasta propriedade, a Quinta da Boa Vista, que logo foi transformada em Paço Real e depois em Paço Imperial.

O rico patrimônio histórico de São Cristóvão inclui, além da Quinta da Boa Vista, com seu palácio que abriga o Museu Nacional, vizinho do Jardim Zoológico, a magnífica casa da Marquesa de Santos, a antiga chácara dos jesuítas (depois Lazareto), o Museu Militar Conde de Linhares e o conjunto de edificações do Observatório Nacional.

Benfica divide com São Cristóvão a forte presença portuguesa. O bairro abriga a CADEG (Centro de Abastecimento do Estado da Guanabara, um mercado municipal) e um dos mais importantes exemplares da arquitetura modernista brasileira: o Conjunto Residencial do Pedregulho, projeto de Afonso Eduardo Reidy.

Conforme conta A. G. Pereira da Silva, provedor da Irmandade do Santíssimo Sacramento da Freguesia de São Cristóvão, D. Pedro I realizou a reforma a pedido da Marquesa de Santos, que desejava ouvir as missas, mas não havia igreja em sua vizinhança (atual Avenida Dom Pedro II n.º 293, onde o prédio ainda permanece erguido), a não ser a capelinha da Quinta da Boa-Vista, que era privativa da família imperial.

A Marquesa recordou-se da velha igreja de São Cristóvão, situada perto do seu palacete e que estava fechada e em completo abandono. Assim, conversou e conseguiu convencer o Imperador de mandar restaurá-la.

Dom Pedro logo providenciou as obras, afirmando publicamente como pretexto a necessidade de usar a igreja para celebração de missas para o Regimento de Caçadores, antiga guarda do Rei Dom João VI, já que seu quartel ficava bem próximo.

Mas, depois de pronta, muitos nobres foram vistos várias vezes frequentando o templo na praia, até mesmo Dom Pedro I, e mais tarde Dom Pedro II e toda a família imperial.

O responsável pela obra foi o Cônego Luiz Antônio Escobar de Araújo que, após ter sido nomeado Vigário, deu-lhe o estilo gótico-romano que tanto a diferencia dos outros templos religiosos da região, como conta o autor Augusto Malta em seu livro, *Templos Históricos do Rio de Janeiro*.

Em 9 de agosto de 1856, por Decreto Imperial, a Freguesia de São Francisco Xavier do Engenho Velho foi desmembrada e criada a Paróquia de São Cristóvão, confirmado por outro em 17 de dezembro do mesmo ano. Além disso, o templo foi elevado à categoria de Igreja Matriz e o primeiro pároco foi o Padre Gustavo dos Santos, nomeado em 14 de novembro de 1857.

Outra grande reforma, e a última até hoje, aconteceu entre 1886 e 1887, realizada por John Oberg.<sup>1</sup> Seu projeto previa medidas necessárias de conservação, além de restauro da fachada e de elementos do interior. Mas o grande ponto diferencial foi a construção do anexo na parte posterior da igreja. Também, utilizando sua formação da Faculdade da Itália, esculpiu uma imagem de madeira de Nossa Senhora do Socorro, que permanece na capela até hoje.

A grande inauguração aconteceu no dia 27 de novembro de 1887, com a celebração do casamento do próprio John e sua esposa Esmeralda.

Já nessa época, a Igreja se encontrava na Praça Séve, nome dado em homenagem a um falecido padre da paróquia. À sua porta passava o bonde “Caju-Retiro”, que construía uma outra paisagem urbana e que era a única condução que levava diretamente os fiéis às missas. Apesar disso, por ser muito próxima ao Campo de São Cristóvão, a falta de transporte não impedia os vários devotos de procurar o templo com frequência.

As mudanças que ocorreram até hoje são de cunho urbano e paisagístico no entorno da Igreja. Houve uma maior ocupação do solo, delimitando os contornos da praça, além de um aumento considerável do gabarito das construções vizinhas. Um passado “ilhado” no presente.

A “igrejinha” continua em funcionamento, de quartas-feiras às segundas-feiras, apesar do estado de degradação interna e externa, e a necessidade de restauro. Suas missas e celebrações, realizadas pelo Padre Edmar Augusto, atraem um grande número de fiéis.

A Igreja se encontra na Área de Proteção do Ambiente Cultural (APAC) do bairro de São Cristóvão. Segundo a Proteção Municipal - Lei Comp. nº 24/1993, ela é classificada em Grau de proteção 1, onde deve-se preservar as características originais do edifício, dentre elas: os acabamentos, elementos decorativos e arquitetônicos e a escala. O órgão responsável pela fiscalização é o IRPH ( Instituto Rio Patrimônio da Humanidade).

Além disso, em 2019 o Ministério Público entrou com uma ação civil pública para averiguar o estado de conservação da Igreja. Foram feitos laudos técnicos dos danos e avaliação profissional e ao final do processo, foi requerido a liberação de verba para a obra o mais rápido possível, passível de multa. Porém, até hoje nada foi feito.

Desde o começo de agosto de 2021, foi totalmente interditada e suas atividades estão acontecendo em uma estrutura externa provisória, até que a paróquia consiga arrecadar fundos para realizar a obra.

<sup>1</sup> Arquiteto e escultor sueco, nascido em Estocolmo e imigrante no Brasil (1864-1909).



Figura 13 Registro do estado da porta de entrada da Igreja Matriz de São Cristóvão.  
Fonte: Google Maps, Autoria de Diogenes Ferreira, 2019. Editado pela autora, 2021  
Disponível em: <. Acesso em: Agosto, 2021

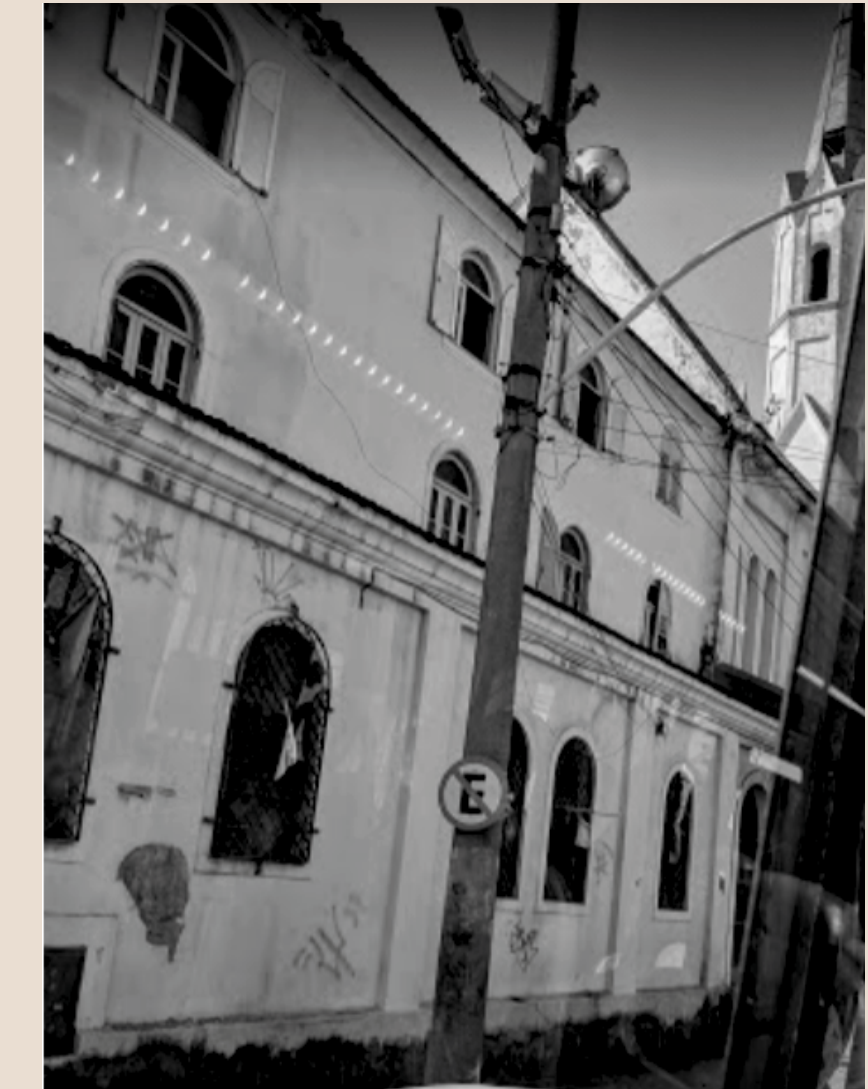
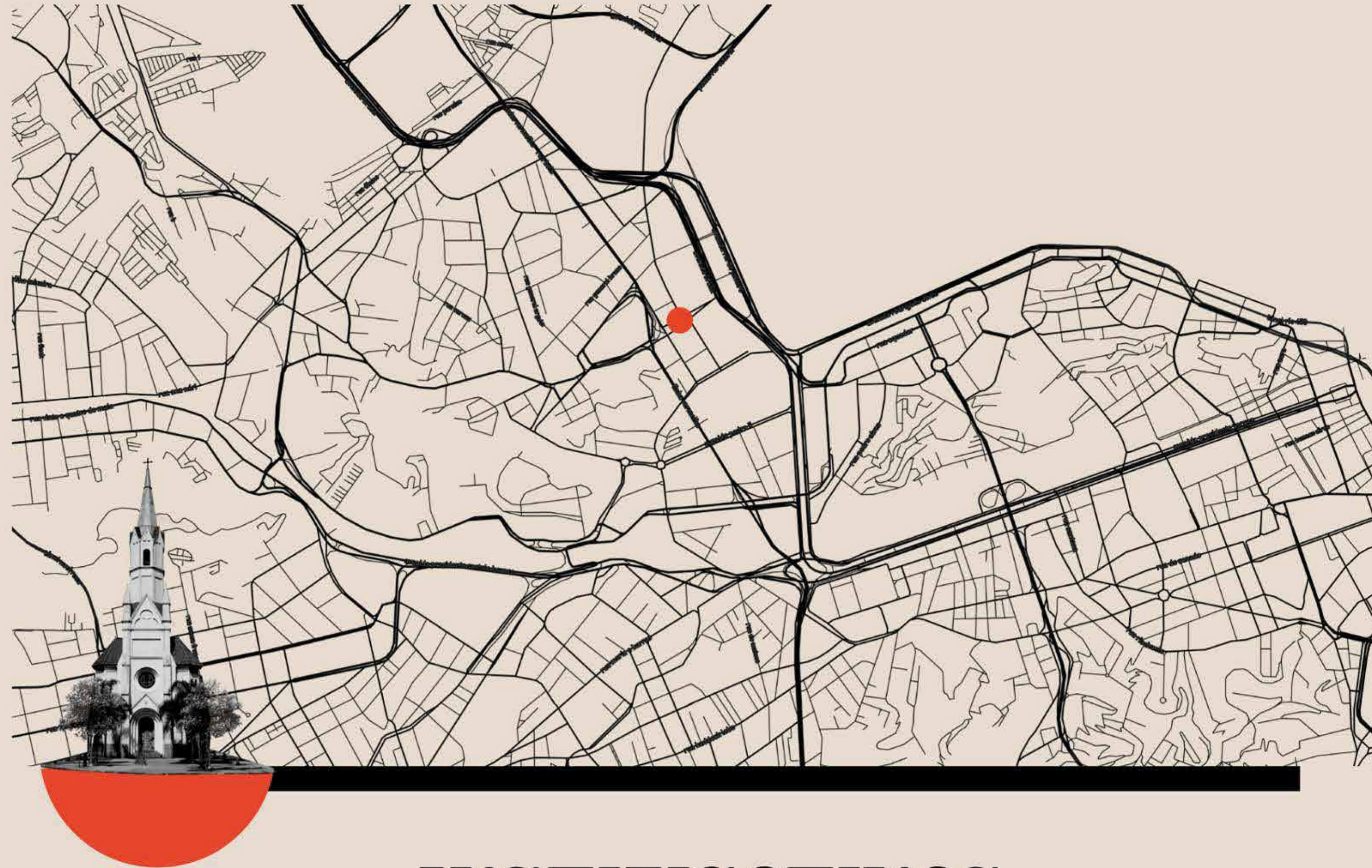


Figura 14 Registro do altar da Igreja Matriz de São Cristóvão.  
Fonte: Google Maps, Autoria de Diogenes Ferreira, 2019. Editado pela autora, 2021  
Disponível em: <<https://goo.gl/maps/-frVv7x8eC1xXt7G67>>. Acesso em: Agosto, 2021

Figura 15 Registro do estado da Igreja Matriz de São Cristóvão.  
Fonte: Google Maps, Autoria de Diogenes Ferreira, 2019. Editado pela autora, 2021  
Disponível em: <. Acesso em: Agosto, 2021

Figura 16: Registro da lateral da Igreja Matriz de São Cristóvão.  
Fonte: Google Maps, Autoria de Mário Pinheiro, 2020. Editado pela autora, 2021  
Disponível em: <<https://goo.gl/maps/1QoA6Y45uvDPU97Z8>>. Acesso em: Agosto, 2021





# ***JUSTIFICATIVAS***

# 1. Memória familiar: John Oberg

John Gustaf Oberg foi um arquiteto e escultor sueco, nascido em Estocolmo em 1864. Deixou a terra natal quando seu pai, escultor, fechou seu ateliê. Como “já” tinha 15 anos e a arte estava em seu sangue, saiu de casa em busca de completar os estudos, tendo cursado arquitetura na Alemanha e acrescentando seus conhecimentos de escultura na Itália.

Imigra para o Brasil em 1886 e aplica o conhecimento que obteve, durante 7 anos, percorrendo a Europa e Ásia. A princípio, veio para a Bahia, onde visitou a tribo indígena Aimorés, mas logo conseguiu um emprego como escultor de maquetes da E. F. Rio Douro (Rio de Janeiro), em que se apaixonou pela filha do dono das oficinas.

Aqui, se converteu ao catolicismo e casou-se em 27 de novembro de 1887 com Esmeralda Andrade, como inauguração da reforma da Igreja Matriz de São Cristóvão. Mais tarde, essa viria a ser palco do casamento de sua filha e de sua neta.

Formou sua família, se estabeleceu e realizou grandes projetos como contam os documentos deixados para a família, como:

- Vila Itararé do Dr. Rosco de Rodrigues (Petrópolis) - 1902;
- Vila Dr. Buarque de Macedo (Petrópolis) - 1902;
- Caixa Pedro V (Rua Vde. Rio Branco, Rio de Janeiro) - 1907;
- Palacete Julio Ottoni (Copacabana, Rio de Janeiro);
- Casa Mme. Rosenwalt (Centro, Rio de Janeiro) - 1906;
- Asilo Gonçalves de Araújo (São Cristóvão, Rio de Janeiro) - 1898;
- Palácio da Liberdade (Belo Horizonte) - 1895;
- Palácio das Finanças (Belo Horizonte) - 1895;
- Palácio da Agricultura (Belo Horizonte);
- Grande Hotel Caxambu (Caxambu) - 1892.

Em seu bolso, ainda foram encontrados desenhos de projetos para a construção da Catedral de São José, em Belo Horizonte.

Figura 16: Aquarela do litoral da Praia de São Cristóvão. Fonte: Richard Bate, 1850 e editada pela autora, 2022.

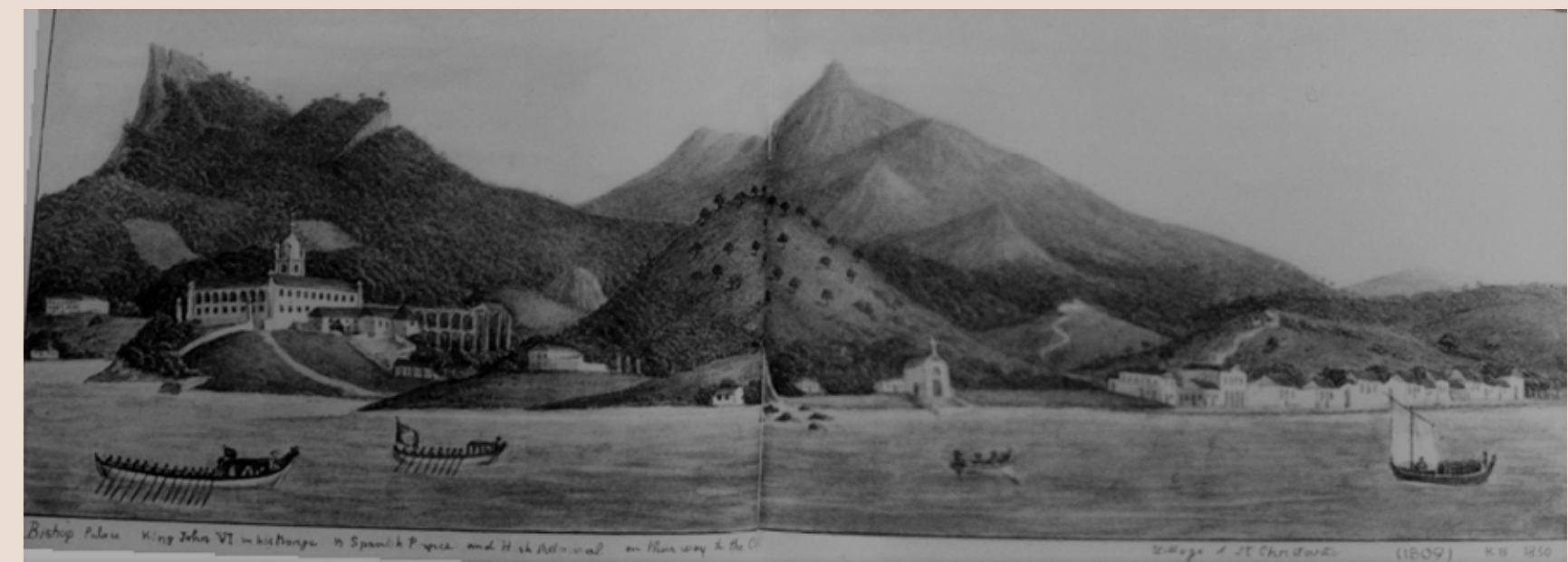


Figura 17: Reportagem sobre o Edifício da Associação dos Empregados do Comércio em meados do séc.XX, com anotações feitas por Esmeralda Azamor. Fonte: Acervo pessoal . Editado pela autora, 2021.



Figura 18: Fotografia da Villa Itararé, Petrópolis RJ, com caligrafia de Esmeralda Azamor. Fonte: Acervo pessoal. Editado pela autora, 2021.



Figura 19: Fotografia do Palácio da Liberdade, Belo Horizonte, com caligrafia de Esmeralda Azamor. Fonte: Acervo pessoal. Editado pela autora, 2021.





Figura 20: Retrato de John Oberg em carvão, feito por sua filha, Esmeralda Azamor (1907). Fonte: Acervo pessoal. Editado pela autora, 2021.

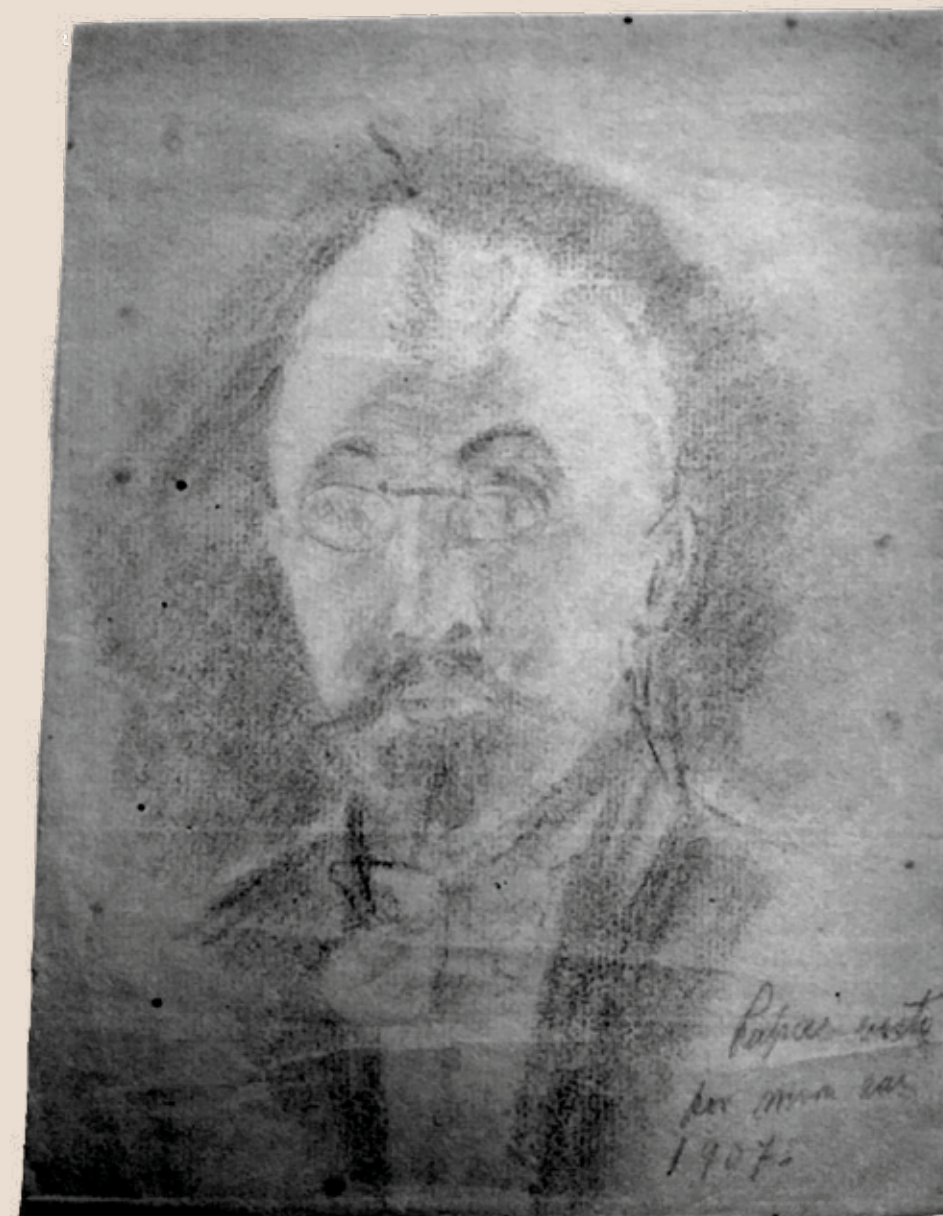


Figura 21: Retrato de John Oberg (1904) com anotações feitas por sua filha, Esmeralda Azamor. Fonte: Acervo pessoal. Editado pela autora, 2021.

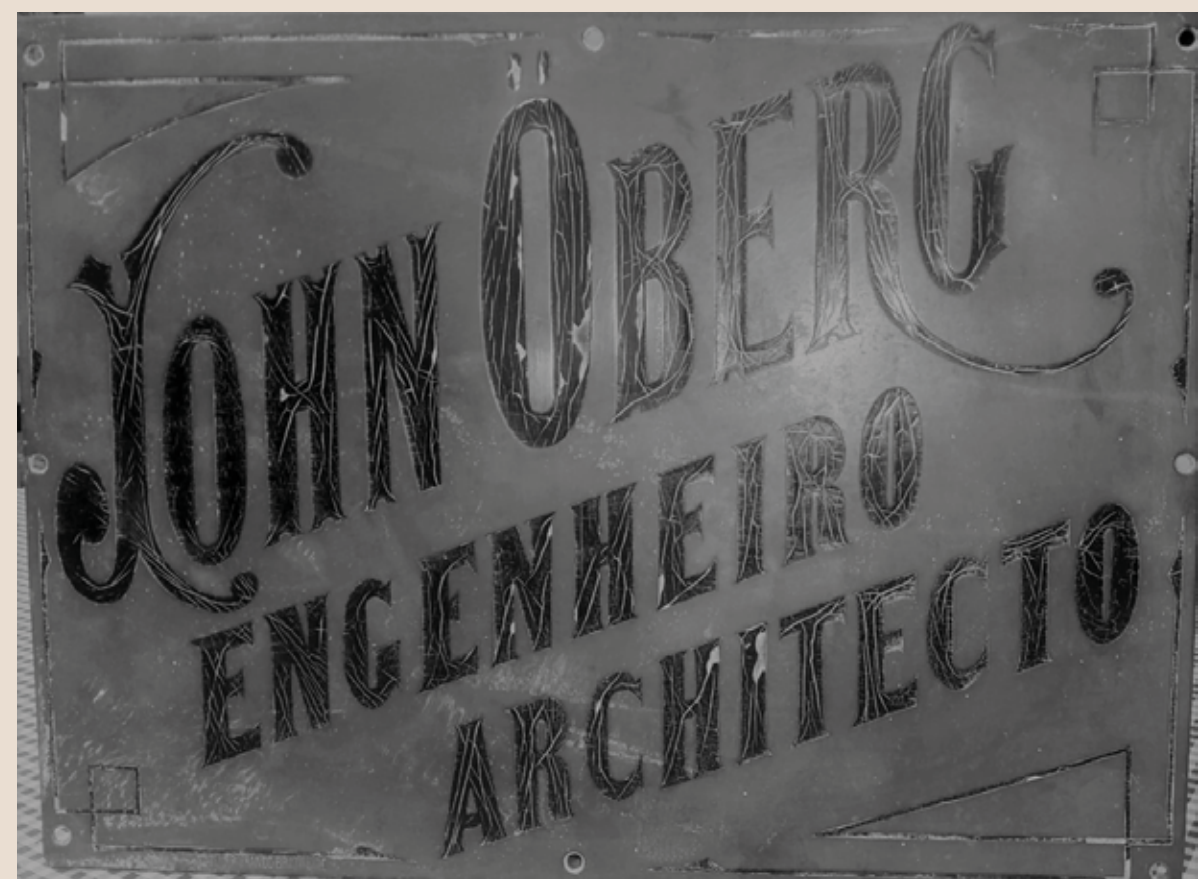


Figura 22: Placa do escritório de John Oberg. Fonte: Acervo pessoal. Editado pela autora, 2021.

Além disso, ganhou diversos prêmios em concursos e exposições, mas muitas de suas obras não levaram seu nome por ser estrangeiro e não naturalizado.

Dentre elas, medalha de ouro na Exposição Artística Industrial Fluminense (1901); Concurso do Novo Edifício da Associação dos Empregados do Comércio; e menção honrosa no Concurso das Fachadas da Avenida Central (atual Avenida Rio Branco).

Em 1904, recebeu uma proposta do Clube de Engenharia para se filiar como sócio.

“ 18-10-1904

Ilmo. Sr. John Oberg:

Tenho a honra de vos comunicar, que, em sessão do Conselho Diretor ontem realizada, por proposta do Sr. Dr. Paulo de Frontim, fostes unanimemente aceito sócio efetivo deste Clube.

Remeto-vos um exemplar dos Estatutos e aproveito a oportunidade para apresentar-vos os meus sentimentos de estima e consideração.

O 1º Secretário

Luiz Vanbr”

Seu escritório ficava na Rua São Pedro, que hoje deu origem à Avenida Presidente Vargas, mas gostava mesmo era de trabalhar em casa, durante a madrugada. Às tardes, era frequentador assíduo da boemia carioca com Emílio de Meneses e Olavo Bilac.

Também tinha como amigos pessoais e parceiros de trabalho os arquitetos Heitor de Mello e Morales de los Rios, com quem trocava frequentemente correspondências.

“ Ao bom amigo e caro colega J.Oberg cumprimento, neste começo de ano, e desejo-lhe toda sorte de venturas, felicidades, sem dificuldades e de um horror de dinheirama porque o resto Deus lhe deu e V.M. conserva. (1-1-1905) Ass. Morales de los Rios”

Em 25 de julho de 1909, aos 45 anos, faleceu por conta de problemas de saúde crônica. Deixou esposa e quatro filhos, de 18 a 2 anos.

Figura 23: Reportagem sobre a Igreja Matriz de São Cristóvão de meados do séc.XX, com anotações feitas por Esmeralda Azamor. Fonte: Acervo pessoal. Editado pela autora, 2021.

“Há sim, muita terra bonita para se ver, mas servem apenas para passeio. Viver - só mesmo no Brasil.”

Essa era uma frase que ele dizia muito, segundo sua filha Esmeralda Azamor, quando esta lhe perguntava sobre todos os lugares que visitara. Lalada, como era conhecida, tornou-se professora da Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro e, ao longo de sua vida, documentou a história do pai em escritos. Estes foram distribuídos pela família e seguem, até hoje, indo de geração a geração.

Seu interesse e vontade de manter a história de seu pai viva era tanta que, em 1937, viajou para Estocolmo em busca da parte paterna de sua família. Lá, encontrou seus primos Lindquist, conheceu a casa da família e deu entrevistas ao jornal sueco Aftonbladet, que funciona até hoje, sobre os feitos de John no Brasil.

Segundo seus relatos, também era de interesse brasileiro documentar a vida do pai. Em 1963, ela foi convocada pela Biblioteca Nacional para contar sua história, como relata nos escritos.

Um sueco apaixonado pelo Brasil, por sua família e pela arquitetura. Seu sangue ainda corre em seus descendentes, sua memória segue viva, mas seu legado profissional corre perigo.

Hoje, a “igrejinha”, como é conhecida pelos fiéis da comunidade, está em estado de degradação crescente. Diversos laudos técnicos apontam graves danos e a necessidade urgente de reforma, para garantir seu funcionamento.

Apesar de fazer parte da Área de Proteção do Ambiente Cultural (APAC) e da movimentação dos fiéis, nenhum projeto foi levado para frente.

Como legítima Oberg, é meu dever lutar para preservar o legado de meu tataravô, restituir ao bairro e a cidade um importante edifício histórico e além disso, é uma forma de resgate e conexão com a memória da minha família, dando continuidade a um projeto tão importante para John Oberg.



## 2. Patrimônio Histórico no Brasil

Em setembro de 2018, o patrimônio histórico e cultural brasileiro sofreu um grande prejuízo quando assistimos ao incêndio do Museu Nacional, que passava por dificuldades financeiras e corte de orçamento. Lamentavelmente, não se tratou de um caso isolado de descaso das autoridades públicas. O Rio de Janeiro, capital do Império português, do Império do Brasil e da República, parece estar cada vez mais em estado de descuido, com pelo menos 55 bens culturais em estado de comprometimento, ou fechados, ou abandonados.

Existe falta de interesse público e liberação de recursos destinados à conservação e restauro no país. Porém, segundo Daniel Sampaio <sup>1</sup>, ativista do patrimônio, esse desinteresse é um problema grave enraizado na sociedade como um todo. Há uma nova mentalidade de valorizar a renovação e esquecer o passado histórico.

Isso pode ser visto no caso do MAR (Museu de Arte do Rio), em que a prefeitura destinou uma verba para a obra, mas visando a revitalização do porto e a renovação da cidade. Em nenhum momento o olhar se voltou para o passado, apenas para o futuro.

Esse cenário é problemático, visto que a memória e identidade coletiva ficam em segundo plano, como ressalta Sampaio.

“A preservação da nossa história serve, é claro, para incrementar o turismo, impulsionar a economia dos bairros e desenvolver a nossa cidade. Mas não deixemos de lado o que mais importa: o Rio Antigo nos ajuda no reencontro com a nossa própria identidade.” (SAMPAIO, Daniel)

A perda do patrimônio representa a perda da história e da identidade, o que pode ser preocupante, pois a história do nosso município e do local onde moramos é única e insubstituível, e a destruição das suas representações materiais representa o esquecimento de parte da nossa identidade cultural, e esquecer nossa cultura é esquecer quem somos.

Segundo o professor da FAU/UFRJ, arquiteto e urbanista e membro do conselho estadual de tombamento, Olíneo Coelho <sup>2</sup>, devemos investir na educação da sociedade e no diálogo sobre o patrimônio.

“A preservação do patrimônio cultural é um processo de educação. À medida que a sociedade vai tomando consciência da importância de seu universo cultural a preservação vai sendo efetivada gradativamente.” (COELHO, Olíneo)

Diante disso, esse trabalho busca promover a valorização do patrimônio histórico e cultural nacional, através do projeto de restauro de um edifício que presenciou diversas fases da história do Rio de Janeiro. Além disso, é de interesse aproximar a sociedade com o tema, proporcionando diálogo e reflexões. Para isso, o projeto contará com uma área destinada para contar a história da Igreja e de seu entorno, valorizando a identidade e memória coletiva carioca.

Figura 24: Reportagem sobre a questão do Patrimônio Histórico no Brasil. Fonte: Exame. Editado pela autora, 2021. Disponível em: <<https://exame.com/brasil/patrimonio-historico-brasileiro-vive-dias-de-abandono/>>. Acesso em: Agosto, 2021.

Figura 25: Registro do incêndio no Museu Nacional, em 2018. Fonte: PROARQ UFRJ. Editado pela autora, 2021. Disponível em: <<https://www.proarq-fau.ufrj.br/noticias/373/nota-do-proarq-fauufrj-sobre-o-incendio-no-museu-nacional-quinta-da-boa-vista-rj>>. Acesso em: Agosto, 2021.

BRASIL

## Patrimônio histórico brasileiro vive dias de abandono

Restrição de verbas e falta de mão de obra especializada na conservação do patrimônio histórico se agravaram nos últimos anos no Brasil

Por **Estadão Conteúdo**

Publicado em: 25/12/2017 às 14h39

Tempo de leitura: 4 min



REVISTA DO BRASIL, REVISTA DO BRASIL - EDIÇÃO 117

DÉFICIT CULTURAL

## Em crise, Rio de Janeiro abandona seus bens históricos

Cidade tem pelo menos 40 bens culturais em situação de abandono

Publicado 21/05/2016 - 10h49

Figura 26: Reportagem sobre a questão do Patrimônio Histórico no Rio de Janeiro. Fonte: Revista do Brasil. Editado pela autora, 2021. Disponível em: <<https://www.redebrasilatual.com.br/revisitas/2016/05/em-crise-rio-de-janeiro-abandona-seus-bens-historicos-800/>>. Acesso em: Agosto, 2021.

Figura 27: Registro do estado do Sobrado dos Toledos, Iguape. Fonte: . Editado pela autora, 2021. Disponível em: <<https://www.pressreader.com/brazil/o-estado-de-s-paulo/20171225/281530816391307>>. Acesso em: Agosto, 2021.

Figura 28: Reportagem sobre a questão do Patrimônio Histórico no Brasil. Fonte: Estadão. Editado pela autora, 2021. Disponível em: <<https://www.pressreader.com/brazil/o-estado-de-s-paulo/20171225/281530816391307>>. Acesso em: Agosto, 2021.



ESTADÃO #6

## Abandono e falta de verbas ameaçam patrimônio histórico

De 423 ações previstas em programa federal desde 2013, só 38 foram entregues

25 dez. 2017 | 5 min | Priscilla Mergue Leonardo Augusto ESPECIAL PARA O ESTADO / OURO PRETO

<sup>1</sup> Advogado, ativista do patrimônio, fundador do Instituto Rio Antigo e colunista no VejaRio.

<sup>2</sup> Professor da FAU/UFRJ, teve atuação marcante no campo do patrimônio histórico e faleceu em setembro de 2021.

Figura 29: Registro do Palácio Imperial. Fonte: Brasiliana Fotográfica . Editado pela autora, 2021. Disponível em: <<https://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasiliana/handle/20.500.12156.1/6356>>. Acesso em: Agosto, 2021.

### 3. São Cristóvão e suas camadas

O objeto de estudo deste trabalho - Igreja Matriz de São Cristóvão - se localiza em São Cristóvão, bairro histórico da cidade do Rio de Janeiro.

“Muitos foram os acontecimentos marcantes para o país que ocorreram em São Cristóvão. A Família Real morou lá por anos, Dom Pedro I viveu lá e seu filho, Pedro II, governou (de sua residência no bairro) o Brasil por quase 50 anos”, destaca o historiador Maurício Santos. Algumas dessas marcas permanecem e marcam a paisagem na região, como a Quinta da Boa Vista, o Paço Imperial e o Solar da Marquesa de Santos. Não é á toa que até hoje é conhecido como “O bairro imperial”, termo oficializado pela prefeitura no início do século XXI.

Com o tempo foram aumentadas as áreas do local através de aterros, fomentando a região em razão das facilidades propiciadas pelo cais da igreja para a chegada de mercadorias e pela rua São Luiz Gonzaga para acesso dos cultivadores vindos do interior, além da estrada de Ferro Rio Douro que tinha ponto de partida no bairro.

Já no século XX, São Cristóvão passou a ter atividade industrial tão intensa que chegou a ser considerado o bairro mais industrializado da América do Sul. A maior parte da atividade era têxtil, e o bairro ainda é reconhecido como berço da moda, como conta Jerman Bessler, um dos fundadores da Malha (projeto de incentivo ao consumo consciente, localizado no bairro.)

“Além de ser um ponto estratégico, uma ponte entre as zonas Norte e Sul, existe ainda a questão cultural, histórica e social da moda - comenta Bessler. - São Cristóvão é o grande centro da moda dentro do Rio, cidade capital das tendências na América Latina - exalta o fundador (do projeto Malha).” Esse foi, inclusive, um dos argumentos utilizados para a transformação do Museu do Primeiro Reinado em Museu da Moda.

Junto com as indústrias, vieram imigrantes de todas as partes do Brasil à procura de emprego (é nesse momento que a Feira dos Nordestinos adquire importância). Houve um processo de ocupação desordenada, favelização das áreas em torno das fábricas, entre as quais o morro da Mangueira conquistou notoriedade. Os antigos sobrados e casarões foram transformados em pequenas lojas comerciais e pensões.

Outras grandes mudanças urbanas foram feitas com o novo contexto, como a construção da Linha Vermelha e da Avenida Brasil. Elas serviam de escoamento da produção e hoje são duas das principais vias que ligam a cidade. O bairro cada vez mais adquire o caráter comercial e de passagem.

Todas essas camadas se fazem presente na paisagem de São Cristóvão, mas sobrepostas e não funcionando como um sistema integrado. A velocidade cada vez mais presente sob a lentidão.

Diante disso, o trabalho busca promover melhorias para a região através da restauração da Igreja Matriz, valorizando a camada histórica do bairro, mas reconhecendo e integrando com a camada recente. Além disso, a proposta avançará para a praça adjacente, promovendo um espaço de transição entre a Avenida Brasil e Linha Vermelha, e proporcionando um espaço de calma e estar dentro de um cenário de passagem e pressa.



Figura 30: Registro da antiga fábrica. Fonte: Research Gate, Autoria de Rafael H. Teixeira. Editado pela autora, 2021. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/figure/Figura-1-ANTIGA-FABRICA-SAO-CRISTOVAO-ATUAL-INTERGRIFES\\_fig1\\_342555355](https://www.researchgate.net/figure/Figura-1-ANTIGA-FABRICA-SAO-CRISTOVAO-ATUAL-INTERGRIFES_fig1_342555355)>. Acesso em: Agosto, 2021.

Figura 31: Registro aéreo do bairro de São Cristóvão. Fonte: Tyba. Editado pela autora, 2021. Disponível em: <[http://tyba.com.br/registro/cd325\\_380.JPG/-Visita-da-Linha-Vermelha-na-altura-de-Sao-Cristovao---Rio-de-Janeiro---Rio-de-Janeiro-RJ---Brasil](http://tyba.com.br/registro/cd325_380.JPG/-Visita-da-Linha-Vermelha-na-altura-de-Sao-Cristovao---Rio-de-Janeiro---Rio-de-Janeiro-RJ---Brasil)>. Acesso em: Agosto, 2021.

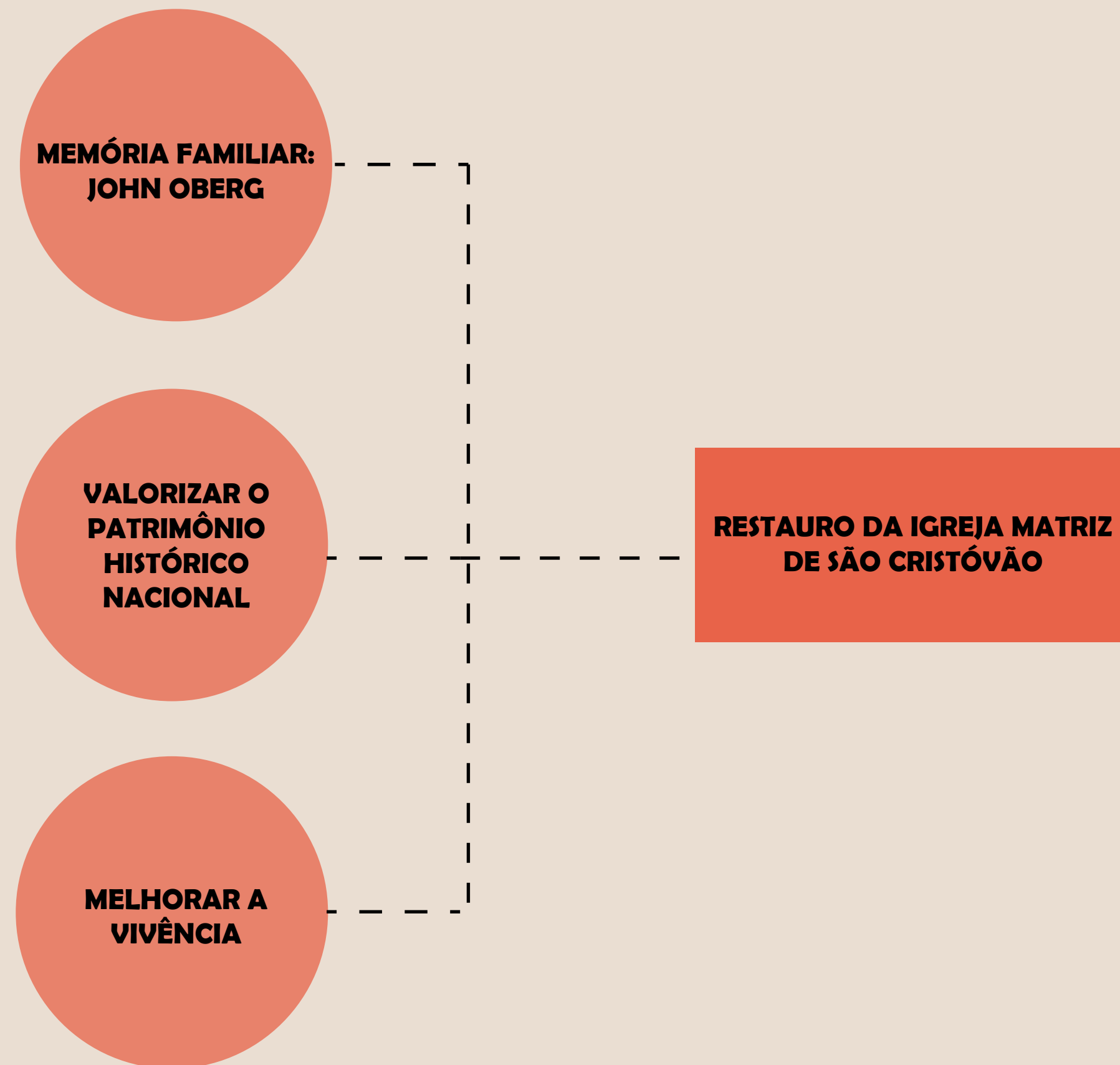
Figura 32: Registro da Rua Santos Lima e Praça Padre Séve, São Cristóvão. Fonte: Google Street. Editado pela autora, 2021. Disponível em: <<https://goo.gl/maps/Quit-jVchEji4zR5m18>>. Acesso em: Agosto, 2021.







**OBJETIVO**



Esse trabalho tem como objetivo desenvolver um estudo preliminar de restauro da Igreja Matriz de São Cristóvão, visando preservar o objeto em questão e a memória da região, não deixando esquecer suas diversas camadas apagadas ao longo da história. É importante ressaltar que será respeitado o passado do edifício, realizando intervenções que evidenciem o omento que foam feitas e as suas etapas (GIOVANNONI,1931).

Além disso, o objetivo específico é uma forma de resgate e conexão com a memória da minha família, dando continuidade a um projeto tão importante para John Oberg.

Aqui, o olhar se volta para o patrimônio, buscando promover discussões sobre o tema e ressaltar a importância de sua conservação e preservação para a cidade e gerações futuras. Para isso, serão propostas formas de valorizar a imagem do edifício como riqueza cultural e que exponha e conte sua história.

Também é de interesse primordial contribuir positivamente para as relações que acontecem na região, visando promover melhorias para os frequentadores, para o sistema e para a paisagem urbana. Isso se dará através de um ambiente integrado com o entorno e que proporcione uma vivência de qualidade. A intervenção avançará a igreja, conectando-se com as áreas livres e a cidade.

Milan Kundera, grande escritor checo-francês, compreende que existe uma relação direta e proporcional entre velocidade/esquecimento e a lentidão/memória. Quanto mais rápido uma cidade cresce, mais rápido ela esquece de sua história. Para ele, “nossa época se entrega ao demônio da velocidade e é por essa razão que se esquece tão facilmente de si mesma.”

Assim, o trabalho propõe um sistema integrado, que respeite o passado, valorize o patrimônio e a cultura, conte e dê forma a sua história e proporcione um espaço de cama, bem-estar e sensível para as pessoas.

**Um espaço de lentidão e memória dentro de um contexto de velocidade e esquecimento.**



# ***METODOLOGIA***

O trabalho foi estruturado em quatro frentes, que atuam juntas e integradas no processo.

Na primeira frente, compreendemos o entorno baseado no estudo de Análise, ordenação e projeto da paisagem, de TARDIN (2018). Segundo Raquel <sup>1</sup>, a paisagem pode ser entendida em três frentes sistêmicas: os aspectos biofísicos, os aspectos socioculturais e o contexto urbano da área. Através dessas análises, podemos projetar sob a paisagem urbana.

Na segunda parte, estudamos o próprio objeto através de análises baseadas em questões arquitetônicas. Entendemos sua história, sua construção e funcionamento espacial, além de sua situação atual de danos e leis que atuam sobre ele.

Já terceira linha de pensamento é a Compreensão teórica, esclarecendo conceitos e definições adotados no trabalho e que foram estudados por BRANDI (1963), em Teoria da Restauração. O autor é até hoje referência no assunto e produziu estudos sólidos sobre Restauração, Conservação e Intervenção no patrimônio histórico e artístico. Também serão estudados GIOVANNONI (1931) e seus Textos Escolhidos, dando ênfase em relação ao patrimônio e a cidade, e BOITO (1884), na questão da exposição de sua história.

Além disso, também foram estudadas cartas patrimoniais, que deram embasamento técnico, projetual e conceitual. Entre elas, a Carta de Atenas (1931), Carta de Veneza (1964), Carta de Burra (2013), Carta de Quito (1967), Carta de Cracóvia (2000) e Carta de Lisboa sobre a reabilitação urbana integrada.

Por último, partimos para a Intervenção, em que nos baseamos nas teorias já citadas e nas análises feitas, para realizar um estudo de caso, definir as diretrizes a serem seguidas e propor um estudo preliminar.

Para isso, será feito:

- Visita ao local
- Documentação fotográfica
- Entrevistas com moradores e fiéis
- Levantamento de dados
- Compreensão Teórica: Pesquisa bibliográfica
- Produção de plantas digitais
- Análise do objeto
- Análises socioculturais
- Análises biofísicas
- Estudo de caso
- Levantamento de fachadas
- Diagnóstico de patologias
- Mapa de danos
- Produção de maquete eletrônica em SketchUp
- Elaboração de Projeto Preliminar

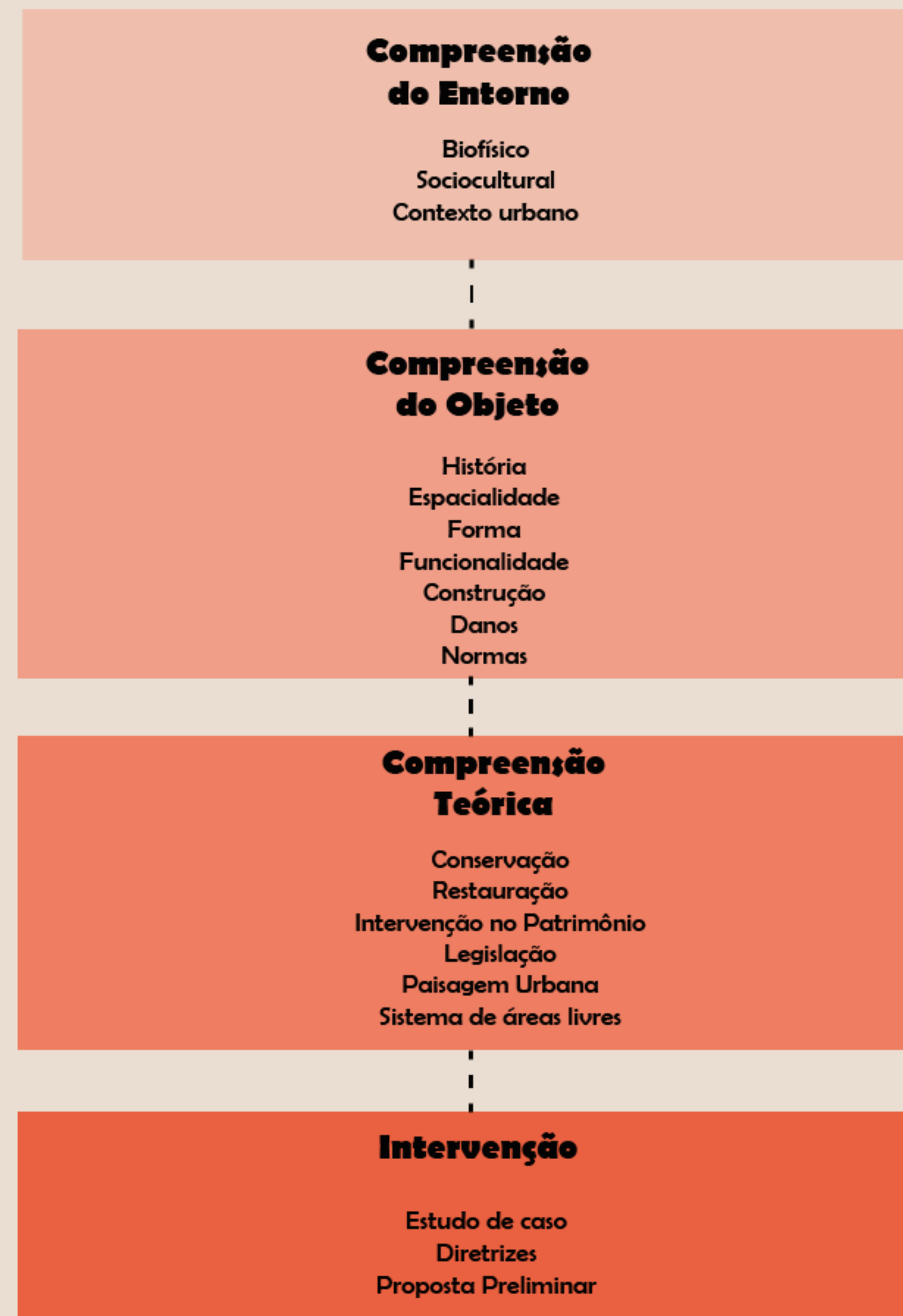
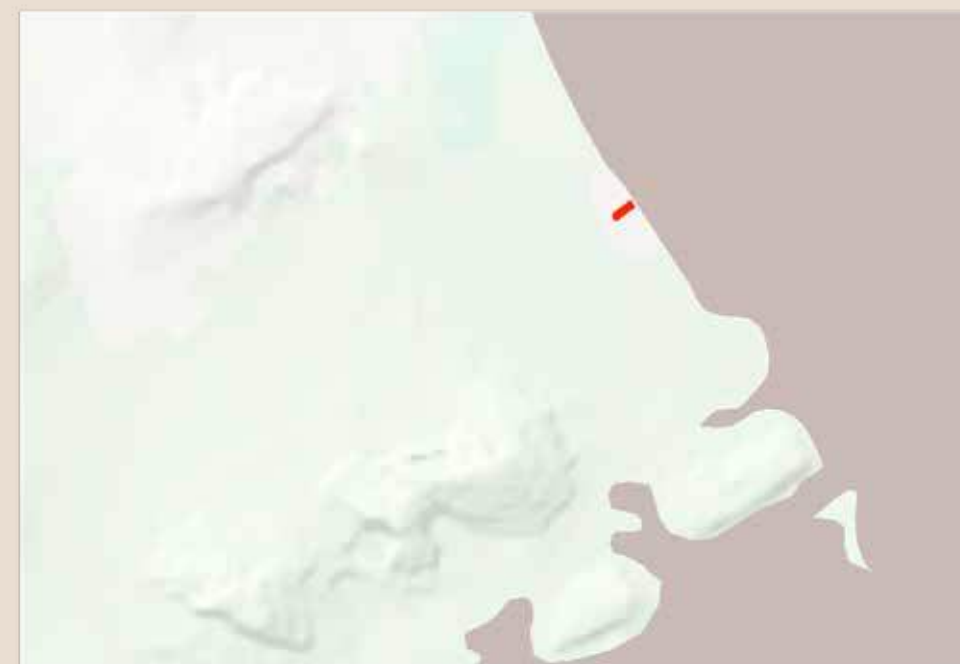


Figura 34: Fluxograma de metodologia. Fonte: Produzido pela autora, 2021.

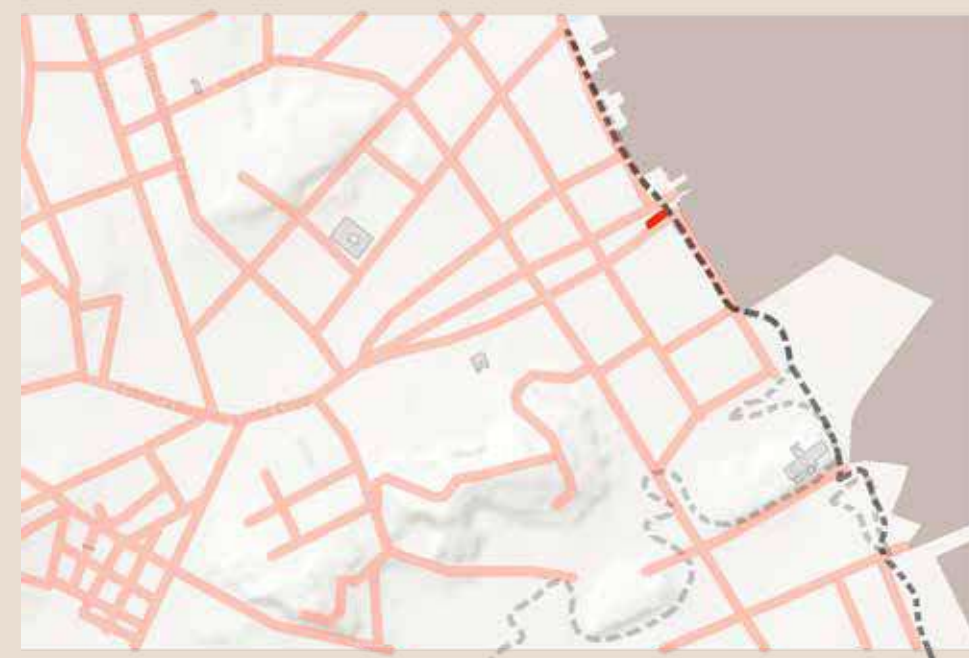
<sup>1</sup> Raquel Tardin é professora da FAU/UFRJ, pesquisadora e autora de livros sobre ordenação da paisagem.



***COMPREENSÃO DO  
ENTORNO***



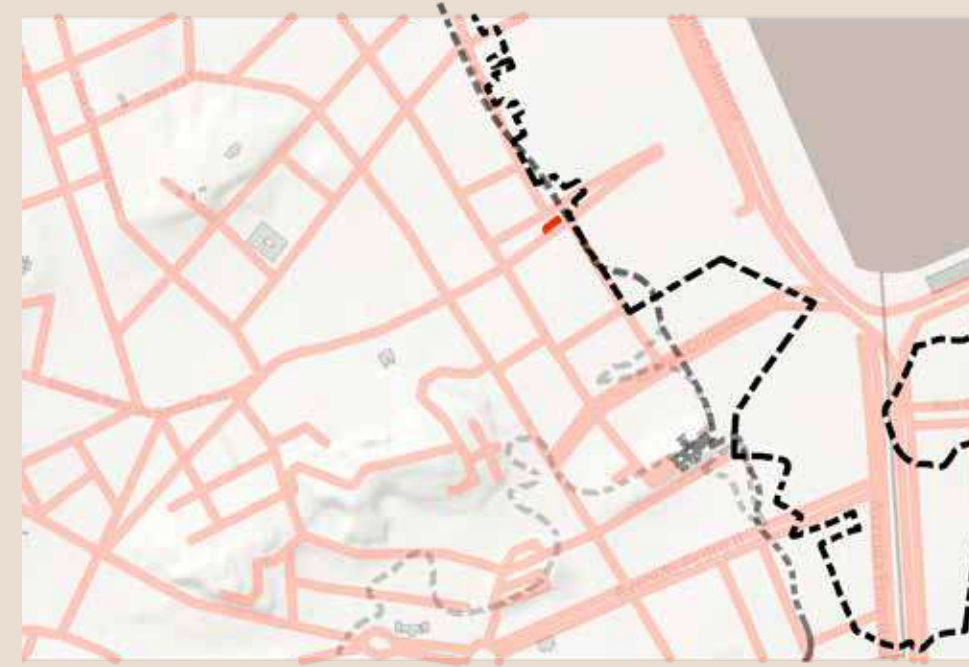
1650



1900



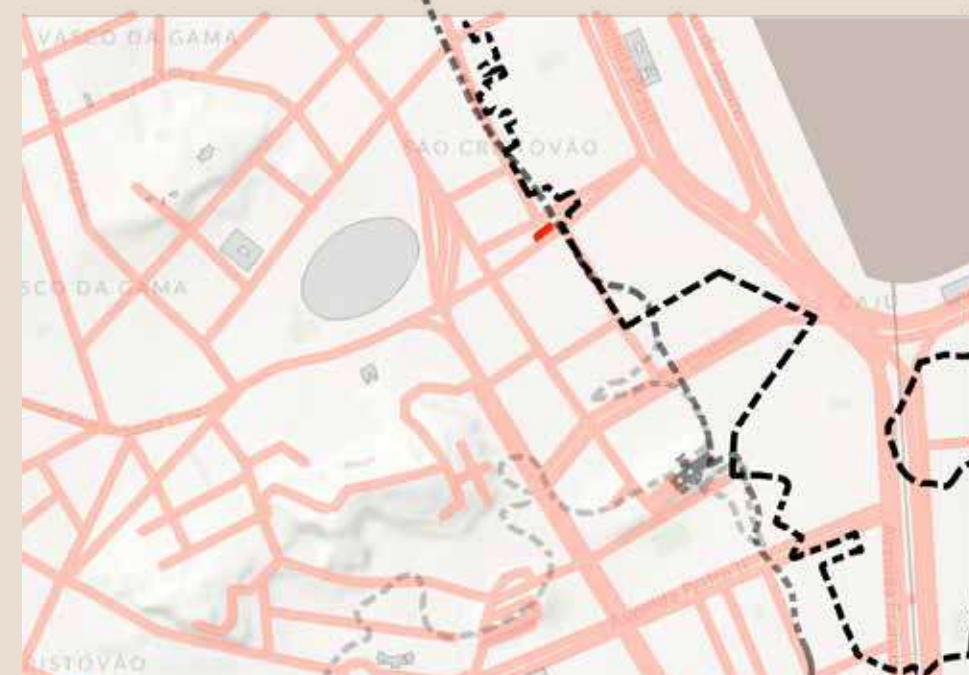
1800



1950



1850



2000

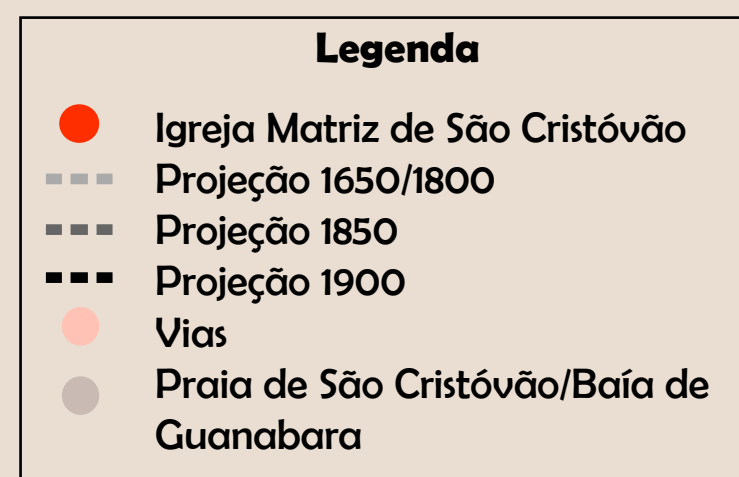


Figura 36: Linha do tempo de ocupação da área de estudo. Fonte: Produzido pela autora, 2021.



## 1. Biofísico

Figura 37: Mapa Síntese de análise de aspectos biofísicos da área de estudo. Fonte: Produzido pela autora, 2021.

O Rio de Janeiro passou por diversos aterramentos, como dito anteriormente, com o crescimento da cidade. Analisando no recorte de estudo, é possível perceber como eles foram se sobrepondo ao longo dos anos e como a relação com o meio biofísico sofreu bastantes alterações.

Dentre elas, se destaca a relação com os corpos hídricos. Se antes ela acontecia de maneira natural e orgânica, hoje se percebe a intenção de “domá-la”. A Baía de Guanabara é um exemplo, onde o homem explora o recurso natural, alterando e dominando a paisagem. Antes, na antiga Praia de São Cristóvão, se viam pequenos barcos e canoas de pescadores, além da proximidade com a cidade. Hoje, vemos o mar há metros de distância, com diversos maquinários portuários de grande escala. Outro exemplo é o Rio Trapicheiros, que foi delimitado e contido artificialmente pelo homem.

Também se destaca a relação entre crescimento urbano e a cobertura vegetal. Conforme as vias foram sendo criadas, junto com a expansão urbana, a camada de vegetação arbórea foi sendo derrubada e hoje, no recorte, há menos de 10% da área existente em 1650. Isso se reflete na qualidade do ar, térmica, sonora, escoamento de chuvas, além de restringir a fauna e flora, alterando o ecossistema.

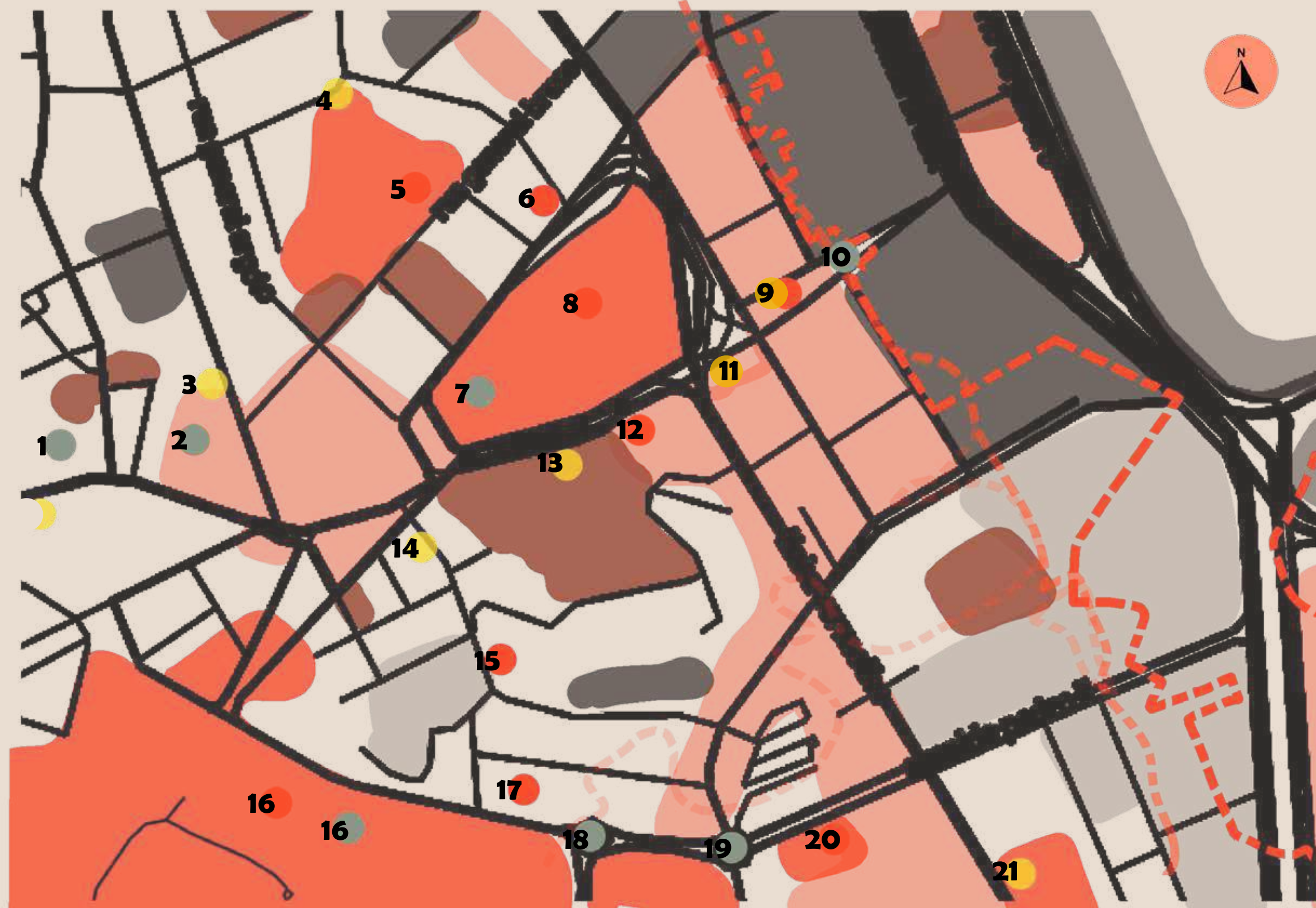


Figura 38: Mapa Síntese de análise de aspectos socioculturais da área de estudo. Fonte: Produzido pela autora, 2021.

- Legenda**
- 1 Praça Elisa Colleno
  - 2 Praça Argentina
  - 3 Paróquia São Januário e São A.
  - 4 Clube São Cristóvão Imperial
  - 5 Museu de Astronomia e Ciências
  - 6 Adegão Português
  - 7 Campo de São Cristóvão
  - 8 Centro Luiz Gonzaga
  - 9 Igreja Matriz de São Cristóvão
  - 10 Praça Padre Séve
  - 11 Quadra Paraíso do Tuiuti
  - 12 SBT
  - 13 Colégio Pedro II
  - 14 Colégio Brasileiro de SC
  - 15 Rádio Tupi
  - 16 Museu Nacional/Quinta da Boa Vista/BioParque
  - 17 Paço Real
  - 18 Praça Virgílio de Melo Franco
  - 19 Praça Pedro II
  - 20 Casa da Marquesa de Santos
  - 21 São Cristóvão Futebol e Regatas

- Legenda**
- Marcos culturais e históricos
  - Marcos afetivos
  - Projeção 1650/1800
  - Projeção 1850
  - Projeção 1900
  - Vias
  - Lazer
  - Comercial
  - Institucional
  - Saúde e Educação
  - Industrial
  - Residencial
  - Transporte
  - Áreas livres públicas

## 2. Sociocultural

São Cristóvão é marcado por diversos pontos importantes para a história do país e o caráter comercial/industrial que foi adquirindo ao longo dos anos. Isso se reflete na dinâmica do dia a dia que acontece ali, como pode ser observado no recorte analisado. A área ocupada por residências é quase semelhante a ocupada pelo comércio, que são predominantemente de pequeno porte com contato direto com a rua e que atendem as necessidades diárias dos moradores. Além disso, se destacam as áreas industriais, próximas aos eixos de transporte, e o lazer, que atraem pessoas de toda a cidade.

Em entrevistas com moradores da região, foram identificados marcos afetivos para eles. O Colégio Brasileiro foi muito citado, assim como o Colégio Pedro II, onde grande parte dos habitantes do bairro estudou e por fazer parte da memória da juventude. Já em uma memória coletiva, foi citado o São Cristóvão Futebol Clube, clube que revelou o Ronaldo Fenômeno e que é motivo de orgulho do bairro.

Dentre os marcos culturais e históricos identificados, podemos destacar a quadra da escola de samba Paraíso do Tuiuti. Todas as sextas-feiras, a quadra vira palco para rodas de samba que atraem os habitantes. Outros destaques são a Quinta da Boa Vista, programa para muitas famílias durante o final de semana, que buscam um momento ao ar livre e contato com a natureza dentro da cidade, e a Feira de São Cristóvão, programa muito popular de cultura e gastronomia nordestina na cidade e que faz parte da noite carioca.

Também foram observados os marcos visuais da região. O elevador da Linha Vermelha é uma marca muito forte na paisagem do bairro, podendo ser visto em diferentes pontos emoldurando as visadas. Além disso, o morro do tuiuti também se faz presente no cenário de São Cristóvão, devido a sua topografia e extensão.

Outro ponto a ser destacado é o desaproveitamento de áreas livres públicas. Dentro da área analisada, apenas a Praça Séve (dentro cinco) possui estrutura para o uso, como mobiliários e arborização. Elas são subutilizadas, apenas como passagem ou tratadas como um vazio urbano.



Figura 39: Quadra da Paraíso do Tuiuti. Fonte: O dia. Editado pela autora, 2021. Disponível em: <<https://www.carnavalesco.com.br/tuiuti-comeca-nesta-segunda-sua-temporada-de-ensaios-de-rua/>>. Acesso em: Setembro, 2021.



Figura 40: São Cristóvão Futebol Clube. Fonte: Google Maps. Editado pela autora, 2021. Disponível em: <<https://goo.gl/maps/dH5QxvD-Cgtp66Hqs9>>. Acesso em: Setembro, 2021.



Figura 41: Colégio Brasileiro de São Cristóvão. Fonte: Google Maps. Editado pela autora, 2021. Disponível em: <<https://goo.gl/maps/cita5C7STg3oHUjD7>>. Acesso em: Setembro, 2021.

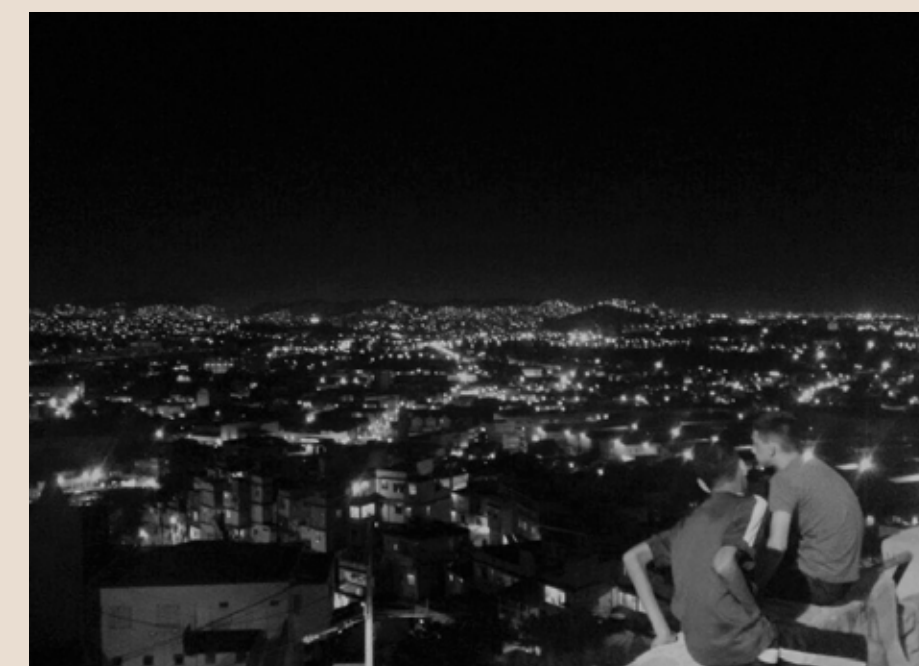


Figura 42: Mirante do Tuiuti. Fonte: Twitter @comunidadescv. Editado pela autora, 2021. Disponível em: <<https://twitter.com/comunidadescv/status/725881804608163843>>. Acesso em: Setembro, 2021.



Figura 43: Marcos da paisagem: Linha Vermelha e Feira de São Cristóvão. Fonte: Google Maps. Editado pela autora, 2021. Disponível em: <<https://goo.gl/maps/DU-avXLzRdNRaw2aj8>>. Acesso em: Setembro, 2021.

ZONAS DENTRO DO TRECHO ANALISADO	ZCA2 Zona de Conservação Ambiental	ZRM2 Zona Residencial Multifamiliar	ZCS Zona Comercial e de Serviços	ZUM Zona de Uso Misto	ZDM Zona de Desenvolvimento Metropolitano	ZRU1 Zona Residencial Unifamiliar
<b>CARACTERÍSTICAS</b>	natural/cultural/paisagística para preservação	residencial multifamiliar única no terreno/grupamento	alcance regional-/municipal, próximo a eixos de transporte	residencial, comercial, serviços e/ou industrial	industrial e logístico	unifamiliar ou bifamiliar
<b>OCUPAÇÃO</b>	baixa	média	alta	média	média para alta	média para baixa
<b>IAT</b>	0,1	1,5 a 5,5	1,5 a 11	1,5 a 5,5	1,5 a 2,5	1
<b>T.O.</b>	10%	85%	85%	85%	70%	40%
<b>LOTE MÍN.</b>	4.000m <sup>2</sup>	125m <sup>2</sup>	125 a 360m <sup>2</sup>	125m <sup>2</sup>	1000m <sup>2</sup>	225m <sup>2</sup>
<b>GABARITO MÁX.</b>	8m (2 pav.)	48m (14 pav.) c/ afast. lateral	41m (12 pav.) c/ afast. lateral a 150m	48m (14 pav.) c/ afast. lateral	36m (10 pav.) c/ afast. lateral	8m (2 pav.)
<b>AFAST. FRONTAL MÍN</b>	5m	3m	3m	3m	3m	5m
<b>TIPO OCUP.</b>	Residencial unifamiliar e Áreas privadas de uso exclusivo	Residencial unifamiliar, multifamiliar, Áreas privadas de uso exclusivo	Não residencial, Residencial unifamiliar e multifamiliar e Misto	Não residencial, Residencial unifamiliar e multifamiliar e Misto	Não residencial, Unidades autônomas de indústrias e armazenagem	Residencial unifamiliar e Áreas privadas únicas no lote

Figura 44: Tabela de Macrozonas da área de estudo. Fonte: Produzido pela autora, 2021.

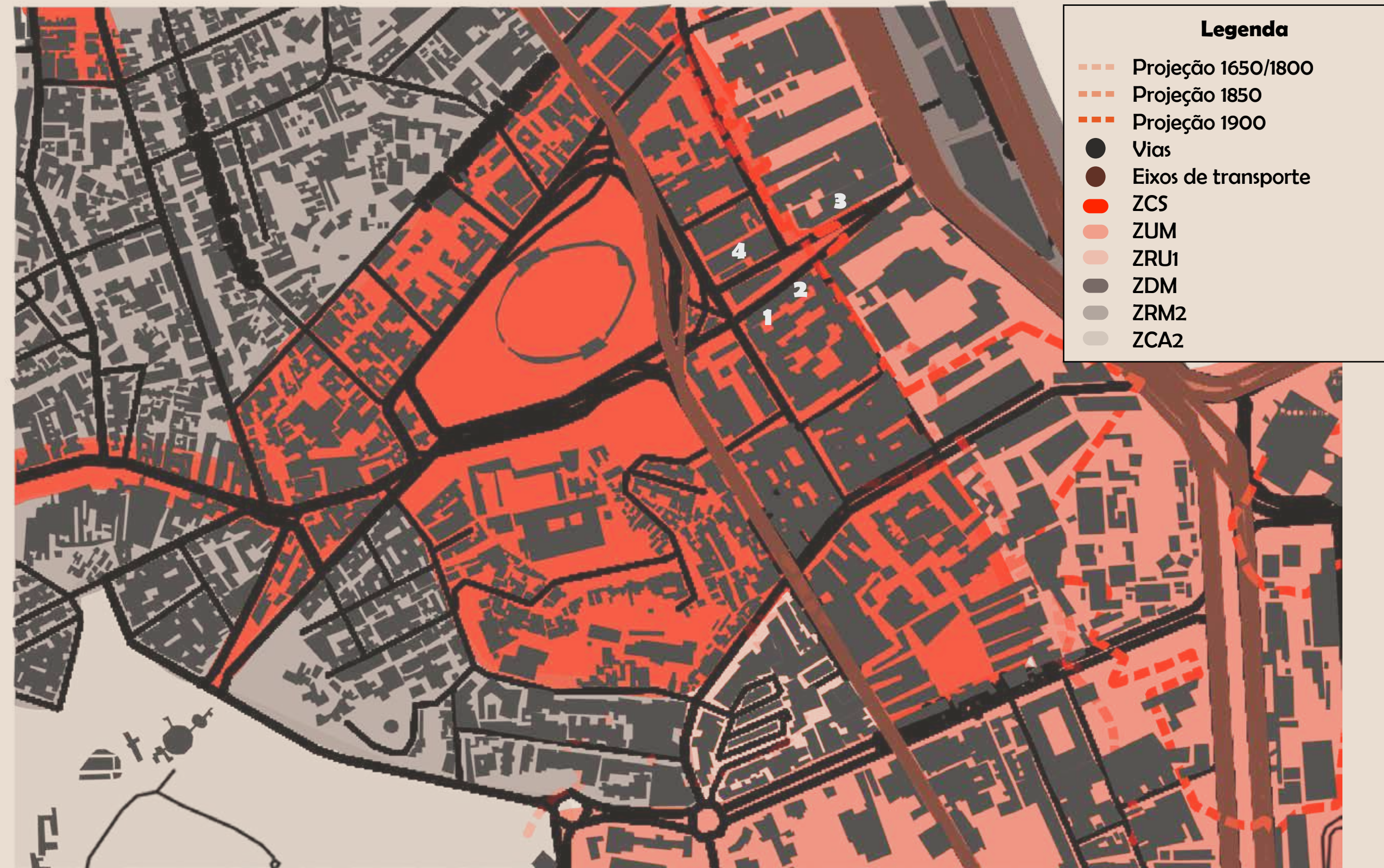


Figura 49: Mapa Síntese de análise de aspectos urbanos da área de estudo. Fonte: Produzido pela autora, 2021.



Trecho 1

Residências unifamiliares de um pavimento

Figura 45: Edificações residenciais da Rua Santos Lima. Fonte: Google Maps. Editado pela autora, 2021. Disponível em: <<https://goo.gl/maps/eEBRpxLCSErgBdJL8>>. Acesso em: Setembro, 2021.



Trecho 2

Tipologia comércio no térreo e residências multifamiliares em cima

Figura 46: Edificações mistas da Rua Santos Lima. Fonte: Google Maps. Editado pela autora, 2021. Disponível em: <<https://goo.gl/maps/hjQuqKyT92faAidm9>>. Acesso em: Setembro, 2021.



Trecho 3

Galpões de armazenamento e distribuição, com um pavimento, sem afastamentos laterais e frontais

Figura 47: Edificações industriais da Rua da Igrejinha. Fonte: Google Maps. Editado pela autora, 2021. Disponível em: <<https://goo.gl/maps/G75bmZsxEzjzMN7N7>>. Acesso em: Setembro, 2021.



Trecho 4

Edifícios comerciais de um ou dois pavimentos, sem afastamentos laterais e frontais

Figura 48: Edificações comerciais da Rua da Igrejinha. Fonte: Google Maps. Editado pela autora, 2021. Disponível em: <<https://goo.gl/maps/7MP19W7vpjXiyjmEA>>. Acesso em: Setembro, 2021.

### 3. Contexto Urbano

Segundo a Lei de uso do solo do Rio de Janeiro em vigor, no trecho analisado temos seis macrozonas atuantes, que possuem diferentes parâmetros de ocupação do solo. Elas vão de baixa a alta ocupação, com lotes variando entre 125m<sup>2</sup> a 4.000m<sup>2</sup>, gabaritos de 8m a 48m e tipo de ocupação de unifamiliar a unidades industriais. Isso demonstra as diferentes camadas ao longo dos anos que foram se sobrepondo.

A Igreja Matriz de São Cristóvão se encontra na Zona Comercial e de Serviços (ZCS), que prevê alta ocupação do solo, com lotes variando entre 125 a 360m<sup>2</sup> e IAT entre 1,5 e 11. O uso esperado é de não residencial, misto e residencial (unifamiliar e multifamiliar). Uma legislação que incentiva a ocupação e a velocidade na cidade. Isso é um problema, como dito anteriormente, quando comparado com a APAC de São Cristóvão, que busca a preservação da área.

Foram identificados quatro tipos de usos de lote no entorno da Igreja:

Trecho 1: residências unifamiliares de um pavimento, com relação direta com a rua, sem afastamentos laterais e seguindo um padrão arquitetônico bem marcado.

Trecho 2: edifícios mistos, com comércio embaixo e afastado da rua, e residências multifamiliares em cima, com no máximo dois pavimentos. Existe uma relação com a rua maior na parte comercial, mas janelas marcam os outros pavimentos.

Trecho 3: Galpões de armazenamento e distribuição com um pavimento, sem afastamentos laterais e colados com a rua, mas sem aberturas e ligações com ela. Formam quase que uma superfície lisa única.

Trecho 4: Comércio de um ou dois pavimentos, sem afastamentos laterais e colados com a rua. Os pavimentos superiores possuem poucas ou nenhuma aberturas em contraste com o térreo.





***COMPREENSÃO DO  
OBJETO***

# 1. Construção e Forma: exterior

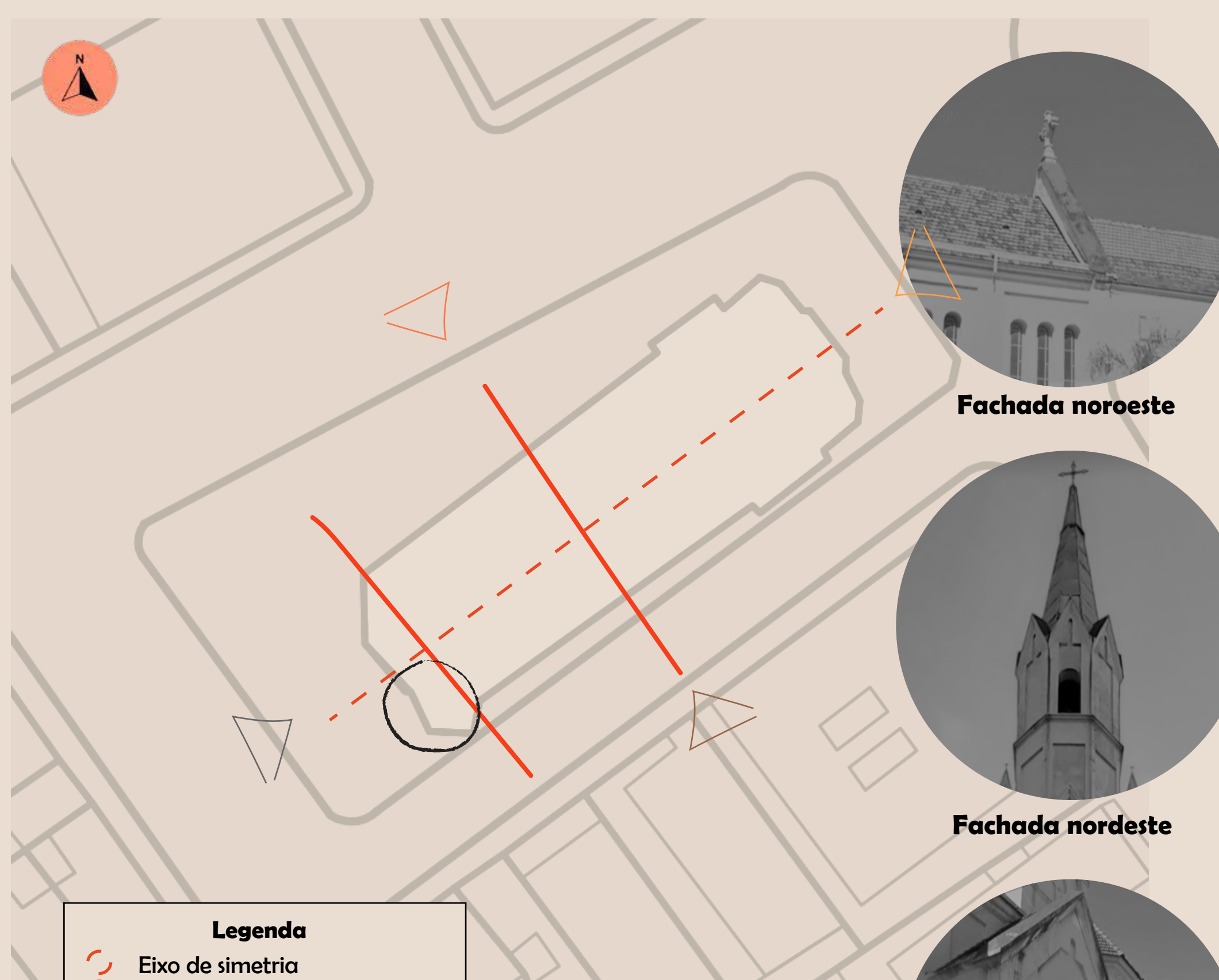
É possível identificar, analisando em planta, um eixo de simetria principal, no sentido nordeste/sudoeste, que divide a Igreja em duas partes semelhantes. Outros três eixos foram identificados, que dividem o edifício de acordo com os anexos acrescentados ao longo do tempo.

Quando abrimos o olhar para analisar as vistas, a fachada noroeste possui predominantemente uma horizontalidade, que se opõe ao eixo vertical da torre e o sentido das aberturas de janelas e portas.

Já a fachada nordeste, possui uma verticalidade marcante, principalmente devido a proporção entre sua dimensão lateral e a sua torre, elemento esse que marca a paisagem.

A fachada sudeste, simétrica a noroeste, é predominantemente horizontal. Sua diferença é o pequeno volume maciço do anexo da cozinha, feito posteriormente.

Por fim, analisando a fachada sudoeste, foi possível perceber um equilíbrio entre os eixos, não possuindo nenhuma orientação predominante. Seu destaque fica para a quebra de simetria provocada pelo anexo, que contrasta com as diversas aberturas e arcos que possui.



Legenda	
	Eixo de simetria
	Rupturas
	Anexo
	Fachada Sudoeste
	Fachada Sudeste
	Fachada Nordeste
	Fachada Noroeste

Figura 50: Mapa de análise do objeto. Fonte: Produzido pela autora, 2021.

Figura 51: Fachada noroeste. Fonte: Google Maps. Editado pela autora, 2021. Disponível em: <<https://goo.gl/maps/Tn-Lqajh5HM9cFDR57>>. Acesso em: Outubro, 2021.

Figura 52: Fachada nordeste. Fonte: Google Maps. Editado pela autora, 2021. Disponível em: <<https://goo.gl/maps/h-FoRbDY3AvaN2ogz7>>. Acesso em: Outubro, 2021.

Figura 53: Fachada sudeste. Fonte: Google Maps. Editado pela autora, 2021. Disponível em: <<https://goo.gl/maps/S8R2jdeY5L4rV5Vi6>>. Acesso em: Outubro, 2021.

Figura 54: Fachada sudoeste. Fonte: Google Maps. Editado pela autora, 2021. Disponível em: <<https://goo.gl/maps/Cs8XPmrv8BVKtsDw7>>. Acesso em: Outubro, 2021.



Fachada noroeste



Fachada nordeste



Fachada sudeste



Fachada sudoeste



# 1. Construção e Forma: interior



Figura 55: Arcos e esquadrias semicirculares. Fonte: Autoria própria, 2021.



Figura 56: Teto do altar. Fonte: Autoria própria, 2021.



Figura 57: Nave central com vista para coro alto. Fonte: Autoria própria, 2021.

Quando analisamos o seu interior, percebemos que a igreja é marcada por arcos que separam as naves laterais da nave central, junto com o formato das esquadrias em semicírculos compridos que fazem analogia e se enquadram a eles.

A luz natural ressalta essa relação, tanto no térreo quanto no alto dos arcos, junto com o desenho do teto abobadado, que se destaca com o pé direito elevado.

Os arcos também se fazem presentes no altar, marcando o desenho de teto e a parede posterior a mesa de celebração. Eles são ritmados e intercalados com aberturas de vitrais coloridos, que permitem a entrada de luz.

Em relação a materialidade, predominam-se elementos sóbrios e claros, que são destacados com a iluminação natural, passando uma sensação de divindade: a madeira branca e o mármore como revestimento, além do vidro e alvenaria branca e amarela clara.

Uma observação é sobre as vedações de aberturas de janelas, que acontecem em linha dupla no térreo. Devido a dimensão das paredes da fachada, é possível ter dois fechamentos de vidro. Foi uma solução encontrada para adequar para as necessidades atuais, mas sem interferir nas fachadas.



Figura 58: Vitrais e arcos do altar. Fonte: Autoria própria, 2021.



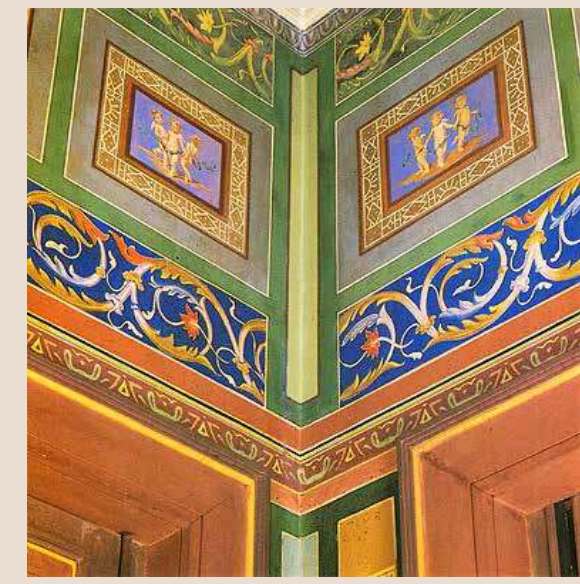
Figura 59: Materiais do altar. Fonte: Autoria própria, 2021.



Figura 60: Ornamentação do teto da nave lateral. Fonte: Autoria própria, 2021.



Figura 61: Diagrama de etapas construtivas. Fonte: Produzido pela autora, 2021.



Vila Itararé

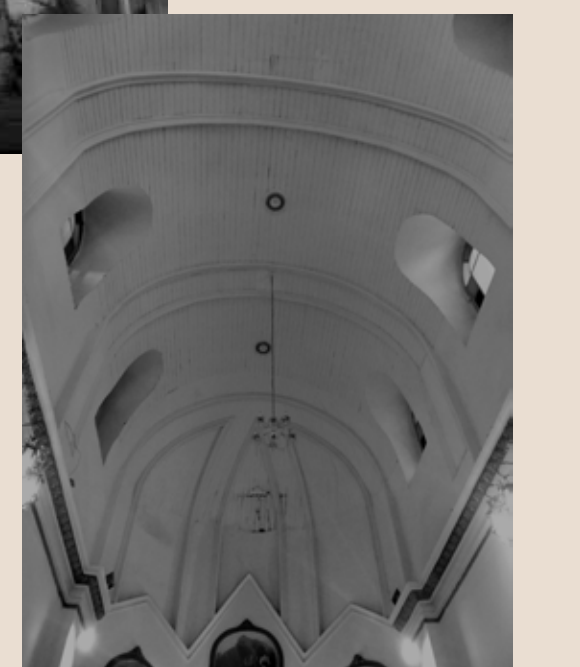
## 2. Etapas construtivas

A Igreja pode ser dividida em três etapas construtivas ao longo da história:

- 1) 1627: Construção jesuíta
- 2) 1826: Reforma durante o reinado de D. Pedro I
- 3) 1886: Reforma por John Oberg

Através de um estudo de outras obras notáveis de Oberg, é possível afirmar que ele é o responsável pela construção que vemos hoje em São Cristóvão. Analisando o Palácio da Liberdade (18 - BH) e a Vila Itararé (18 - Petrópolis, RJ), identifica-se características em comum que conferem uma unidade de estilo projetual, como:

- Estilo Neogótico
- Torres marcando uma verticalidade
- Uso de arcos bem demarcados
- Muitas janelas e aberturas marcando a fachada
- Uso de vitrais
- Volume com similaridades, tendendo para a horizontalidade
- Exaltação a arte, ainda que na Igreja seja mais contida
- Uso de contrafortes
- Ornamentação e elementos com similaridades



Igreja Matriz de São Cristóvão

### 3. Espacialidade

A igreja possui três pavimentos, sendo apenas o térreo de acesso ao público e os outros dois de serviços e apoio.

Existem seis acessos, sendo quatro abertos para o público e dois de serviço. A entrada principal se dá na fachada para a Praça Séve, chegando ao nártex. Ali, temos uma preparação espiritual para entrar no sagrado, com espaço para confissões, avisos aos fiéis e água benta para a benção. Também há uma área de bazar, onde vende-se artigos religiosos para arrecadar fundos para o funcionamento da igreja.

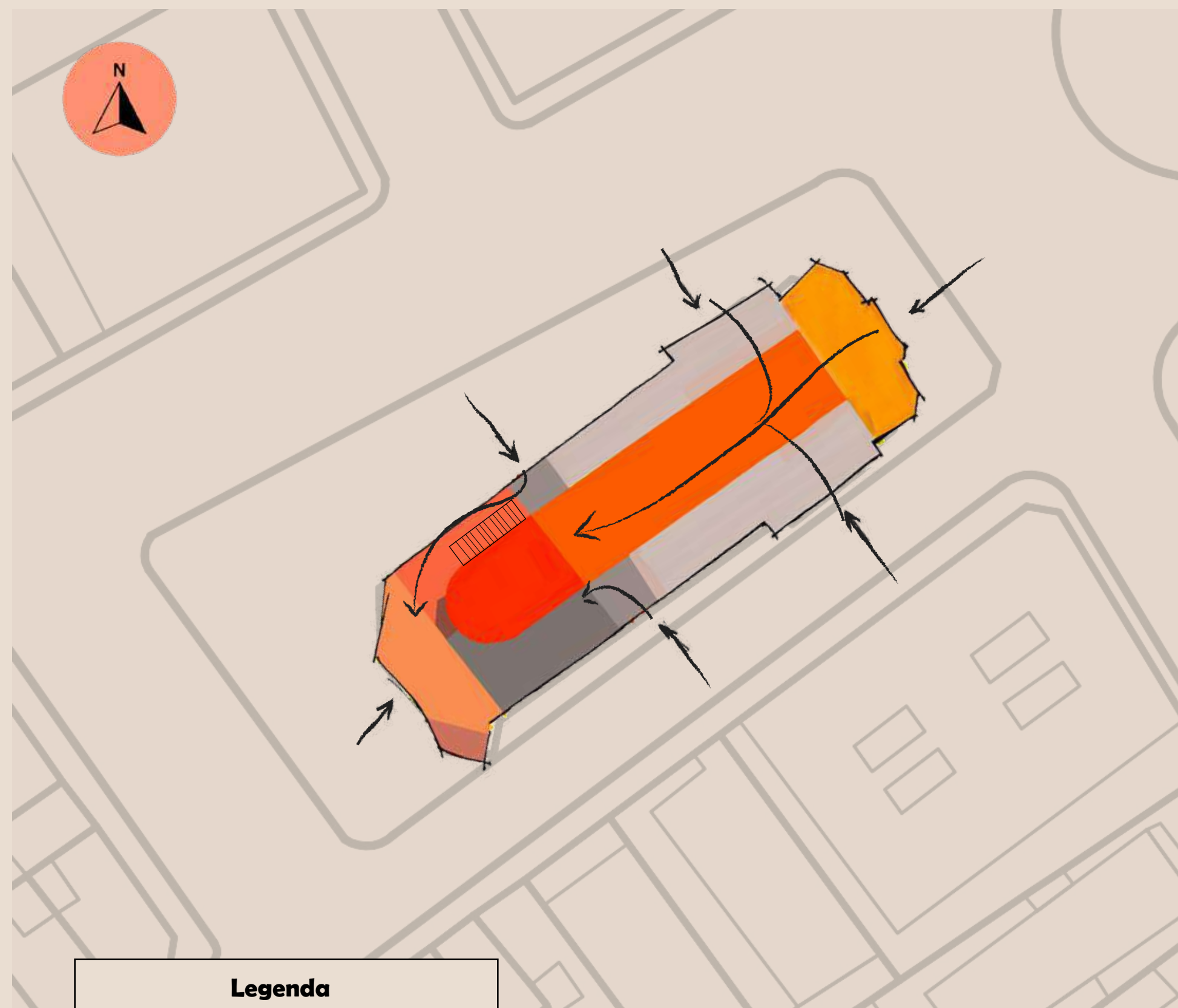
As outras entradas acontecem pelos transeptos, que se conectam as naves laterais, e esses com a nave central através de quatro arcos em cada lado, por toda a sua extensão. Esse espaço é sagrado e destinado aos fiéis, com cinco fileiras de bancos, para conexão com Deus e realização de cerimônias e missas.

Todos esses espaços se orientam em direção ao altar, que fica elevado e separado por uma divisão de granito a partir da área do púlpito. É o espaço destinado ao padre, onde celebra-se as missas.

O altar possui um acesso para a sacristia, que fica restrita e funciona como um apoio. É onde guardam os objetos de culto e vestes dos padres, junto ao quarto de serviços. Nela, fica o acesso para o segundo pavimento e para o salão comum.

O salão é um espaço amplo, onde guardam os artigos religiosos, doações e o que precisar. Há uma cozinha que se integra a ele, com proposta futura de se transformar em uma lanchonete. Hoje, existe uma obra em andamento para a instalação de um banheiro ali, já que os existentes ficam nos pavimentos superiores.

Por último, temos a secretaria, que possui acesso privado pelo salão e acesso público pela nave lateral. Nela, acontece não só o atendimento ao público, como também a administração e arquivamento de todos os documentos.



- Legenda**
- Nártex
  - Naves laterais
  - Nave central
  - Altar
  - Transepto
  - Sacristia
  - Quarto de serviço
  - Salão comum
  - Cozinha
  - Secretaria/Administração
  - Acessos

Figura 61: Mapa de zoneamento do térreo. Fonte: Produzido pela autora, 2021.



Figura 62: Salão comum. Fonte: Autoria própria, 2021.



Figura 63: Acesso público a secretaria. Fonte: Autoria própria, 2021.

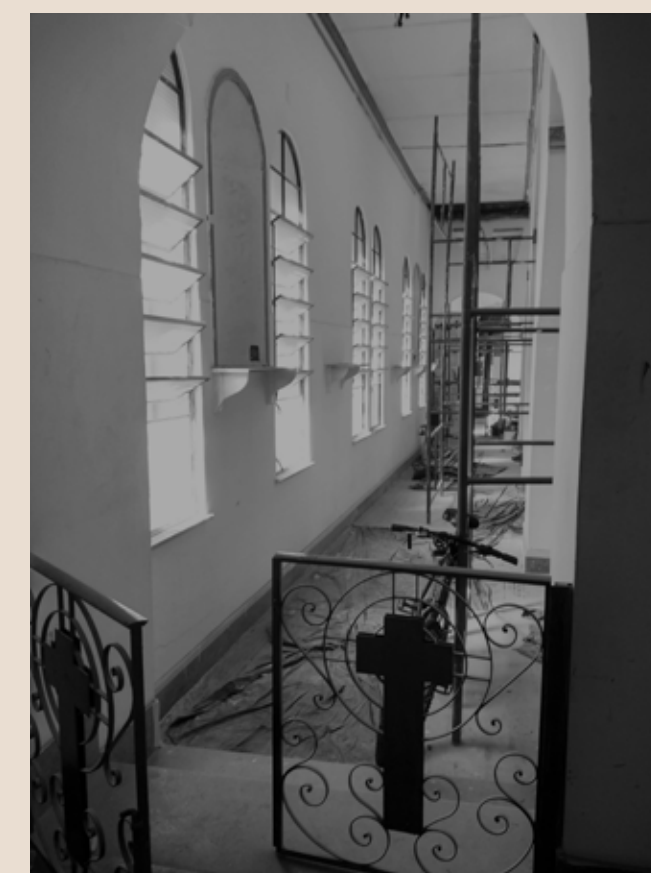


Figura 64: Nave lateral. Fonte: Autoria própria, 2021.



Figura 65: Sacristia. Fonte: Autoria própria, 2021.



Figura 66: Altar. Fonte: Autoria própria, 2021.



Figura 67: Cozinha. Fonte: Autoria própria, 2021.



Figura 68: Mapa de zoneamento do primeiro pavimento. Fonte: Produzido pela autora, 2021.



Figura 69: Mapa de zoneamento do segundo pavimento. Fonte: Produzido pela autora, 2021.

O primeiro e segundo pavimentos possuem muitas semelhanças na distribuição espacial.

Quando chegamos ao topo da escada do primeiro pavimento, há uma circulação que divide o fluxo em dois. De um lado, para um quarto de serviço e o acesso para o segundo pavimento. Para o outro, um quarto aberto, onde guardam alguns livros e objetos e que serve de passagem para o salão.

No salão, temos um espaço amplo de convivência dos funcionários da igreja. É onde realizam as reuniões de equipe, além de funcionar como uma copa. Também é passagem para um depósito, um quarto de serviço e um banheiro.

Apesar de transparecer continuidade pela fachada, o altar e as naves não possuem pavimento superior, e sim um pé direito elevado com aberturas altas. Já acima do nártex, temos um coro alto com vista para o altar.

O segundo pavimento segue a mesma lógica espacial, sem contar com o coro alto, que apresenta apenas o seu pé direito elevado. O que muda é o uso destinado para o salão superior, que funciona como um espaço de descanso dos funcionários. Algumas vezes, também recebe moradores de rua que pedem para passar algumas horas.

A igreja não possui casa e dependências paroquiais em funcionamento atualmente, como acontece em grande parte das paróquias. O padre em serviço reside em um apartamento próximo.

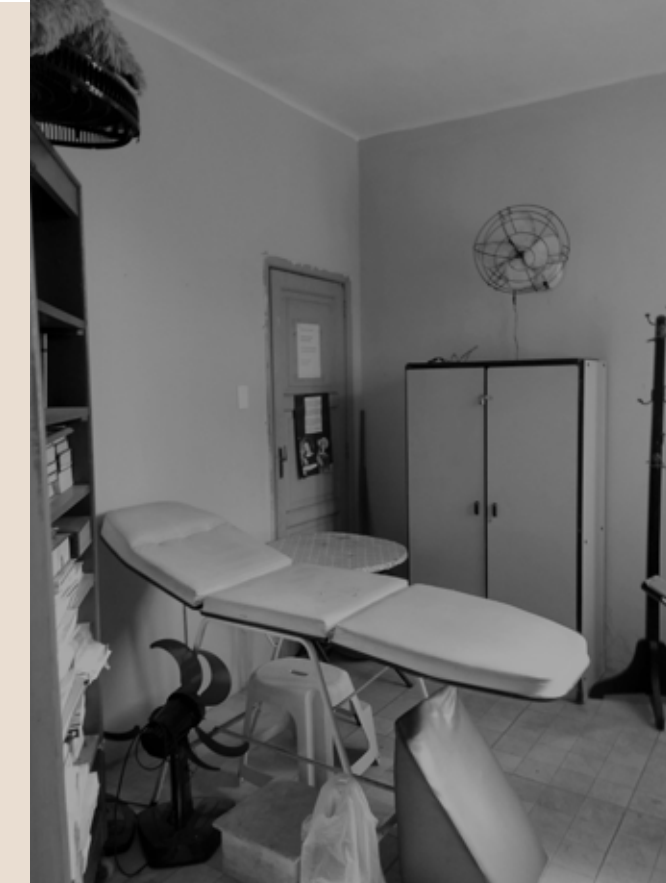


Figura 70: Quarto/circulação. Fonte: Autoria própria, 2021.



Figura 71: Salão. Fonte: Autoria própria, 2021.



Figura 72: Circulação para segundo pavimento. Fonte: Autoria própria, 2021.

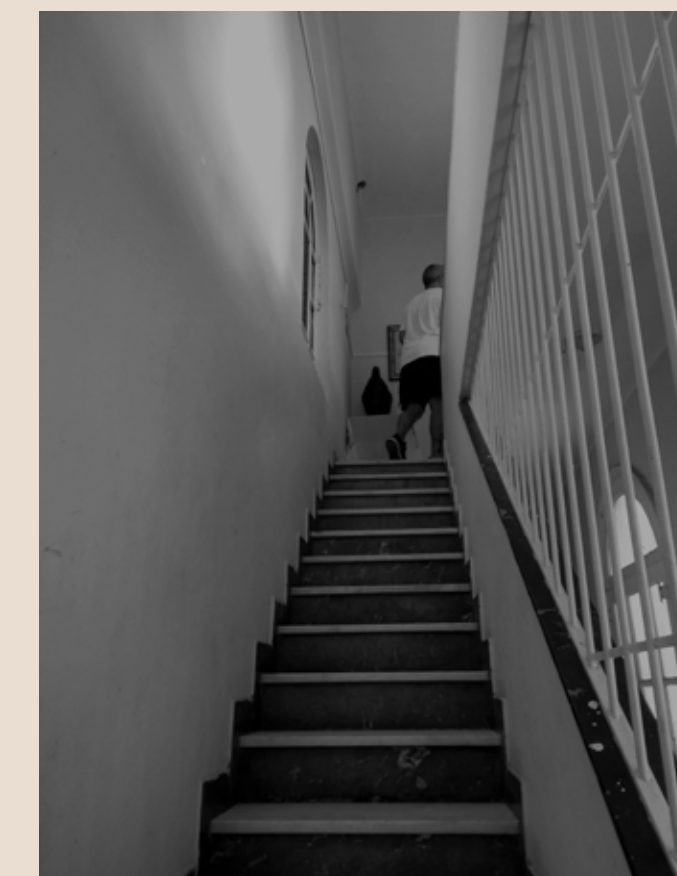


Figura 73: Escada para o segundo pavimento. Fonte: Autoria própria, 2021.



Figura 74: Circulação para banheiro, depósito e quarto. Fonte: Autoria própria, 2021.



Figura 75: Quarto e escada para o segundo pavimento. Fonte: Autoria própria, 2021.

### 3. Danos: exterior fachada noroeste

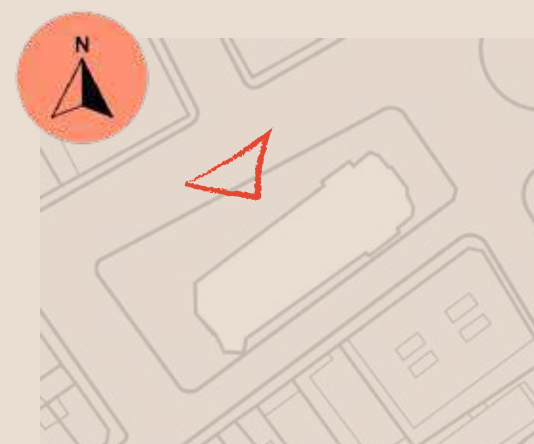
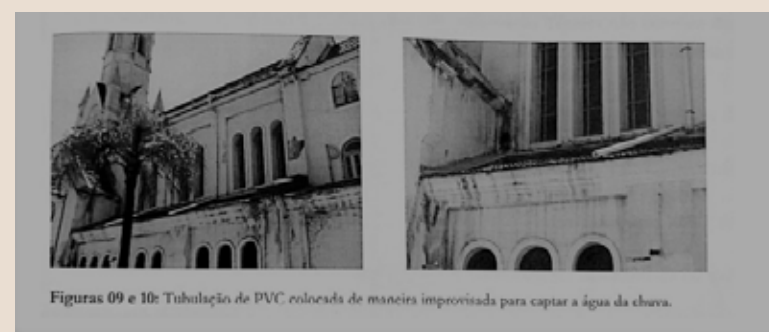


Figura 76: Mapa de localização e indicação de fachada. Fonte: Produzido pela autora, 2021.



Figuras 09 e 10: Tubulação de PVC colada de maneira improvisada para captar a água da chuva.

Figura 82: Relatório de danos: tubulação em PVC na fachada. Fonte: Ministério Público do Rio de Janeiro, 2019. Editado pela autora, 2021. Disponível em: <<https://www.mprj.mp.br/home/-/detalhe-noticia/visualizar/78313>>. Acesso em: Outubro, 2021.



Figura 78: Fachada noroeste da Igreja. Fonte: Google Maps. Editado pela autora, 2021. Disponível em: <<https://goo.gl/maps/TnLqajh5HM9cFDR57>>. Acesso em: Setembro, 2021.



Figura 77: Instalação de canos de PVC nos telhados. Fonte: Google Maps. Editado pela autora, 2021. Disponível em: <<https://goo.gl/maps/5B2xrg-PQ396ogsPn7>>. Acesso em: Outubro, 2021.



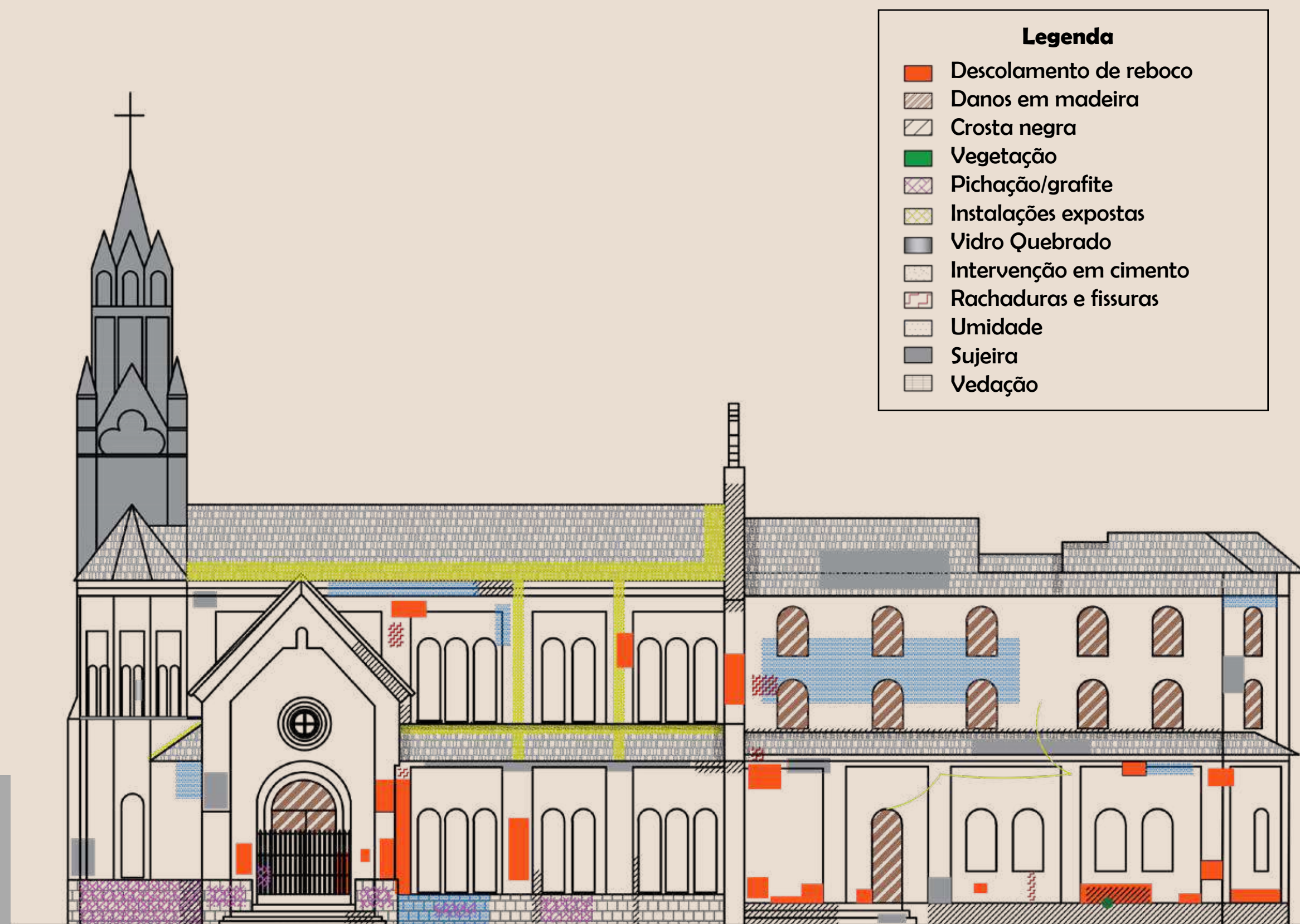
Figuras 07 e 08: Argamassa de cimento colocada de maneira improvisada no encontro entre a alvenaria e o telhado e também no espigão do telhado.

Figura 81: Relatório de danos: argamassa no telhado. Fonte: Ministério Público do Rio de Janeiro, 2019. Editado pela autora, 2021. Disponível em: <<https://www.mprj.mp.br/home/-/detalhe-noticia/visualizar/78313>>. Acesso em: Outubro, 2021.



Figura 79: Pichação/grafite na fachada noroeste da Igreja. Fonte: Autoria própria, 2021.

Figura 80: Descolamento de reboco na fachada noroeste da Igreja. Fonte: Autoria própria, 2021.



Legenda	
	Descolamento de reboco
	Danos em madeira
	Crosta negra
	Vegetação
	Pichação/grafite
	Instalações expostas
	Vidro Quebrado
	Intervenção em cimento
	Rachaduras e fissuras
	Umidade
	Sujeira
	Vedação

Figura 83: Mapa de danos da fachada noroeste. Fonte: Produzido pela autora, 2021.

Investigando as fachadas da Igreja Matriz de São Cristóvão, foi possível identificar patologias presentes em seu exterior e mapear esses danos para futuras propostas.

Foram feitos estudos individualizados para cada fachada, apesar de serem encontradas muitas patologias em comum entre elas.

Na fachada noroeste, foram encontrados muitos pontos de descolamento de reboco e pichação/grafite, além de danos a madeira de esquadrias e porta, sujidades e umidade. Vale ressaltar que foram encontrados pontos de rachaduras/fissuras, mas, segundo relatórios de engenheiros feitos pelo Ministério Público, nenhum dano estrutural foi encontrado.

Outro destaque são as instalações expostas, que marcam a fachada através de fios, antenas e canos de PVC para a captação da água das chuvas. Também foi aplicada argamassa cimentícia nos encontros dos telhados com a alvenaria. Isso tudo mostra a improvisação das intervenções realizadas ao longo do tempo.

Uma curiosidade é a presença de fuligem nas fachadas, oriundas da queima de combustível nas vias de alto tráfego que cercam a Igreja, marcando-a fisicamente.

### 3. Danos: exterior fachada nordeste

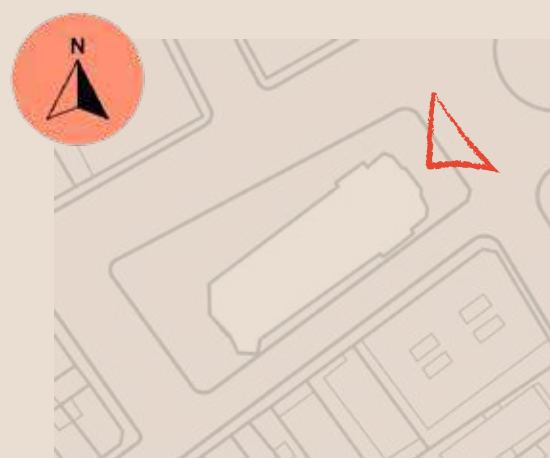


Figura 84: Mapa de localização e indicação de fachada. Fonte: Produzido pela autora, 2021.

Figura 89: Fachada nordeste da Igreja. Fonte: Google Maps. Editado pela autora, 2021. Disponível em: <<https://goo.gl/maps/hFoRbDY3AvaN2ogz7>>. Acesso em: Setembro, 2021.



Figura 88: Manchas de umidade na fachada nordeste da Igreja. Fonte: Autoria própria, 2021.

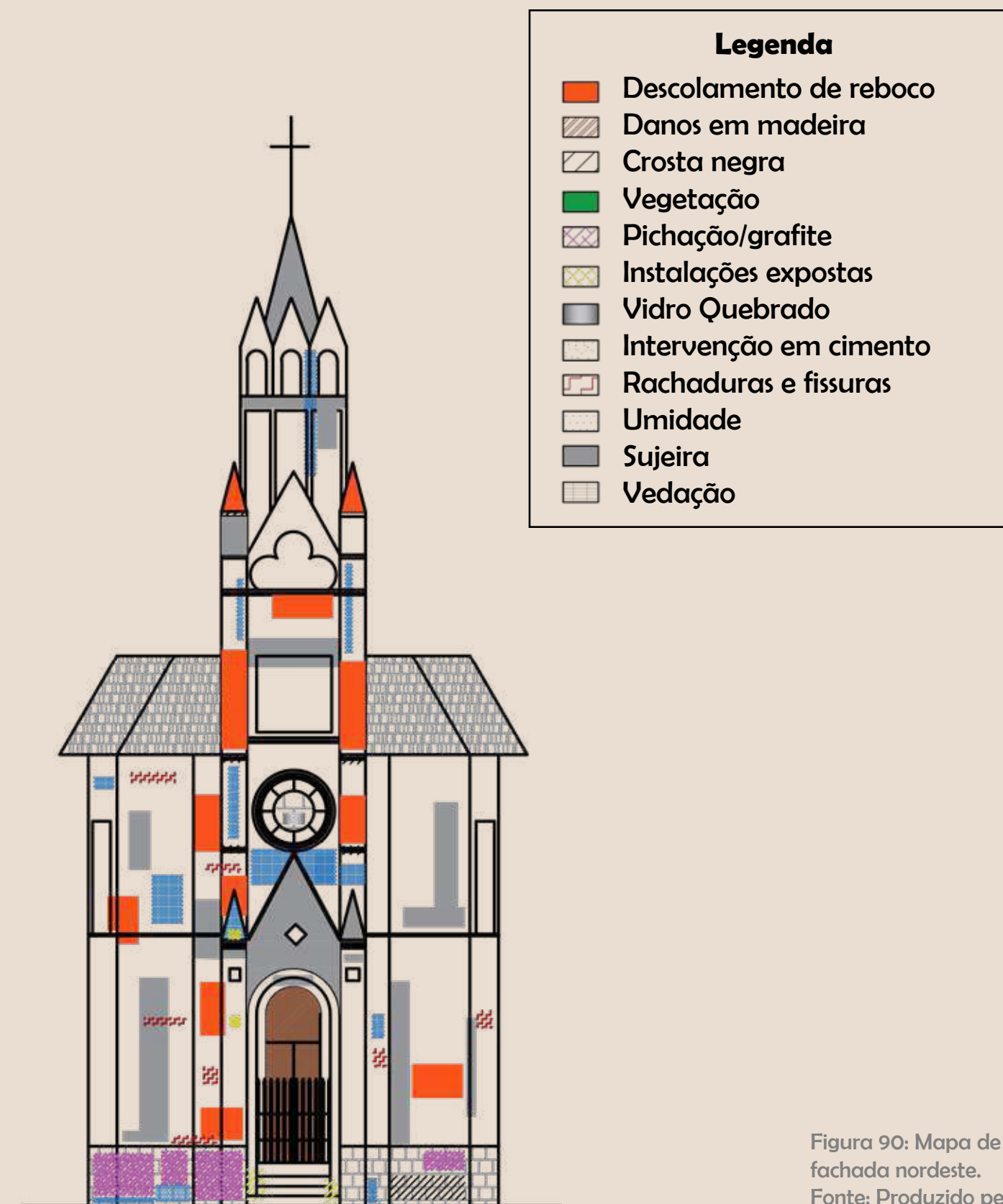


Figura 90: Mapa de danos da fachada nordeste. Fonte: Produzido pela autora, 2021.

Assim como a fachada noroeste, a nordeste possui muitos pontos de descolamento de reboco e pichação/grafite.

Manchas de umidade foram encontradas em vários pontos da fachada, principalmente em locais expostos ao contato com a água das chuvas. Também foram identificados muitas zonas de sujeiras por toda a fachada até a torre central.

O vitral central que marca a fachada possui uma parte de vidro quebrada, além de sujeira por toda sua dimensão.

A porta central encontra-se muito desgastada, apresentando danos graves na madeira. É possível identificar desde a descolamento de tinta até corrosão por ação de insetos.

Assim como as outras fachadas, apresenta fissuras e rachaduras, mas sem nenhum dano estrutural. Diferentemente da fachada noroeste, apresenta poucas intervenções expostas, podendo ser identificado apenas uma câmera de segurança direcionada para a entrada.



### 3. Danos: exterior fachada sudeste

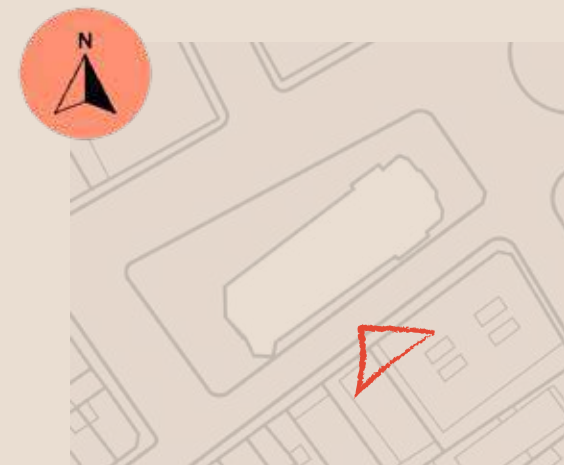


Figura 91: Mapa de localização e indicação de fachada. Fonte: Produzido pela autora, 2021.



Figura 92 Vedação de instalação na fachada sudeste da Igreja. Fonte: Autoria própria, 2021.



Figura 93: Fachada sudeste da Igreja. Fonte: Google Maps. Editado pela autora, 2021. Disponível em: <<https://goo.gl/maps/Gs8XPm-rv8BVKtsDw7>>. Acesso em: Setembro, 2021.



Figura 94: Vidro quebrado da esquadria na fachada sudeste da Igreja. Fonte: Autoria própria, 2021.



Figura 96: Danos na entrada lateral da fachada sudeste da Igreja. Fonte: Autoria própria, 2021.

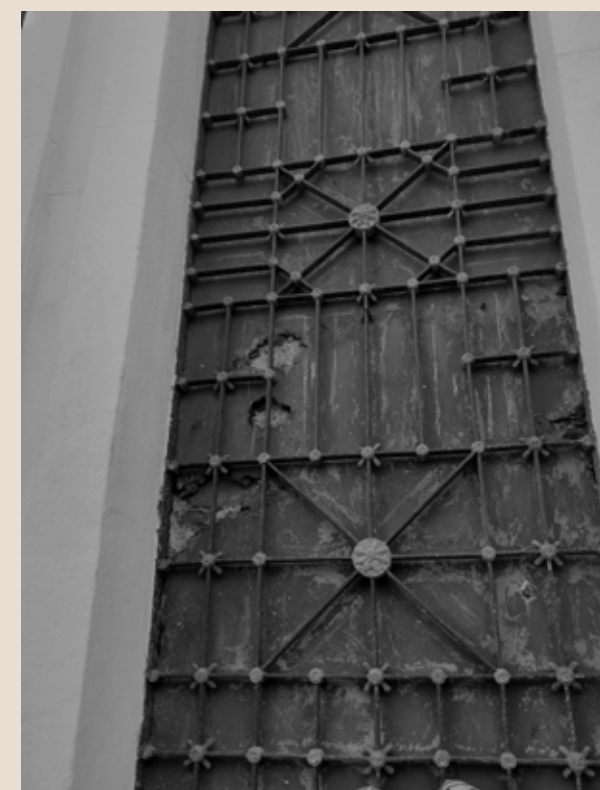


Figura 95: Vedação de esquadria com alvenaria na fachada sudeste da Igreja. Fonte: Autoria própria, 2021.

Legenda	
	Descolamento de reboco
	Danos em madeira
	Crosta negra
	Vegetação
	Pichação/grafite
	Instalações expostas
	Vidro Quebrado
	Intervenção em cimento
	Rachaduras e fissuras
	Umidade
	Sujeira
	Vedação



Figura 97: Mapa de danos da fachada sudeste. Fonte: Produzido pela autora, 2021.

A fachada sudeste, que possui menor calçada e maior aproximação do fluxo de pedestres com o edifício, se destaca por grande área de pichação e crosta negra, principalmente em sua base. É possível identificar também muitos pontos de descolamento de reboco.

Também apresenta manchas de umidade por sua extensão e em áreas expostas a ação das chuvas e próximas aos telhados.

As esquadrias de madeira e portas de acesso possuem danos graves, como corrosão por insetos e partes soltas que apresentam risco de queda. Além disso, algumas esquadrias do térreo possuem vedação em alvenaria internamente.

Em relação as instalações expostas, é possível identificar canos de PVC para captação das águas de chuva, além de fios e antenas de serviços e câmeras de segurança.

Assim como as outras fachadas, apresenta fissuras e rachaduras, mas sem nenhum dano estrutural.

### 3. Danos: exterior

## fachada sudoeste

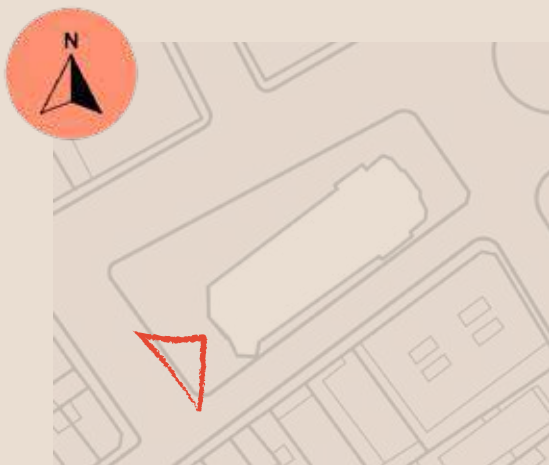


Figura 98: Mapa de localização e indicação de fachada. Fonte: Produzido pela autora, 2021.

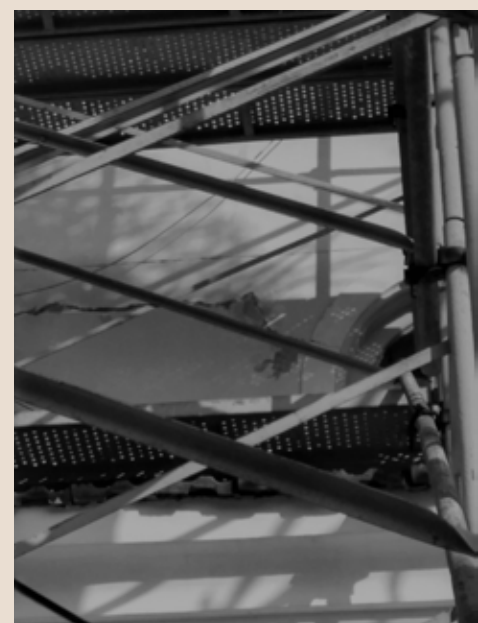


Figura 99: Fissura/rachadura na fachada sudoeste da Igreja. Fonte: Autoria própria, 2021.



Figura 100: Fachada sudoeste da Igreja. Fonte: Google Maps. Editado pela autora, 2021. Disponível em: <<https://goo.gl/maps/5zdV4VufJWepJx8FA>>. Acesso em: Setembro, 2021.



Figura 101: Descolamento de reboco e fissuras na fachada sudoeste da Igreja. Fonte: Autoria própria, 2021.



Figura 104: Manchas de umidade e fissuras na fachada sudoeste da Igreja. Fonte: Autoria própria, 2021.

Figura 103: Descolamento de reboco, fissuras, crosta negra e pichação/grafite na fachada sudoeste da Igreja. Fonte: Autoria própria, 2021.



Figura 102: Fissuras/rachaduras na fachada sudoeste da Igreja. Fonte: Autoria própria, 2021.

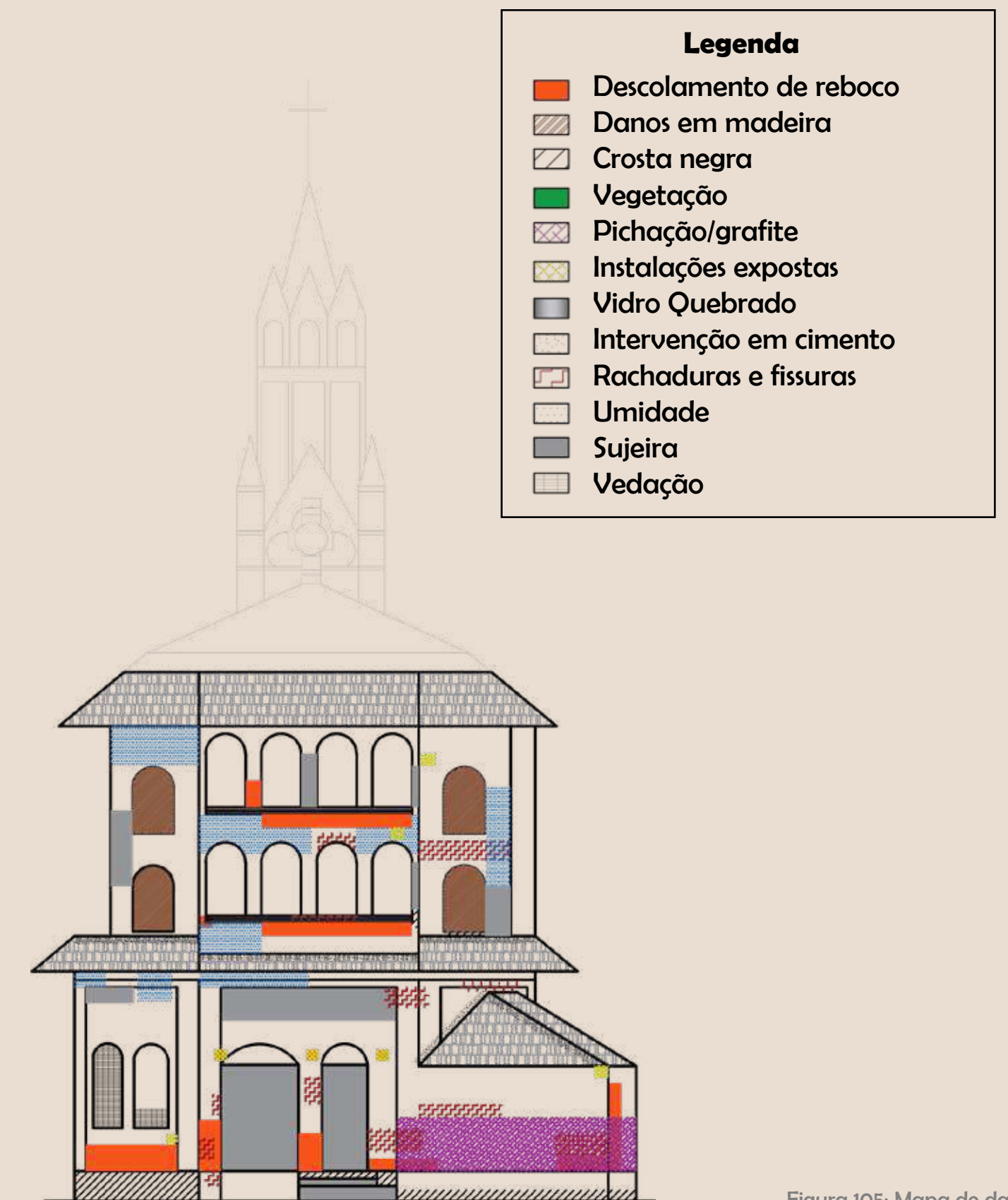


Figura 105: Mapa de danos da fachada sudoeste. Fonte: Produzido pela autora, 2021.

Por último, a fachada sudoeste apresenta muitos pontos de descolamento de reboco, principalmente em áreas próximas as aberturas de portas e esquadrias e no anexo, além de rachaduras/fissuras e pichações.

Também apresenta manchas de umidade em áreas expostas a ação de chuvas e próximas aos telhados e crosta negra em sua base.

Além disso, as esquadrias superiores de madeira estão gravemente danificadas, representando um risco, e as inferiores apresentam vedações internas por alvenaria. A fachada possui duas portas de acesso de metal com sujidades e marcas adesivas de avisos paroquiais colados ao longo do tempo.

Em relação a instalações expostas, possui antenas e cameras de segurança, além de ganchos próximos a entrada para a instalação de tendas de cobertura.

Assim como as outras fachadas, apresenta fissuras e rachaduras, mas sem nenhum dano estrutural.

### 3. Danos: interior

A Igreja possui patologias semelhantes as das fachadas em seu interior: áreas de descolamento de reboco, principalmente em paredes próximas a janelas, nas esquadrias duplas e nas escadas; rachaduras e fissuras em paredes, que também não representam danos estruturais ao edifício; sujeidade em paredes da fachada.

Além disso, alguns elementos de madeira apresentam danos, como portas, esquadrias e o revestimento do altar. Esses danos vão desde descascamento de pintura até corrosão por ação de insetos.

Existem também algumas instalações expostas realizadas no interior, como fiação, iluminação improvisada e ventiladores de parede.

Foram identificados também alguns elementos faltantes em esquadrias, na ornamentação da nave central e nas sancas descontinuas.

Em relação as janelas, algumas possuem vidro quebrado, que permitem a entrada de água das chuvas, insetos, ventos e outras intempéries. Em contrapartida, algumas delas são vedadas com alvenaria.

Um dos principais problemas identificados foi no telhado. Muitas telhas foram substituídas ao longo do tempo, mas de forma que ficaram desalinhadas e mal instaladas. Com isso, a cobertura fica comprometida e não protege totalmente a edificação de ações naturais externas.

Por último, manchas de umidade foram observadas em paredes, provavelmente decorrentes da má vedação de janelas e do telhado.

Figura 106: Construção de banheiro e novas instalações no salão comum do térreo. Fonte: Autoria própria, 2021.



Figura 107: Danos na madeira superior do altar. Fonte: Autoria própria, 2021.

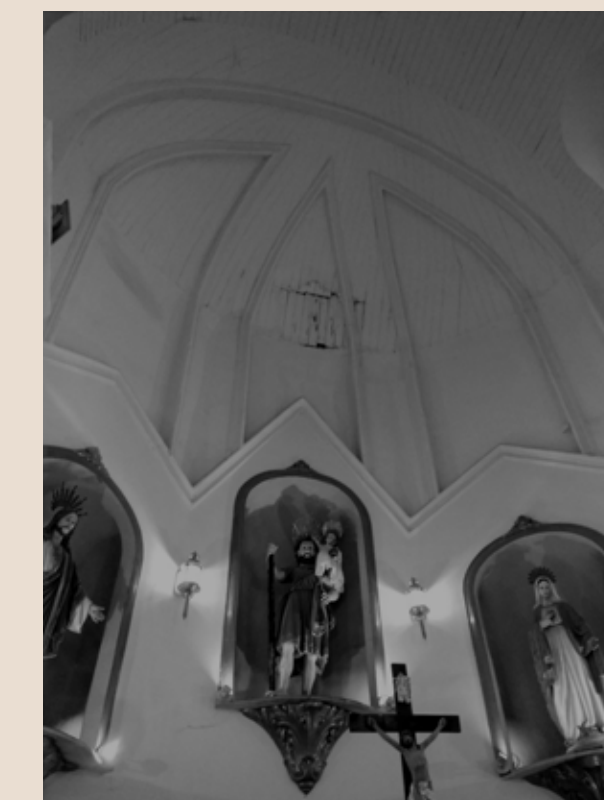


Figura 108: Danos na porta de acesso lateral. Fonte: Autoria própria, 2021.

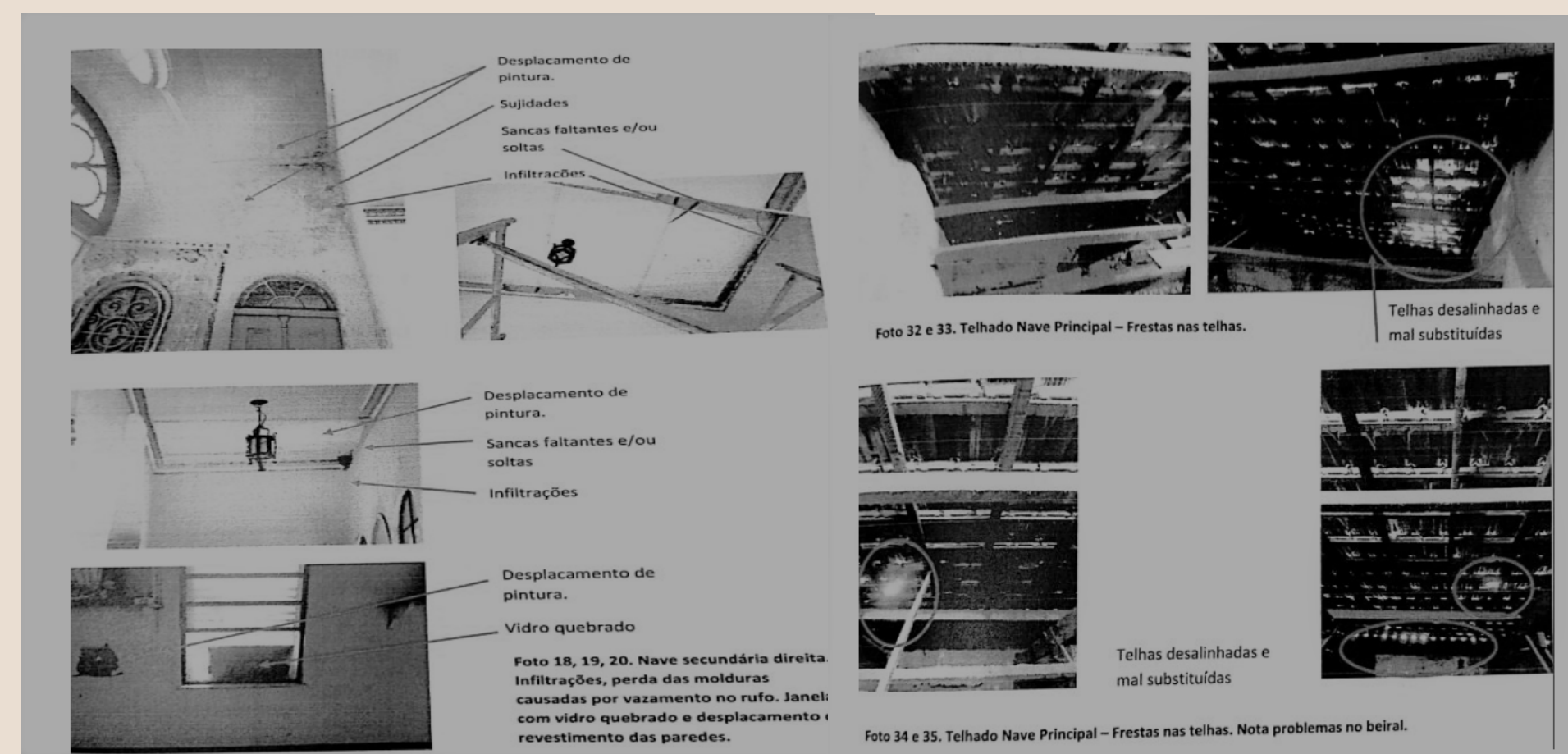


Figura 109: Relatório de danos internos. Fonte: Ministério Público do Rio de Janeiro, 2019. Editado pela autora, 2021. Disponível em: <<https://www.mprj.mp.br/home/-/detalhe-noticia/visualizar/78313>>. Acesso em: Outubro, 2021.

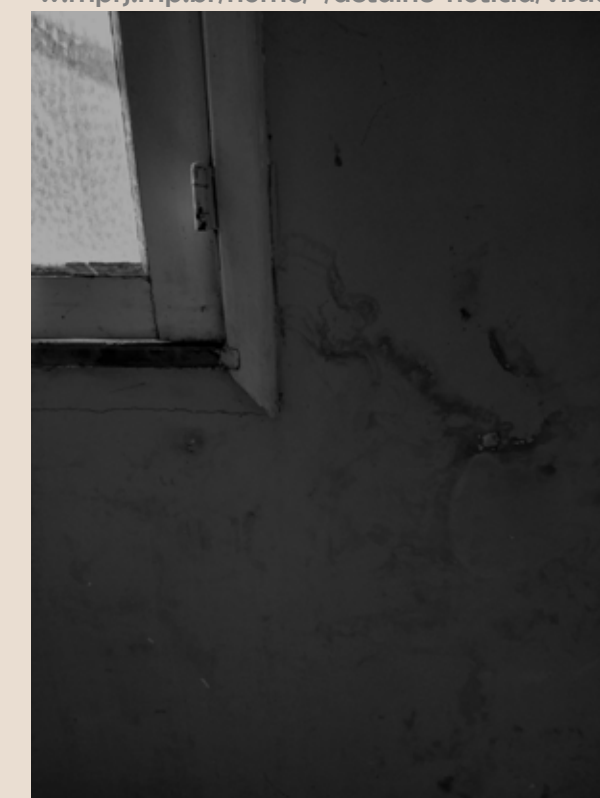


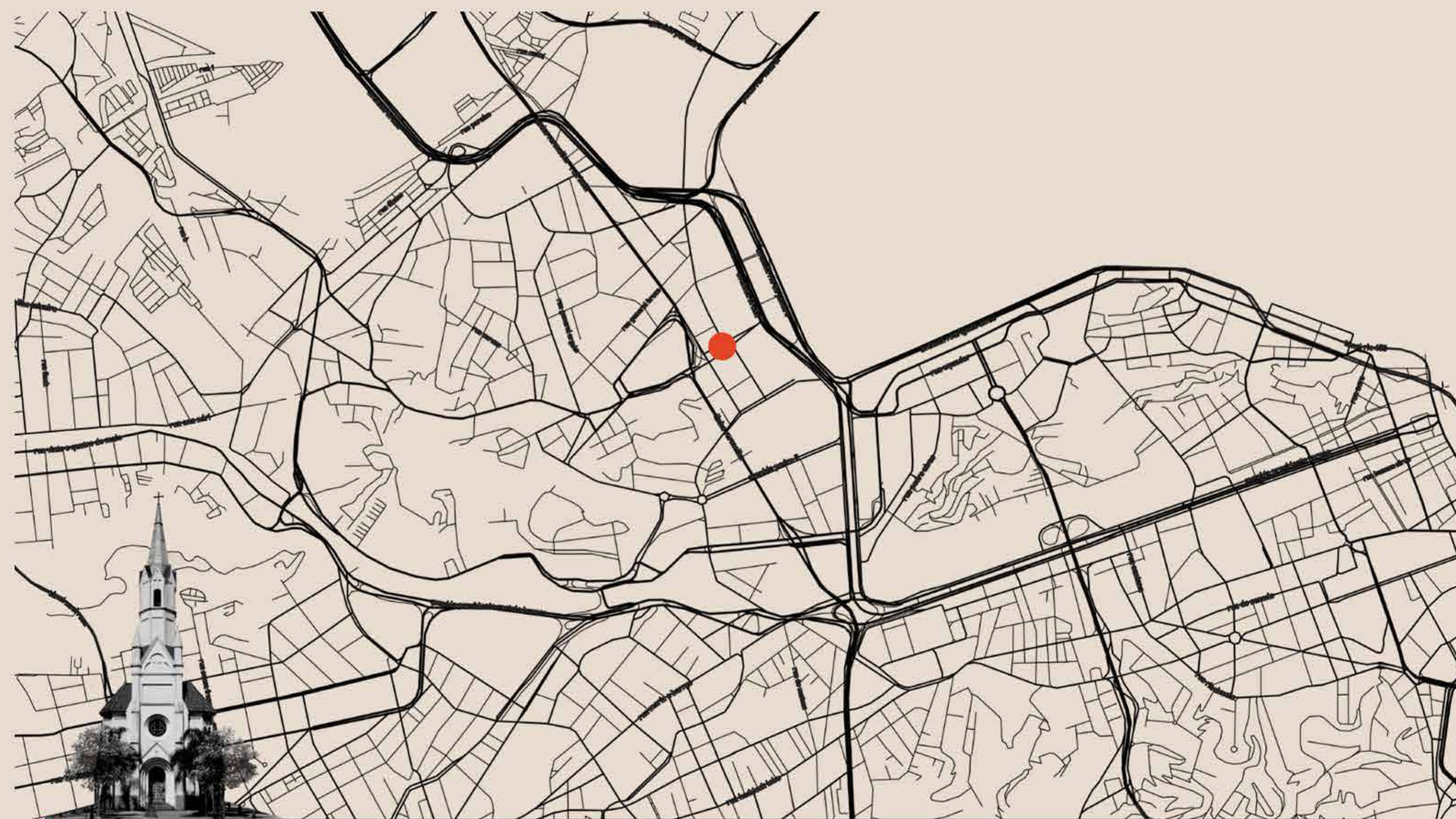
Figura 110: Danos na esquadria superior e manchas de umidade. Fonte: Autoria própria, 2021.



Figura 111: Descolamento de reboco na escada. Fonte: Autoria própria, 2021.



Figura 112: Descolamento de reboco na esquadria do térreo. Fonte: Autoria própria, 2021.



***COMPREENSÃO  
TEÓRICA***

# 1. Conservação

Existem muitos debates sobre a conservação de monumentos, bens históricos e obras de arte.

A Carta de Cracóvia (2000) diz que “Monumento: é uma entidade identificada como portadora de valor e que constitui um suporte da memória. Nele, a memória reconhece aspectos relevantes relacionados com actos e pensamentos humanos, associados ao curso da história e, todavia, acessíveis a todos.” (pg.5)

Sua conservação, segundo a Carta de Burra (2013), está relacionada aos cuidados destinados a um bem para preservar suas características. Tem como objetivo principal preservar o significado cultural e histórico de um bem, respeitando sua construção existente, o entorno e o conteúdo que fazem parte conjuntamente de seu entendimento.

“A conservação requer a retenção de um ambiente apropriado. Isso inclui a retenção do ambiente visual e sensorial, bem como a retenção de relações espirituais e outras relações culturais que contribuem para o significado cultural do lugar. Novas construções, demolições, intrusões ou outras mudanças que afetariam adversamente o ambiente ou as relações não são apropriadas.” (pg.7)

Baseado na Carta do ICOMOS (1999), Hidaka e Zancheti afirmam que o julgamento sobre esses significados é uma decisão que acontece no presente, mas tendo como base os valores do passado. Por isso, a conservação e intervenção sempre será uma decisão parcial e temporal, já que é impossível conter todos os seus significados e valores envolvidos.

Segundo a Carta de Cracóvia (2000) “A conservação pode, conforme as circunstâncias, incluir os processos de: retenção ou reintrodução de um uso; retenção de associações e significados; manutenção, preservação, restauração, reconstrução, adaptação e interpretação; e geralmente inclui uma combinação de mais de um deles. A conservação também pode incluir a retenção da contribuição que lugares relacionados e objetos relacionados fazem para o significado cultural de um lugar.” (pg.8)

Sobre a importância da gestão dos bens, a Carta de Veneza (1964) ressalta que a conservação exige, antes de tudo, manutenção permanente. Assim como para Camillo Boito, que defende que a conservação é fundamental, devendo acontecer de forma periódica, pois assim seria possível evitar intervenções mais invasivas.

Ainda segundo a Carta de Cracóvia (2000), a participação social é essencial no processo de conservação:

“A pluralidade de valores do patrimônio e a diversidade de interesses requerem uma estrutura de comunicação que permita uma participação efectiva dos cidadãos no processo, para além dos especialistas e gestores culturais. Caberá às comunidades adoptar os métodos e as formas apropriadas para assegurar uma verdadeira participação dos cidadãos e das instituições nos processos de decisão.” (pg.5)

Por fim, a Carta de Burra ressalta a diferença entre preservação e conservação. Enquanto que a última tem como finalidade preservar as características que apresentam significação cultural, a preservação pretende a manutenção do estado do bem e reduzir seu processo de degradação.

# 2. Restauro

Segundo Brandi, a restauração é uma intervenção com objetivo de dar novamente eficiência a um produto de atividade humana. Assim, atuar em um bem patrimonial é agregar novamente eficiência ao patrimônio de valor histórico.

Para ele,

“A restauração constitui o momento metodológico do reconhecimento da obra de arte, na sua consistência física e na sua dúplice polaridade estética e histórica, com vistas à sua transmissão para o futuro.” (Brandi, pág.30)

Brandi destaca que o meio físico é o local de manifestação da imagem. Devemos fazer todo o possível para a duração desse material.

“Restaura-se somente a matéria da obra de arte.” (Brandi, pág.31)

Boito dá continuidade a esse pensamento ao afirmar que as intervenções de restauro são necessárias para se preservar a memória. Para isso, desenvolveu princípios a serem usados como base para as restaurações, como a diferenciação de materiais, documentação e registro fotográfico da obra, placas com datas das intervenções (evidenciar cada etapa do patrimônio), exposição de peças soltas, entre outros.

A Carta de Cracóvia (2000) também ressalta que o restauro em edifícios com valor histórico devem analisar e respeitar todas as suas fases construtivas, de diferentes períodos históricos.

Além disso, Brandi aponta o cuidado para não cair em um falso artístico. Devemos visar a unidade da obra, mas sem recriar/falsificar o passado, nem omitir a passagem do tempo.

“A restauração deve visar ao restabelecimento da unidade potencial da obra de arte, desde que isso seja possível sem cometer um falso artístico ou um falso histórico, e sem cancelar nenhum traço da passagem da obra de arte no tempo.” (Brandi, pág.33)

O restauro deve ser um ato crítico, que interpreta o seu passado e presente, buscando uma unidade conceitual e metodológica.

A Carta de Cracóvia (2000) ressalta a necessidade de compreender a relação do patrimônio com o tecido urbano inserido.

“O projeto de restauro de cidades e aldeias históricas deve considerar que os imóveis do tecido urbano desempenham uma dupla função: a) são elementos definidores da forma urbana, mas também; b) possuem uma espacialidade interna, que constitui um dos seus valores essenciais.” (pg.3)

Além disso, a Carta destaca a importância da questão paisagística ao realizar uma intervenção, devendo ser analisada e pensada como relação histórica com a cidade.

“É importante compreender e respeitar o carácter das paisagens e aplicar leis e normas adequadas que harmonizem os usos mais importantes do território com valores paisagísticos essenciais. Em muitas sociedades, as paisagens possuem uma relação histórica com o território e com as cidades.” (pg.4)

### 3. Intervenção no Patrimônio

Intervenção, segundo Cláudia Nóbrega e Rosina Ribeiro,<sup>1</sup> é toda mudança ou adaptação (que inclui alterações e ampliações), podendo ser física ou legal, com o objetivo de interferência no existente.

Para isso, elas ressaltam a importância de realizar o diagnóstico completo do patrimônio, entendendo sua essência, seu entorno, história, intervenções antigas, estado de conservação e relações com a cidade.

Também é essencial, segundo a Carta de Quito (1967), a compatibilização teórica com as políticas urbanas atuantes. “A defesa e valorização do patrimônio monumental e artístico não se contradiz, teórica nem praticamente, com uma política de ordenação urbanística cientificamente desenvolvida. Longe disso, deve constituir o seu complemento.” (pg.3)

É importante destacar que não se pode seguir os gostos pessoais nas decisões de intervenção no patrimônio, mas sim fundamentar em teorias, estudos e análises consistentes. Alguns princípios devem ser seguidos, como distinguibilidade com o existente; reversibilidade, mínima intervenção e compatibilidade de técnicas com a necessidade. Além disso, para as autoras, deve-se respeitar as diversas fases que o edifício já passou, respeitando seu valor patrimonial.

A Carta de Quito (1967) também concorda ao afirmar:

“Em síntese, a valorização do patrimônio monumental e artístico implica uma ação sistemática, eminentemente técnica, dirigida a utilizar todos e cada um desses bens conforme a sua natureza, destacando e exaltando suas características e méritos até colocá-los em condições de cumprir plenamente a nova função a que estão destinados.” (pg.6)

Ainda, a Carta ressalta a possibilidade de investimento no âmbito turístico do patrimônio, como forma de autossustentação dos bens e de valorização econômica de uma região.

“Valorizar um bem histórico ou artístico equivale a habitá-lo com as condições objetivas e ambientais que, sem desvirtuar sua natureza ressaltam suas características e permitam seu ótimo aproveitamento. Deve-se entender que a valorização se realiza em função de um fim transcendente, que, no caso da América Ibérica, seria o de contribuir para o desenvolvimento econômico da região.” (pg.5)

“Que os monumentos e outros bens de natureza arqueológica, histórica e artística podem e devem ser devidamente preservados e utilizados em função do desenvolvimento, como principais incentivos à afluência turística.” (pg.8)

Um desenvolvimento baseado em memórias e lentidão.

<sup>1</sup> Professoras da FAU/UFRJ e especialistas em Patrimônio histórico e cultural.

### 4. Paisagem Urbana

A paisagem, segundo BERQUE,<sup>2</sup> é entendida como o espaço onde se vive e os valores que a sustentam. Qualquer degradação influencia diretamente na perda de recursos e de qualidade de vida.

Segundo Raquel Tardin para entender essa paisagem, é analisada pelo olhar interdisciplinar para seus sistemas biofísico, urbano e sociocultural.

“Isso inclui as dinâmicas e os valores que a significam, como elementos e processos interligados, que são a base para compreender e interpretar a paisagem, bem como para formular diretrizes para planos e projetos e, consequentemente, intervir de maneira prática nela.

Essas diretrizes se referem ao desenvolvimento dos aspectos funcionais e espaciais da paisagem de modo sustentável, face à sua capacidade de suporte e aos desígnios de sua gente. Por outro lado, envolvem as intenções de proteção e recuperação de elementos e processos biofísicos, de valorização e inclusão sociocultural e de eficiência da ocupação urbana.” (TARDIN,2018)

O Brasil, assim como países emergentes, vive um momento de urbanização extensiva, em que a ocupação urbana e as normas atuantes (tanto de ocupação urbana quanto proteção ambiental) se mostram justapostas. Além disso, existe uma tendência de interpretação segmentada da paisagem urbana. Os projetos e planos, normalmente voltados para os contextos urbanos propriamente ditos e biofísicos, não compreendem que os humanos fazem parte da natureza.

Segundo Raquel, “Como parte da natureza, os sistemas da paisagem interagem entre si, e o reconhecimento dessa interação pode apontar caminhos para um desenvolvimento sustentável de paisagens urbanas.”

Assim, o trabalho busca considerar a paisagem como instância física, de práticas e valores coletivos, que se entrelaçam na constituição da singularidade local.

### 5. Sistema de áreas livres

Segundo TARDIN, os espaços livres, junto com as dinâmicas biofísicas e socioculturais, podem ser estruturantes e ordenadoras de um contexto urbano.

“Um sistema espacial pode ser entendido como um conjunto de elementos e processos interligados ao longo do tempo, juntamente com as relações estabelecidas entre eles e seu entorno, unidos por uma troca interdependente de influências.” (SANTOS, 2002)

Um sistema de espaços livres, dentro de um contexto urbano, abrange diversos tipos de dinâmicas, elementos e espaços. Segundo Santos, a dinâmica interna influencia a periferia, e vice-versa, fazendo parte de um todo em maior escala. Uma mudança em determinado ponto acarreta repercussões por todo sistema. Além disso, Santos reforça que os sistemas não são afetados só pelo presente. Eles são produtos de sobreposições e intervenções ao longo do tempo.

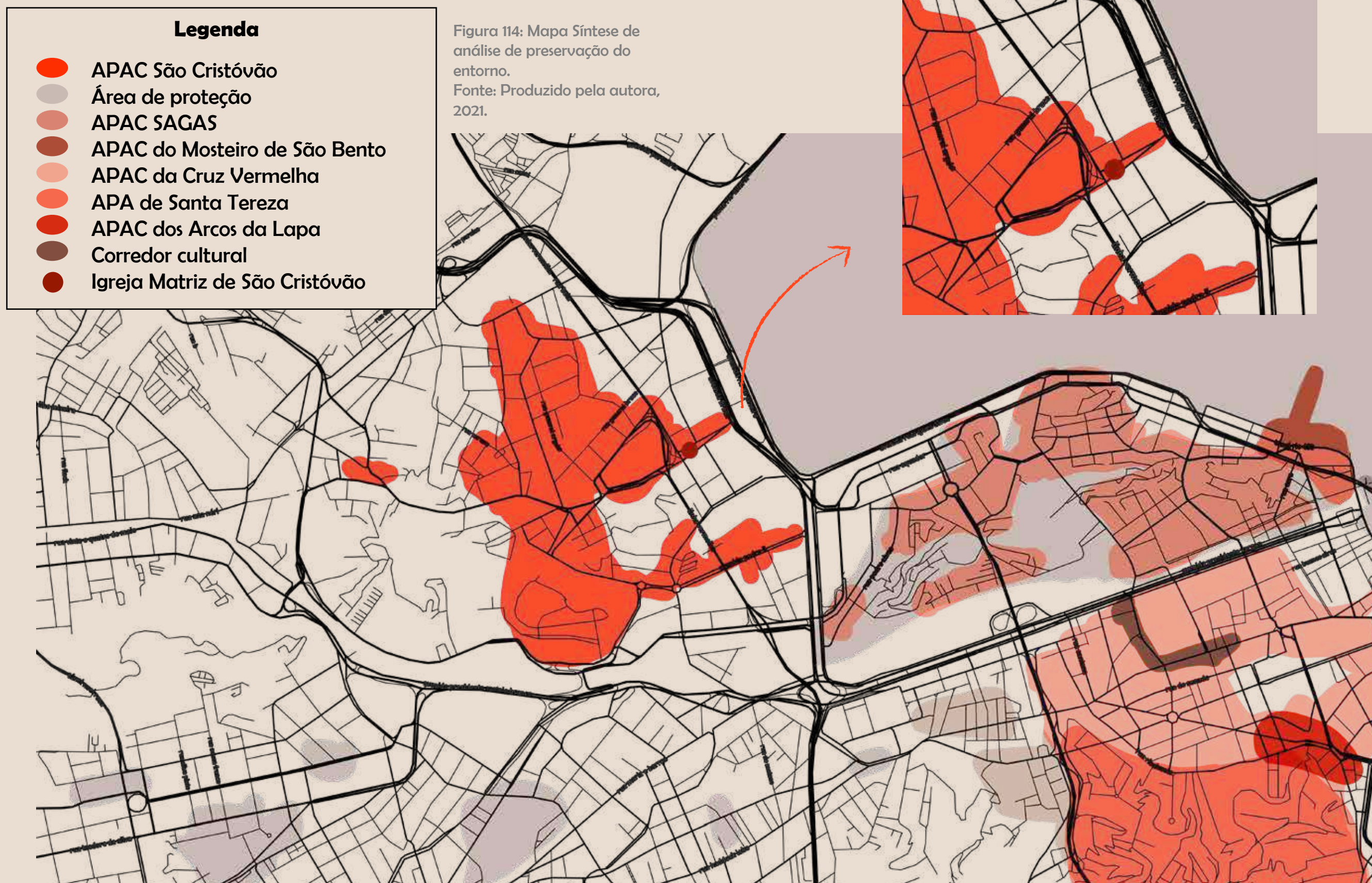
Entendendo essas relações, com um olhar simultâneo no todo e em suas partes, podemos propor soluções que contemplem a paisagem como um todo. Acredita-se que, com esse olhar integrado, é possível criar estratégias de desenvolvimento sustentável da paisagem, contribuindo para a sua preservação e a criação de novas dinâmicas de uma maneira interligada.

Destaca-se também a importância da participação social no processo. Para Berque, é essencial ouvir as pessoas para poder entender a relação entre seus valores e a paisagem física.

Assim, o trabalho busca compreender o contexto em diversas escalas, não se esquecendo de quem vive aquela paisagem, para propor intervenções que atuem na cidade como um sistema integrado e sustentável.

<sup>2</sup> Geógrafo francês, orientalista e filósofo, especialista em ciências sociais de Paris.

## 6. Legislação



O tombamento foi, por muito tempo, o único instrumento legal de proteção do patrimônio no Brasil, instituído pelo Decreto-lei 25/37 para o que considerava-se como patrimônio histórico e artístico, adotando-se pelas legislações estaduais e municipais. Eram protegidos bens culturais de valor excepcional, individuais ou conjuntos, mas de grande significado histórico ou artístico.

Com o avanço do desenvolvimento urbano, privilegiando a velocidade motorizada, e o desaparecimento de camadas esquecidas da cidade, o Rio de Janeiro criou um instrumento de proteção do patrimônio cultural diferente do tombamento, que junta preservação e desenvolvimento urbano: as Áreas de Proteção do Ambiente Cultural – (APAC)(1979).

Na cidade do Rio de Janeiro existem 33 APACs e Áreas de Entorno de Bens Tombados (AEBT). O órgão responsável por gerir e fiscalizar os bens é o Instituto Rio Patrimônio da Humanidade (IRPH).

“Uma APAC é constituída de bens imóveis – casas térreas, sobrados, prédios de pequeno/médio/grande portes – passeios, ruas, pavimentações, praças, usos e atividades, cuja ambiência em seu conjunto (homogêneo ou não), aparência, seus cheiros, suas idiossincrasias, especificidades, valores culturais e modos de vida conferem uma identidade própria a cada área urbana.” (IRPH)

A APAC delimita áreas onde a legislação urbana estabelece imóveis que poderão ser preservados (e seus elementos arquitetônicos relevantes) e também, estabelecer novos parâmetros urbanos como, por exemplo, gabaritos para a área, atividades e usos adequados e condições de parcelamento do solo.

“Assim, criam-se as condições necessárias para que a cidade possa garantir sua memória urbana, preservando sua imagem cultural e, ao mesmo tempo, fomentando a adaptação da cidade à contemporaneidade. A APAC não é um instrumento saudosista, mas culturalista, acumulativo, permitindo que novos valores e significados possam ser agregados à identidade urbana, promovendo a dinâmica vital da cidade.” (IRPH)

Em 1993, pela Lei Complementar no 24/93, foi criada a Área de Proteção do Ambiente Cultural (APAC) de São Cristóvão, onde se localiza a Igreja Matriz de São Cristóvão. Ela modificou a legislação de uso e ocupação do solo em São Cristóvão, incentivando o uso residencial na região e buscando recuperar o equívoco da legislação anterior, que privilegiou o uso industrial.

A APAC SC é dividida em dois tipos de graus de proteção: I e II. No primeiro caso, representam um período histórico, arquitetônico ou costume, conferindo identidade cultural em escala nacional, regional ou municipal. Já no segundo, representam a identidade cultural de um bairro, localidade ou entorno de um bem tombado.

A Igreja Matriz se localiza como grau 1 de proteção, onde o imóvel não poderá ser demolido e qualquer obra de reforma, modificação ou alteração de uso ou atividade deverá ser previamente analisada e aprovada pelo órgão de tutela.

“Ficam preservadas as características originais dos acabamentos, vãos, elementos decorativos e arquitetônicos e a escala, volumetria e morfologia das fachadas, coberturas, interiores e elementos incorporados como escadarias, estatuárias, gradis, portões, muros, luminárias e jardins das edificações situadas nas ruas.”

Em contrapartida, a Resolução SMUIH N°60 de 27 de março de 2017 classifica a rua da igrejinha como Zona Comercial e de Serviços (ZCS), onde predominam as atividades comerciais e de prestação de serviços de alcance regional ou municipal. Suas características se destacam pelo alta densidade de ocupação e parcelamento do solo. Além disso, o plano prevê possibilidade de reconversão das edificações tombadas ou preservadas.

Visto que a APAC não é uma regra impositiva, mas sim sugestiva, essas duas normas deveriam funcionar de forma complementar uma a outra. Porém, não é o que acontece na prática na maioria dos casos. O que é mais vantajoso para quem? A velocidade ou a lentidão?

Esses questionamentos se refletem na paisagem urbana, que demonstra claramente esses conflitos de legislações e interesses.



# ***INTERVENÇÃO***





UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO DE JANEIRO

**Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
UFRJ**

***ESTUDO  
FINAL***

**Trabalho Final de Graduação II  
2021.2**

**Luiza Leite Teixeira  
(DRE 116142811)**

**Orientação por Maria Clara Amado**

# 1. Estudos de caso



Figura 113: Museu de Castelvecchio de Verona. Fonte: Archdaily. Editado pela autora, 2021. Disponível em: <[https://www.archdaily.com.br/br/872695/classicos-da-arquitetura-restauro-do-museu-de-castelvecchio-em-verona-carlo-scarpa?ad\\_source=search&ad\\_medium=search\\_result\\_projects](https://www.archdaily.com.br/br/872695/classicos-da-arquitetura-restauro-do-museu-de-castelvecchio-em-verona-carlo-scarpa?ad_source=search&ad_medium=search_result_projects)>. Acesso em: Outubro, 2021.

Figura 114: Museu Rodin Bahia Fonte: Archdaily. Editado pela autora, 2022. Disponível em: <[https://www.archdaily.com.br/br/910445/museu-rodin-bahia-brasil-arquitetura?ad\\_medium=gallery](https://www.archdaily.com.br/br/910445/museu-rodin-bahia-brasil-arquitetura?ad_medium=gallery)>. Acesso em: Fevereiro, 2022.



**Museu Rodin Bahia (Brasil Arquitetura)**  
2002, Brasil

Filial do Museu Rodin no Brasil, o projeto contou com o restauro de um edifício histórico e a criação de um anexo, para abrigar as exposições e um café. A principal solução de articulação foi a criação de uma passarela que liga o novo ao antigo, ancorada em um anexo que se adequa as lógicas da construção histórica. Foram utilizados materiais diferentes do existente, deixando bem claro qual foi a intervenção feita. O projeto também conta com a preservação de um jardim centenário, que é palco de interações sociais e ponto de encontro do novo e antigo.

**Museu de Castelvecchio (Carlo Scarpa)**  
1957, Verona, Itália

Um dos museus mais importantes de Verona, o Castelvecchio foi construído em meados do século XIV e restaurado por Carlo Scarpa em 1957, se tornando uma de suas maiores obras. O edifício sofreu muitos danos devido a Segunda Guerra Mundial e Scarpa decidiu não separar a construção existente do equipamento museológico. O próprio museu é uma peça a ser vista e admirada, deixando em evidência sua história. Scarpa projetou novos fluxos e usos que respeitam o existente e se integram a ele, mas podendo ser claramente diferenciados, através da utilização de diferentes formas e materiais.

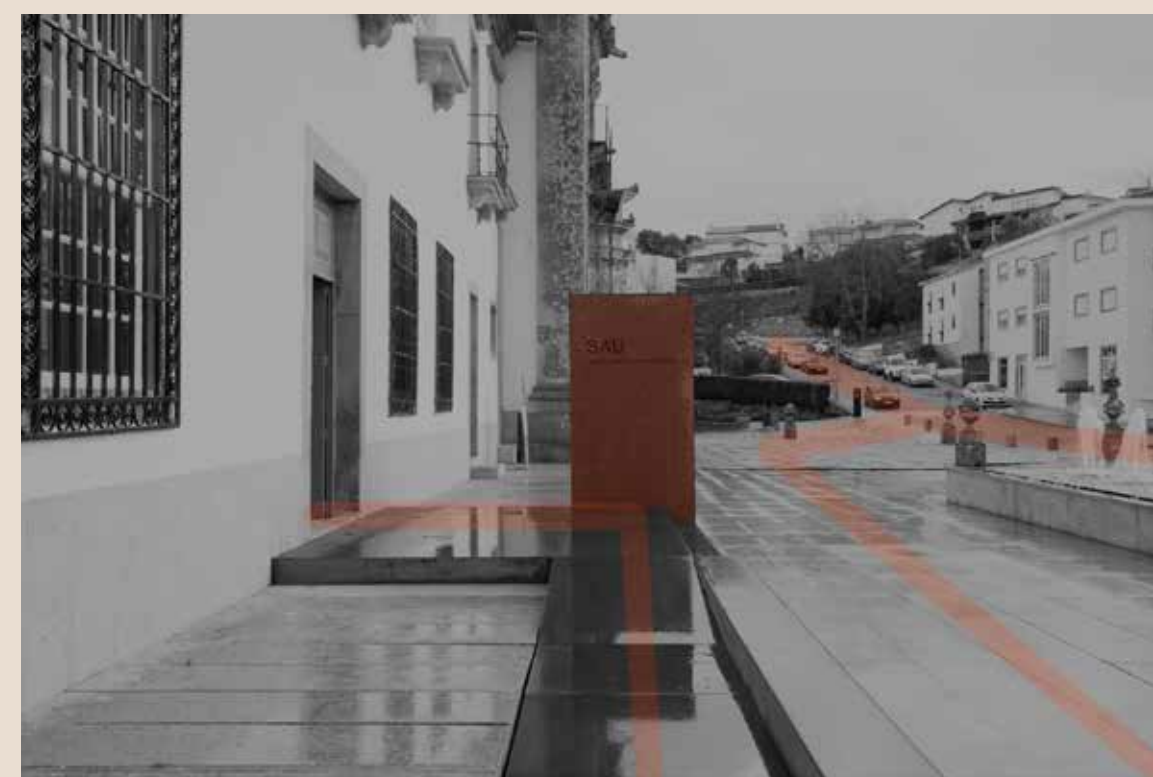


Figura 115: Entrada do Mosteiro de São Miguel de Refojos. Fonte: Archdaily. Editado pela autora, 2021. Disponível em: <[https://www.archdaily.com.br/br/948219/reabilitacao-e-restauro-do-mosteiro-de-sao-miguel-de-refojos-paulo-freitas-e-maria-joao-marques-arquitetos?ad\\_source=search&ad\\_medium=search\\_result\\_all](https://www.archdaily.com.br/br/948219/reabilitacao-e-restauro-do-mosteiro-de-sao-miguel-de-refojos-paulo-freitas-e-maria-joao-marques-arquitetos?ad_source=search&ad_medium=search_result_all)>. Acesso em: Outubro, 2021.

**Mosteiro de São Miguel de Refojos (aulo Freitas e Maria João Marques Arquitectos)**  
2019, Portugal

Igreja do século XVII, classificada como de Interesse público e que passou por diversos processos de restauro ao longo dos anos. Hoje, possui diferentes usos, como o Serviço de Atendimento Único (SAU) da região e uma livraria, além de funcionar como a própria igreja. Isso se deve a estratégia de incentivar fluxos turísticos e de novos visitantes, com o objetivo de conservar e valorizar o patrimônio arquitetônico. O projeto garantiu a estabilidade do edifício no presente, levando em conta também, a sua segurança no futuro., além de afetar positivamente o seu entorno e a região como um todo.



Figura 116: Largo da Igreja N. S.ª dos Anjos. Fonte: Archdaily. Editado pela autora, 2021. Disponível em: <[https://www.archdaily.com.br/br/940013/requalificacao-urbana-do-largo-da-igreja-paulo-vieitas-plus-alexandre-picanco?ad\\_source=search&ad\\_medium=search\\_result\\_all](https://www.archdaily.com.br/br/940013/requalificacao-urbana-do-largo-da-igreja-paulo-vieitas-plus-alexandre-picanco?ad_source=search&ad_medium=search_result_all)>. Acesso em: Outubro, 2021.

**Largo da Igreja N. S.ª dos Anjos (Paulo Vieitas + Alexandre Picanço)**  
2020, Portugal

O projeto visa ordenar o espaço público da região, através da requalificação do Largo, criando um espaço de convívio social que se integra e respeita as construções. O “coreto” foi pensado para funcionar como mobiliário de permanência no dia a dia e como palco para as festas paroquiais. Ao invés de delimitar a separação de piso com as vias de automóveis, a praça fica no mesmo nível e material (pedra portuguesa, que dificulta a circulação de carros), incentivando o fluxo de pedestres e o convívio social em seu entorno.

## 2. Diretrizes

Assim, depois de uma análise completa teórica, das camadas biofísicas, socioculturais e urbanas do entorno e de um estudo aprofundado do objeto arquitetônico, além de estudo de diferentes casos, chegamos as diretrizes a serem seguidas na intervenção proposta:

- Ligação com os pontos culturais e históricos do bairro de São Cristóvão, promovendo um **circuito turístico**. Além de incentivar as pessoas a frequentarem o local, é uma maneira de autossustentar a paróquia e repercutir positivamente em seu entorno.
- Manter seu funcionamento como paróquia e propor novos usos, como: um **centro cultural**, que conta e expõe a história do bairro e da própria igreja, valoriza sua arquitetura, além de atrair visitantes.
- Outros usos com objetivo de criar áreas de permanência: um pequeno **espaço gastronômico** de apoio ao museu e a paróquia no salão comum da igreja, que se conecte com a praça e com a Feira de São Cristóvão.
- Criar um **anexo** para o centro cultural com um volume que respeite o entorno, com dimensões pequenas e materiais permeáveis para não criar um grande adensamento, com gabarito baixo para não competir com a torre e fazendo uma analogia as lógicas existentes: linhas verticais na fachada principal e linhas horizontais na fachada lateral.
- Utilizar materiais que se diferenciem do existente, que permitam a **destinação visual da intervenção**, mas que não contrastem totalmente com a lógica da Igreja.
- Propor um espaço de **área livre integrado** com a Igreja e o sistema do bairro, que aproxime as relações com a natureza, através da vegetação, e crie áreas de permanência ao longo de sua dimensão, proporcionando caminhos lentos de pedestres.
- Utilizar **elementos do passado** como estruturantes no desenho da praça e que contem sua história: linhas de projeção de aterramentos como paginação de piso; elementos aquáticos como resgate a relação da água com a paisagem. Mas vale ressaltar que a intenção não é recriar o passado, e sim fazer uma menção a história através de novos elementos e relações.
- Propor medidas necessárias para a **conservação e restauro** do patrimônio, tratando as patologias encontradas nas análises de danos internos e externos, como intervenções nos telhados e em instalações de captação de água das chuvas.
- Sinalizar o edifício como bem patrimonial, além de propor medidas de conservação constantes do edifício, para preservar o bem e evitar possíveis intervenções futuras.



Figura 117: Mapa de intenções.  
Fonte: Produzido pela autora, 2021.

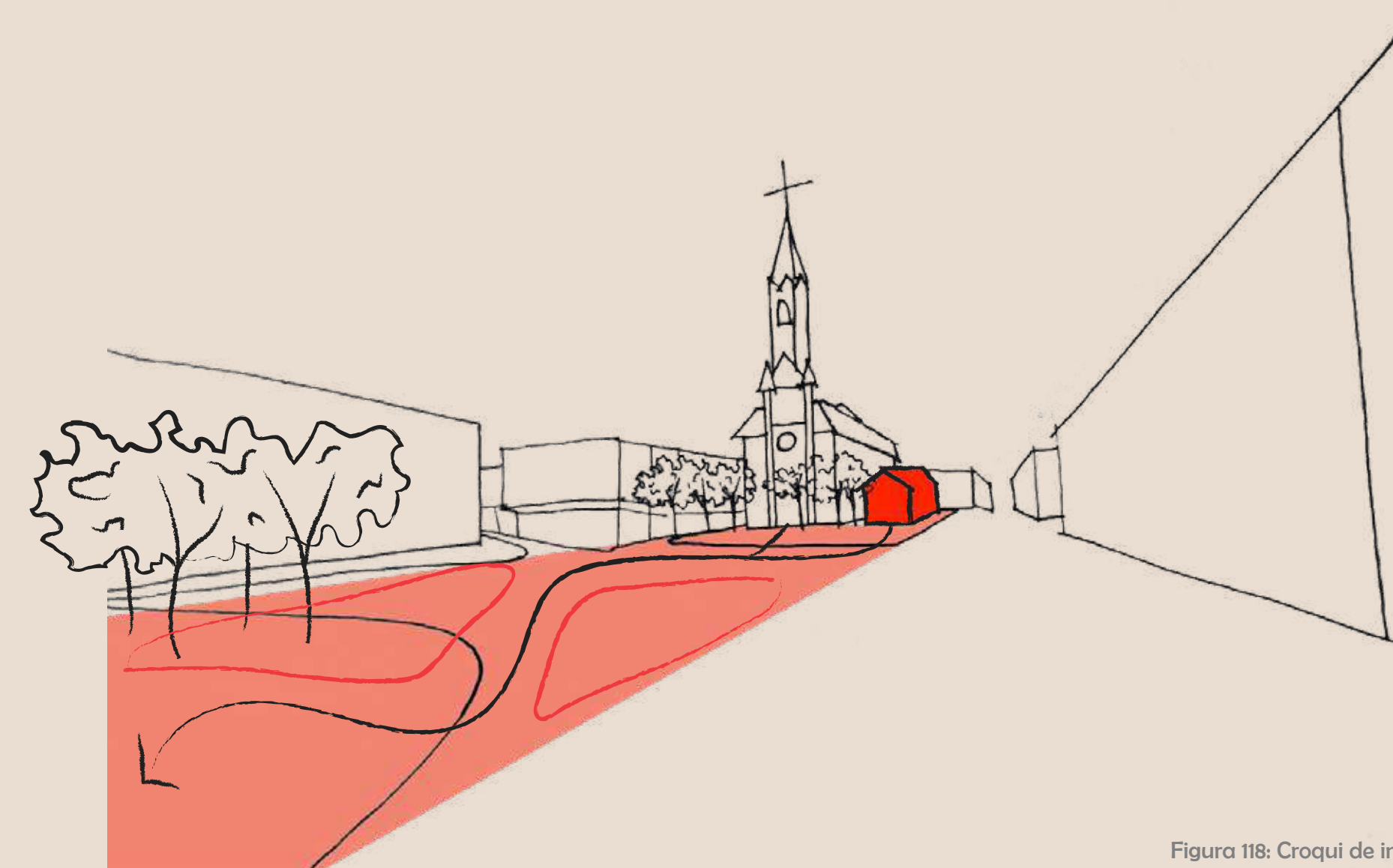
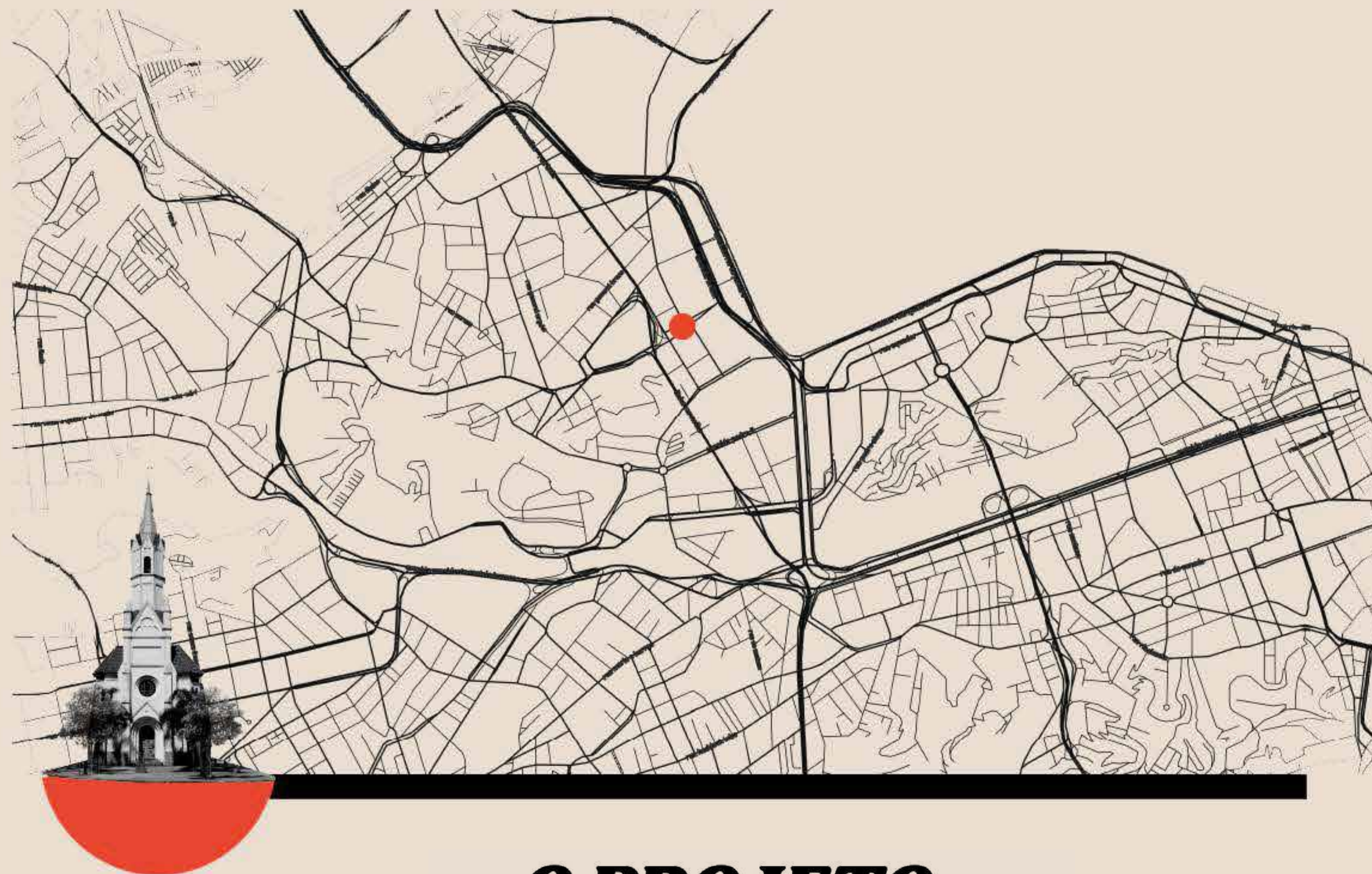


Figura 118: Croqui de intenções.  
Fonte: Produzido pela autora, 2021.



## ***O PROJETO***

# 1. Ações projetuais

Após as análises e informações desenvolvidas ao longo deste trabalho, neste último módulo serão apresentados o plano de ações projetuais para a intervenção na Igreja Matriz de São Cristóvão, assim como as plantas, cortes, fachadas e perspectivas referente ao resultado do projeto.

Como pode-se observar no quadro ao lado, o plano de ações é formado por uma maior parte de ações a curto prazo, onde predominam etapas de detalhamento e projeto.

Em segundo lugar, temos as ações de médio prazo, onde dominam etapas mais aprofundadas de projeto e de negociação.

Por último, temos as etapas de longo prazo, em que são necessárias negociações em maior escala.

Vale também destacar possíveis potenciais de expansão do centro gastronômico e cultural a longo prazo, visto a presença de dos imóveis abandonados com localização estratégica e que podem ser incluídos no circuito turístico do bairro.

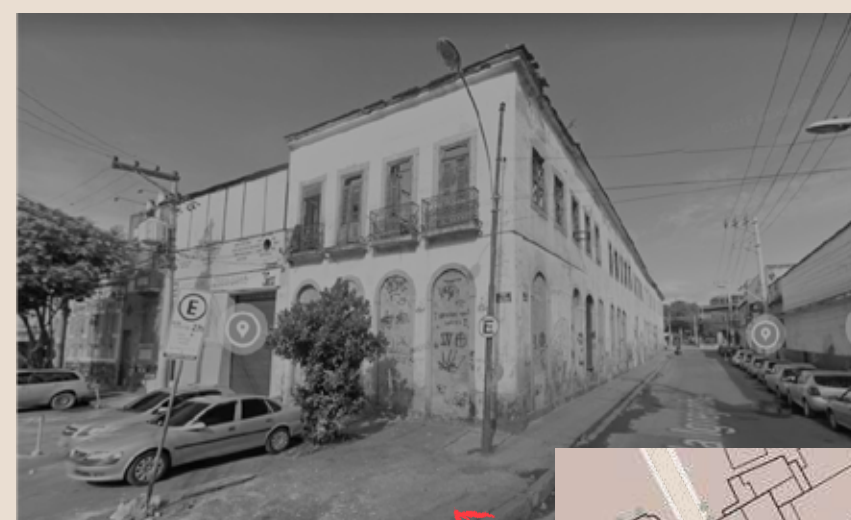


Figura 119: Rua da Igrejinha. Fonte: Google maps, 2021.



Figura 120: Rua Santos lima. Fonte: Google maps, 2021.



Figura 121: Mosca. Fonte: Produzido pela autora, 2021.

EDIFÍCIO	
	Atualizar as coberturas da igreja, tratando os danos identificados e reinstalando estrutura para captação de água das chuvas.
	Reestruturar instalações elétricas, hidráulicas, sanitárias e de refrigeração quando necessárias.
	Tratar as patologias identificadas durante a análise de danos, através de ações restaurativas, como: <ul style="list-style-type: none"> <li>- Limpeza de superfícies</li> <li>- Execução de novo reboco conforme técnicas apropriadas</li> <li>- Troca de vidros quebrados identificados</li> <li>- Tratamento da madeira de portas e esquadrias</li> </ul>
	Propor a nova utilização de espaços da Igreja como centro cultural.
	Discutir a sinalização da Igreja como Patrimônio histórico cultural da cidade
	Reparar equipamentos e mobiliários com danos identificados

URBANO	
	Criar áreas de permanência ao longo das praças.
	Implantar mobiliário urbano ao longo das praças.
	Debater a intervenção nas praças adjacentes, integrando seu espaço com a Igreja e o entorno.
	Propor um anexo a Igreja, destinado ao uso gastronômico, em terreno da Praça Santa Edwiges.
	Propor a realização de feiras gastronômicas no espaço das praças.
	Discutir a criação do circuito turístico que liga a área de intervenção ao restante do bairro, potencializando as interações e possibilitando a autossustentação da Igreja.

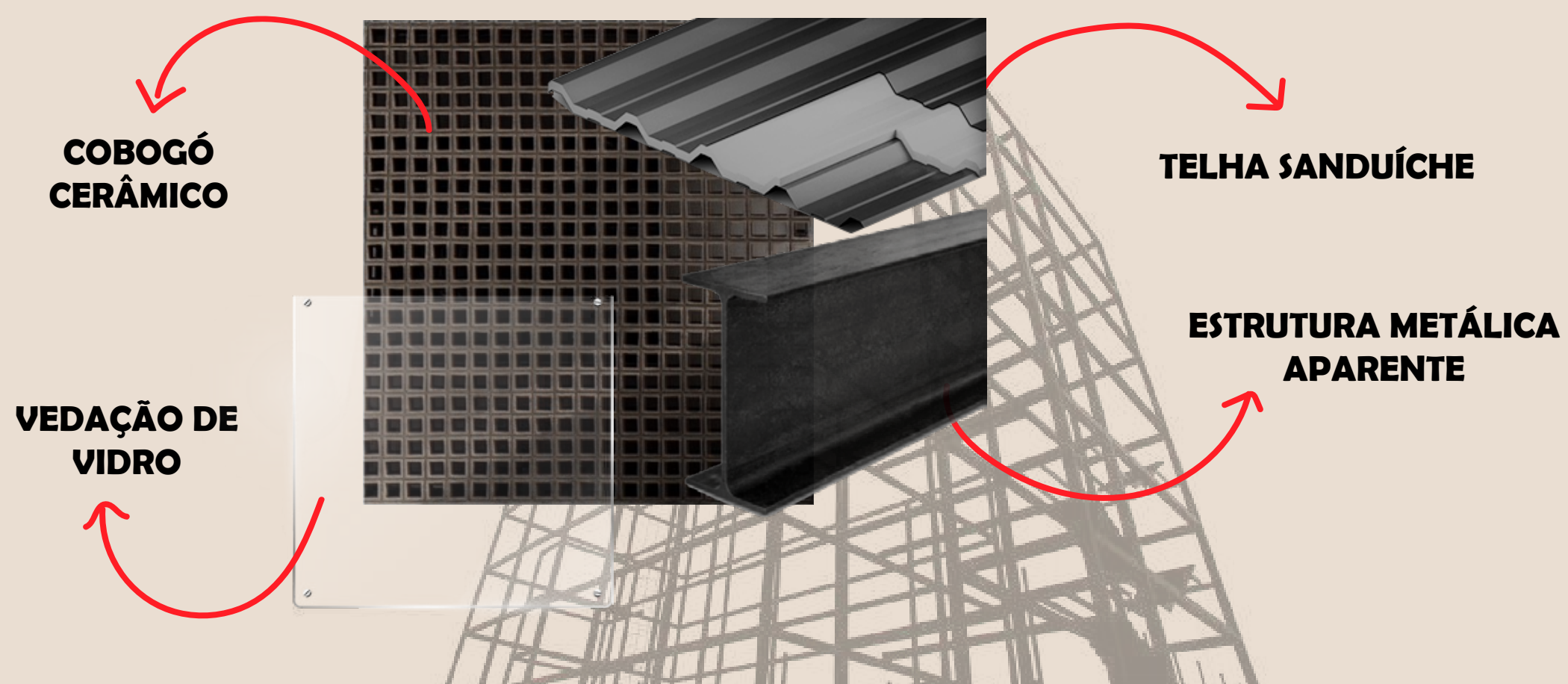
<span style="color: red;">■</span> <b>Longo prazo</b>	<span style="color: orange;">■</span> <b>Médio prazo</b>	<span style="color: lightcoral;">■</span> <b>Curto prazo</b>
---	--	--

Figura 122: Tabelas de ações projetuais. Fonte: Produzido pela autora, 2021.

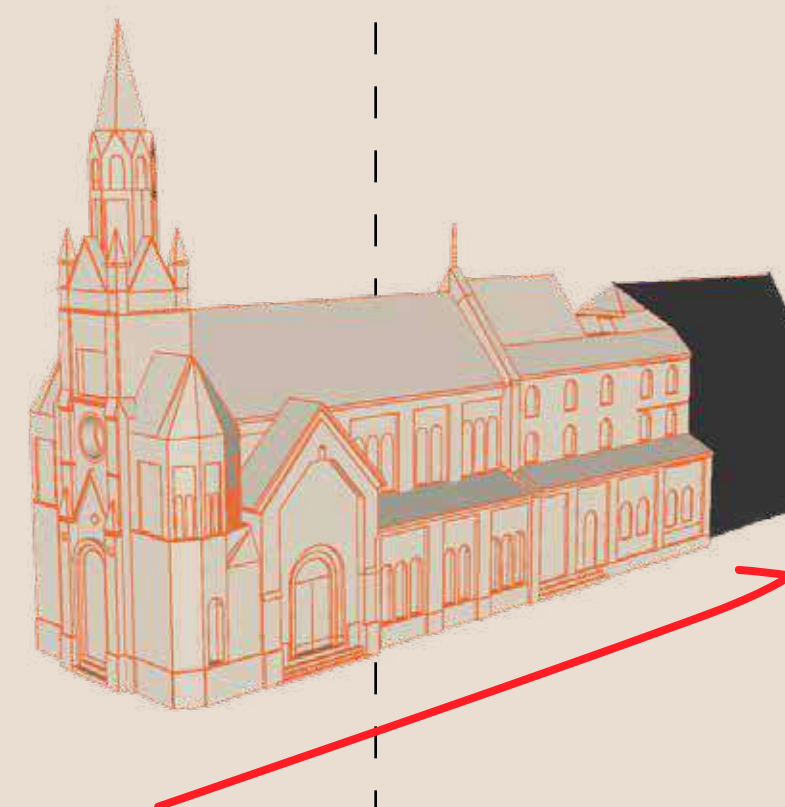
## 2. Projeto

A proposta do volume é, primeiro, dar continuidade a forma da Igreja, respeitando a métrica e ritmo de fachada, mas utilizando materiais que se diferenciem do existente e não atrapalhem visualmente a compreensão do objeto e o entorno. Para isso, foram escolhidos o vidro para vedação, assim como o cobogó cerâmico como proteção solar e estrutura metálica. Além disso, é proposto o uso da telha sanduíche seguindo o volume do telhado existente.

Depois, a ação é de quebra do contínuo, ao propor um volume ortogonal com formas retas, mas utilizando materiais que preservem a permeabilidade da praça e respeitem o entorno. Assim, também foi escolhido a estrutura metálica e a vedação é feita por cobogó cerâmico quadriculado com placas móveis de vidro, que permitem o contato visual e remetem ao ritmo da paginação de piso da Praça Padre Séve.



### CONTINUIDADE



### QUEBRA

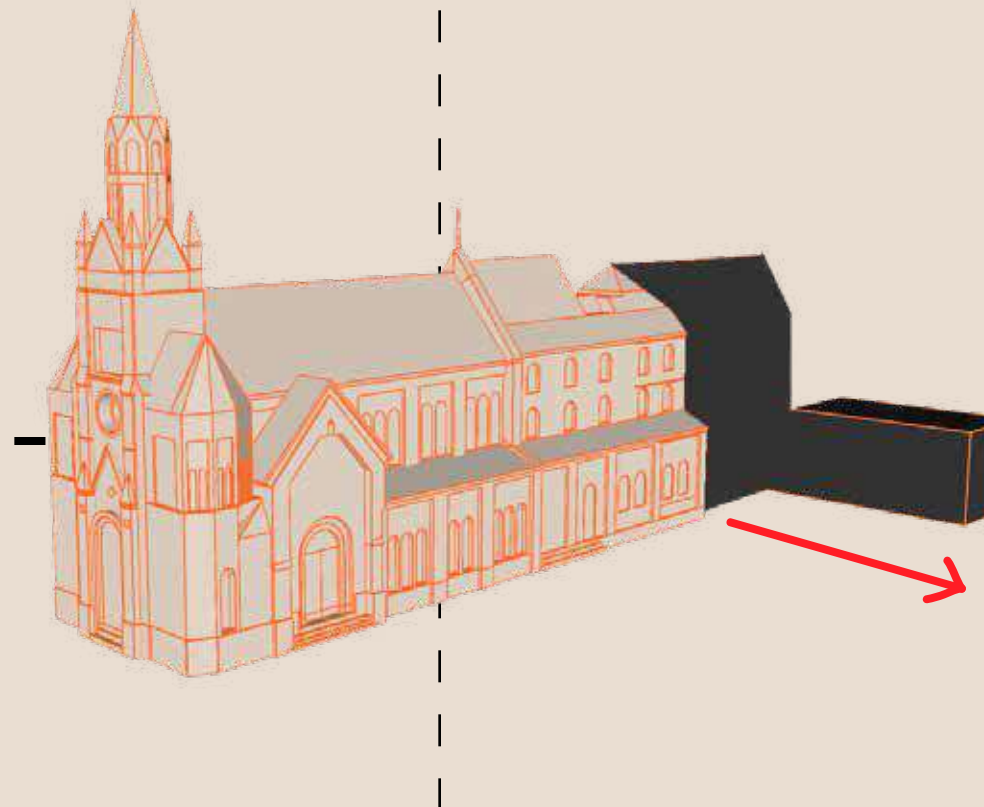


Figura 123: Collana Industrial Heritage. Fonte: Pinterest. Editado pela autora, 2022. Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/245586985921649991/>>. Acesso em: Janeiro, 2022.

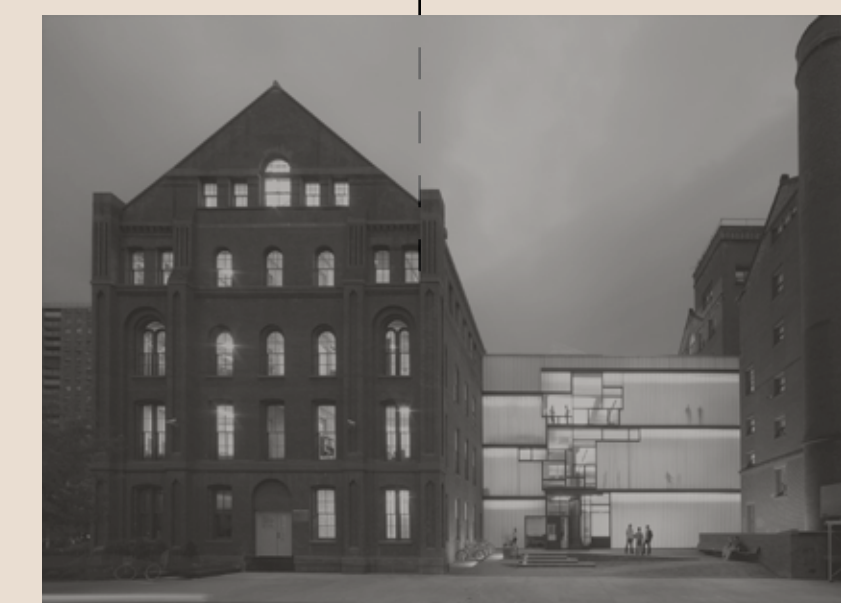


Figura 124: Pratt Institute. Fonte: Pinterest. Editado pela autora, 2021. Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/245586985921649992/>>. Acesso em: Janeiro, 2022.

## PROGRAMA

### SERVIÇO/APOIO

A área de serviço e apoio da Igreja é de acesso privado, esse sendo feito apenas por uma entrada lateral. A partir dela, chega-se a sacristia, além de contar com copa, vestiário para o uso dos funcionários.

### CENTRO CULTURAL

O Centro cultural tem acesso ao público pela rua Padre Séve, contando com duas salas de exposições, sala audiovisual, workshop e loja, além de administração e reserva técnica (que são privadas).

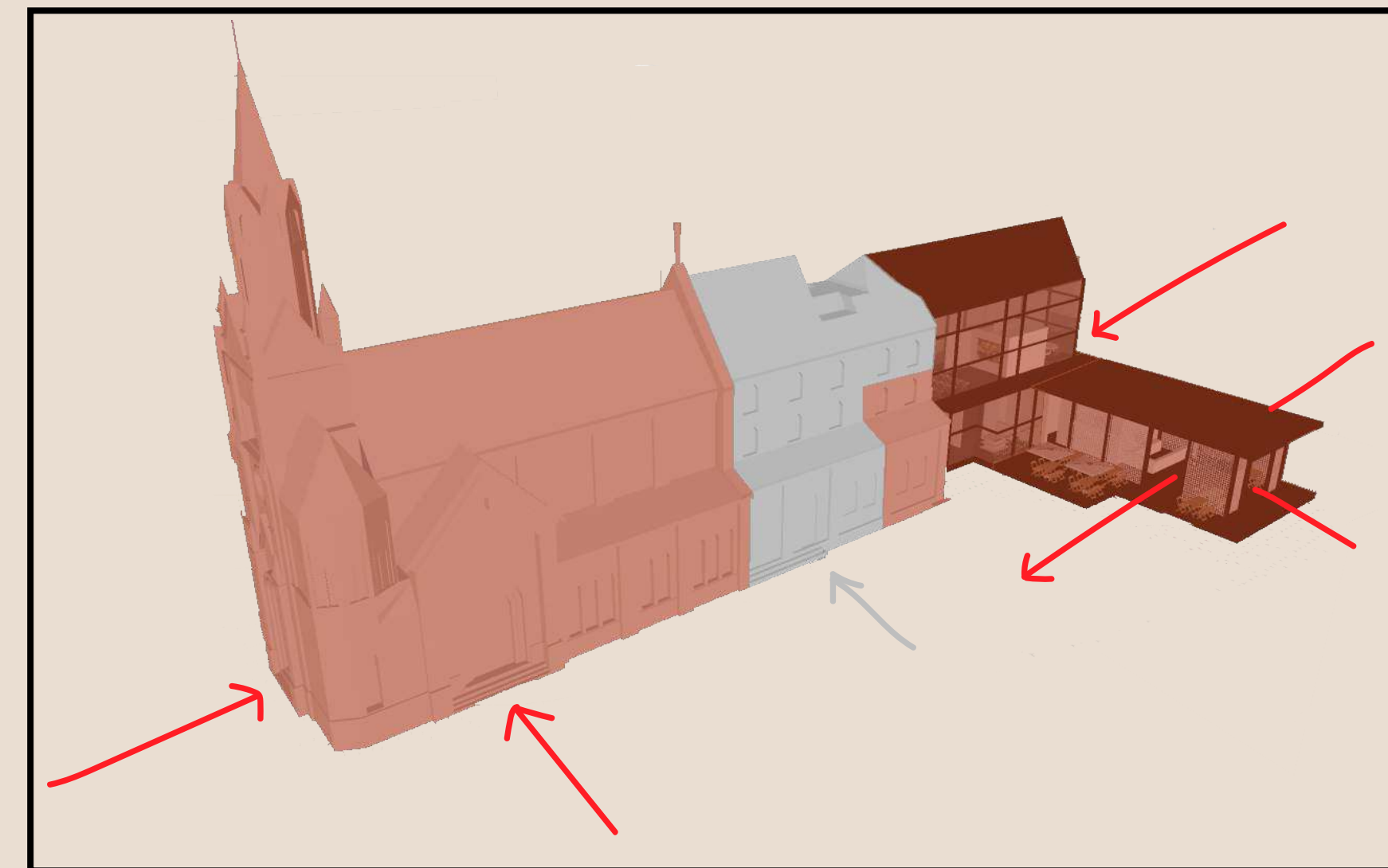
### CAFÉ

O café tem acesso livre por suas três orientações livres, chegando ao salão e balcão e fazendo ligação direta com a Praça Padre Séve. Além disso, possui áreas de serviço de acesso privado, como cozinha e depósito.

### IGREJA

A Igreja tem acesso ao público pelas entradas laterais e pela entrada principal. Chegando no Nártex, ela conta com uma nave central e duas laterais, voltadas para o altar, além de uma secretaria e coro alto.

## PÚBLICO X PRIVADO



### Legenda

■ Público  
■ Privado

→ Acessos públicos  
→ Acessos privados

Em relação as praças, a ideia é integrá-las através de um caminho demarcado, em curvas, que promovam um percurso lento e que criem e setorizem os espaços. Vale ressaltar que, como foram criadas em momentos diferentes da história e possuem lógicas diferentes, as praças serão tratadas de forma diferentes, mas que conversem entre si.

Para a Praça Padre Séve, proposta é respeitar e manter os elementos existentes, que fazem parte da memória e vivência da região. Assim, a paginação quadrangular e as palmeiras existentes são mantidas e viram um partido. Os mobiliários e vegetação seguem a sua métrica, se “encaixando nos quadradinhos” ao longo de toda a praça.

Ao longo do caminho, acontece a feira gastronômica, com barracas que foram pensadas para ter o tamanho do espaço do piso e que seja fácil de montar e guardar no depósito da Igreja. Ela funciona como uma extensão da Feira de São Cristóvão, então além de vendedores locais, também há barracas e apresentações de tradição nordestina.

Nos espaços adjacentes ao caminho curvo, foram pensados decks que diferenciem a intervenção do existente, tanto pela altura quanto pela forma circular. Neles, acontecem as apresentações e eventos paroquiais, além de funcionar como um suporte para a feira.

Quando não estiver acontecendo nenhuma apresentação, os decks podem ser utilizados como espaços de permanência flexíveis e também abrigar os eventos paroquiais, como a famosa festa junina e as rezas ao ar livre.

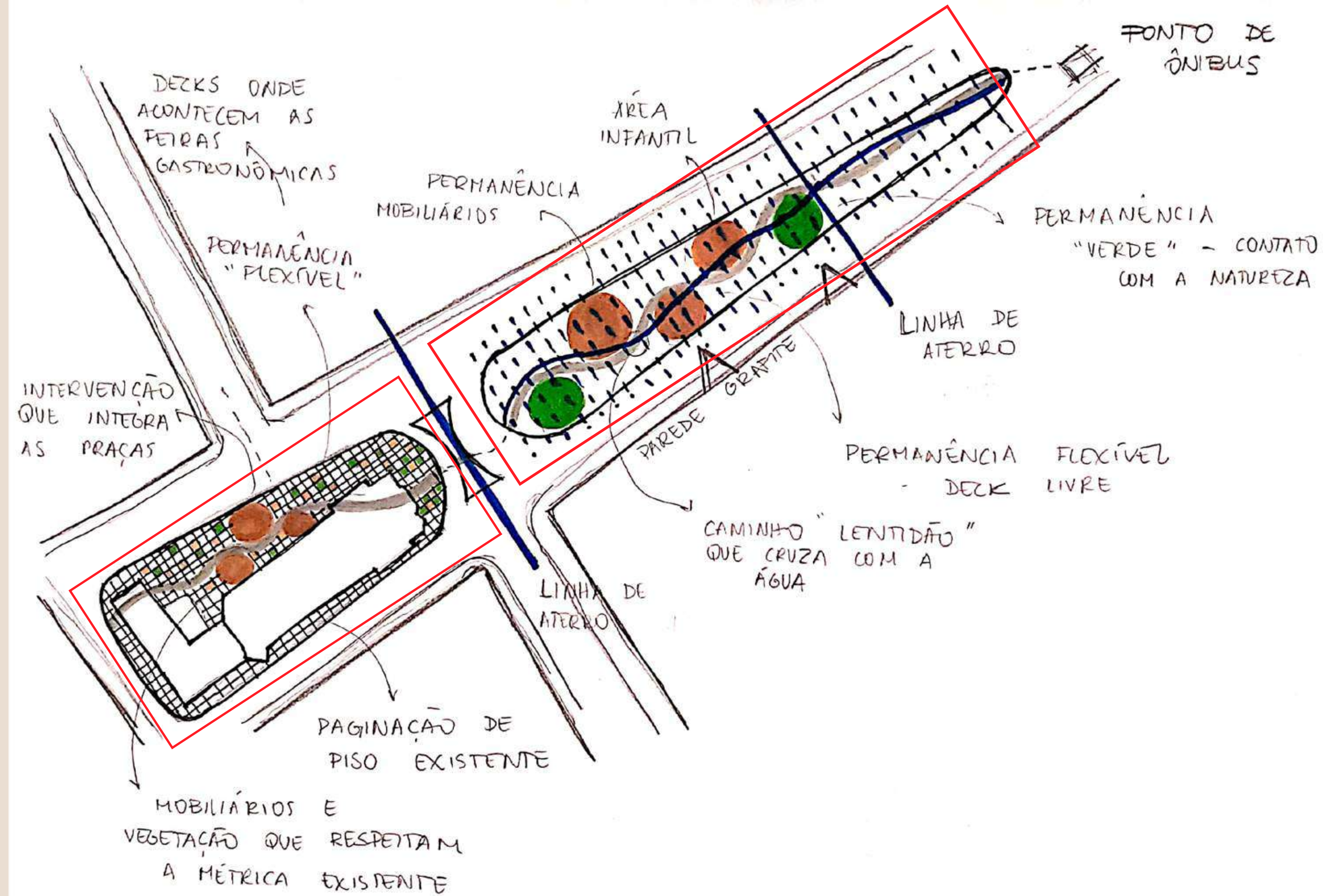
Já para a Praça Santa Edwiges, o elemento de partido, junto com o caminho de lentidão, foi a água. Era de interesse ressaltar as etapas de relação com a água ao longo do tempo, então foram identificadas as linhas de aterramento. Nelas, espelhos d’água foram pensados para demarcá-las, junto com placas explicando sua história.

Também foi proposto um caminho de água que se cruza e se integra com o caminho dos pés por toda sua extensão. Vale ressaltar que os elementos aquáticos foram pensados para promover interação com as pessoas e não apenas visual.

A partir das linhas de aterro, foi criada uma malha que deu origem a paginação de piso, com materias e cores semelhantes da Praça Séve.

O caminho da lentidão, com bancos que seguem as curvas, percorre toda a extensão fazendo ligação com o ponto de ônibus da rua. Os espaços criados foram destinados a decks de permanência, área infantil e espaços de interação com a natureza.

Também é proposto a utilização do muro cego da rua Santos Lima como mural de grafite para artistas locais deixarem a sua marca.







DECK DE EUCALIPTO TRATADO REFLORESTADO

FULGET DRENANTE CINZA CLARO

FULGET DRENANTE CINZA ESCURO

# Planta de Situação e Plano de Massas



**PALMEIRA IMPERIAL (EXISTENTE)**



**GRAMA SÃO CARLOS**



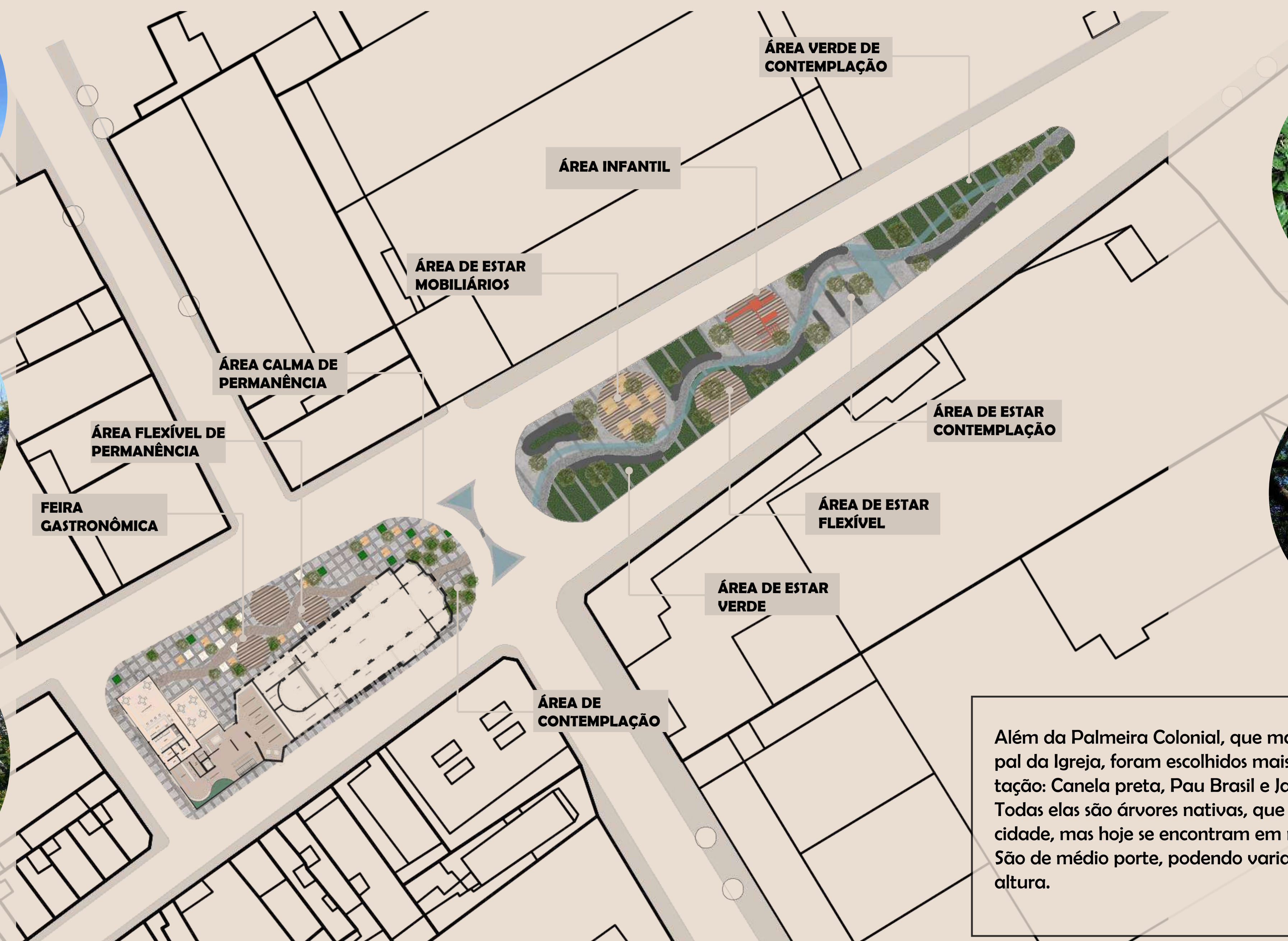
**JACARANDÁ DA BAHIA**



**CANELA PRETA**



**PAU BRASIL**



Além da Palmeira Colonial, que marca a entrada principal da Igreja, foram escolhidos mais três tipos de vegetação: Canela preta, Pau Brasil e Jacarandá Bahia. Todas elas são árvores nativas, que eram comuns na cidade, mas hoje se encontram em risco de extinção. São de médio porte, podendo variar entre 6 e 12 metros de altura.



**Espaço de contemplação Praça Santa Edwiges**



**Área infantil Praça Santa Edwiges**



**Feira Gastronômica Praça Padre Séve**

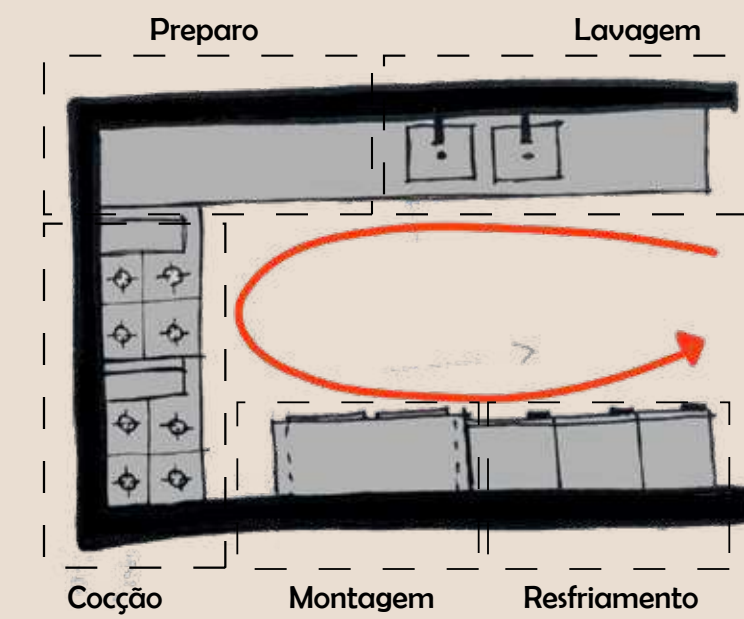


**Rua da Igrejinha**



**Legenda**

- Centro Cultural
- Café



**Diagrama cozinha**



**Diagrama sala de exposição**

### Planta baixa Térreo

A entrada do centro cultural se dá pela rua Praça Padre Séve, onde temos a recepção/bilheteria, que conta com um espaço administrativo e um espaço de espera. Passando pelo controle de entrada, temos as circulações verticais, tanto por escada tanto por elevador, para quem vai direto para o pavimento superior. Seguindo, há a sala de exposição com o acervo fixo, onde o foco é contar a história da Igreja e da região, através de documentos, mapas, imagens e objetos existentes. No anexo em destaque da sala, ficam os únicos resquícios da primeira fase da Igreja, que são o sino e as imagens de São Cristóvão, São Benedito e Nossa Senhora do Rosário.

Saindo da sala, passamos pela loja de artigos do centro cultural e da Igreja, que conta com um depósito, e próximo a saída.

Já o café, foi pensado para ser permeável, possui três entradas principais. Uma pela rua Praça Padre Séve, que se liga com a da praça, e uma pela Rua da Igrejinha. Através delas, chegamos ao balcão e ao corredor que leva as banheiros. Também possui uma área externa junto com a praça e próximo a saída do centro cultural.

Através do balcão, há uma entrada para cozinha. Ela é separada entre a área de lavagem dos ingredientes e utensílios, bancada de preparo, área de cocção (fogões, fornos e chapas), bancada de montagem e área de resfriamento.

Passando por ela, temos o depósito dos ingredientes e utensílios e a lixeira, que também possuem ligação direta com a rua.



### Legenda

- Museu
- Varanda
- Dependências Igreja



### Planta baixa 1º pavimento

Assim que subimos as escadas ou chegamos pelo elevador (junto com um depósito, para armazenar os mobiliários quando necessário), um corredor leva para uma sala de uso flexível, onde podem ocorrer workshops e aulas de artistas locais, ou ser um espaço de estar.

Do outro lado, temos uma sala audiovisual para projeção de imagens, filmes e curtas, mas podendo funcionar também para pequenas palestras.

Seguindo, chegamos a sala de exposição flexível, onde o foco é prestigiar os artistas locais e ter um acervo rotativo.

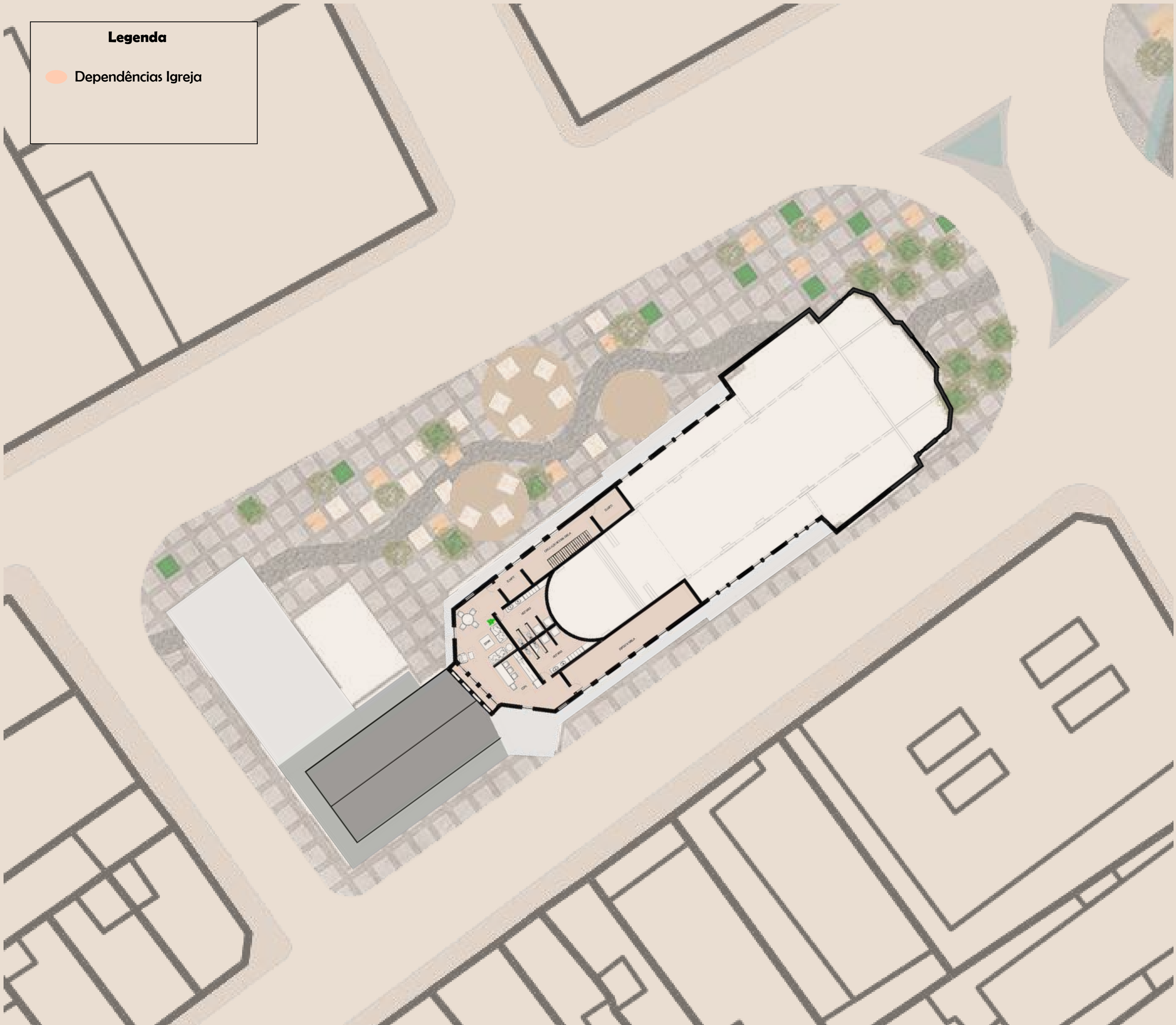
A sala possui dois banheiros, além de um espaço para lixeira do lado esquerdo e uma reserva técnica, onde são conservados e higienizados os itens do acervo.

Há também a circulação interna da Igreja, de acesso privado, junto com um quarto.



**Legenda**

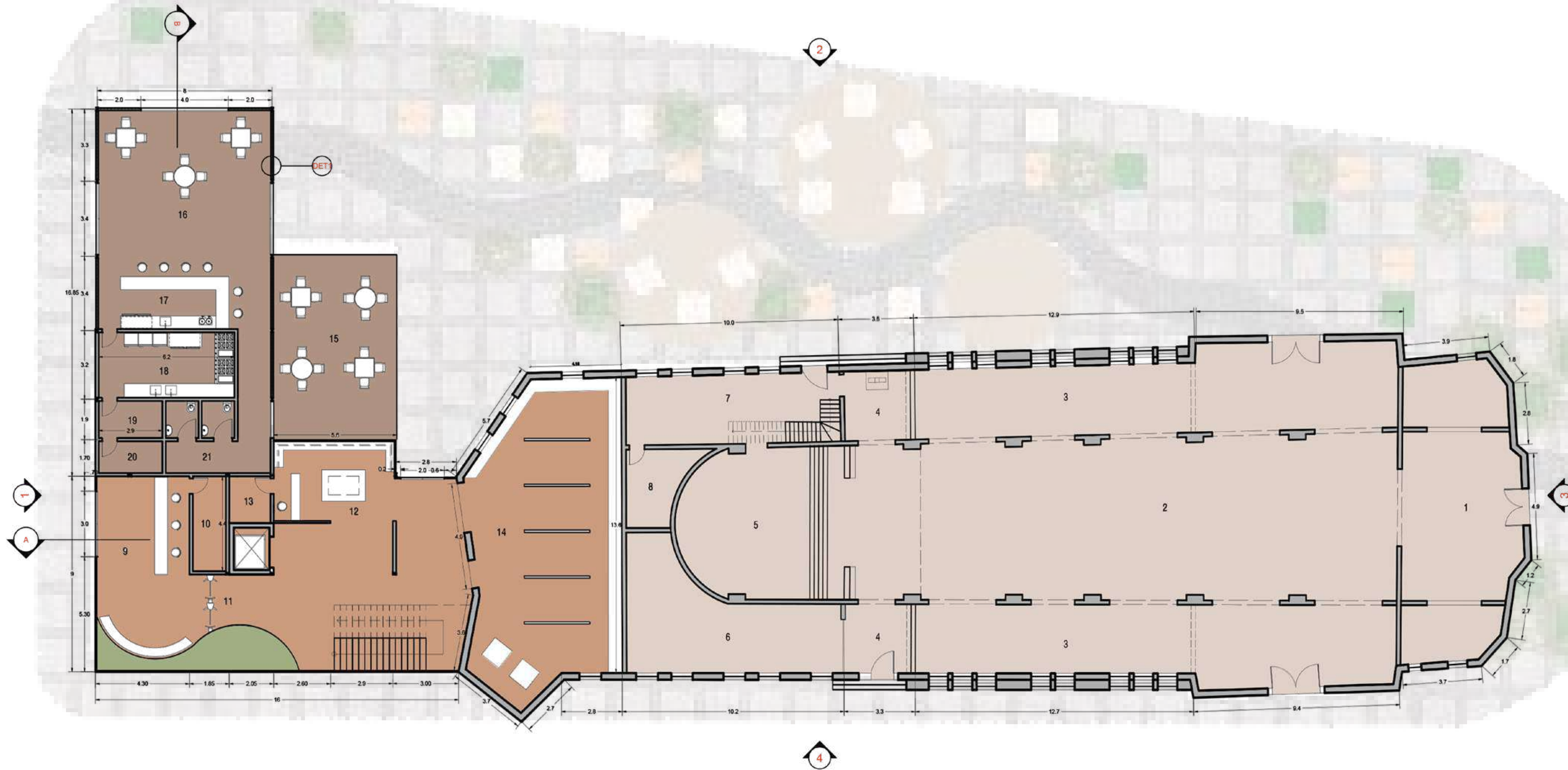
● Dependências Igreja



### Planta baixa 2º pavimento

O último pavimento não possui acesso ao público, sendo ele feito somente pelas dependências da Igreja. Assim, quando chegamos pelas escadas, há um quarto aberto que serve de passagem para as dependências dos funcionários.

Nelas, temos uma sala de estar para descanso, junto com uma copa de refeições. Além disso, é proposto dois vestiários, com chuveiros e armários para os pertences pessoais. Também é previsto um depósito exclusivo da Igreja.



**Planta baixa Térreo**

**Legenda**

-  Igreja Matriz de São Cristóvão
-  Centro Cultural
-  Café

**Igreja Matriz de São Cristóvão**

- 1 Nártex
- 2 Nave Central
- 3 Nave Lateral
- 4 Transepto
- 5 Altar
- 6 Secretaria/Administração
- 7 Sacristia
- 8 Depósito

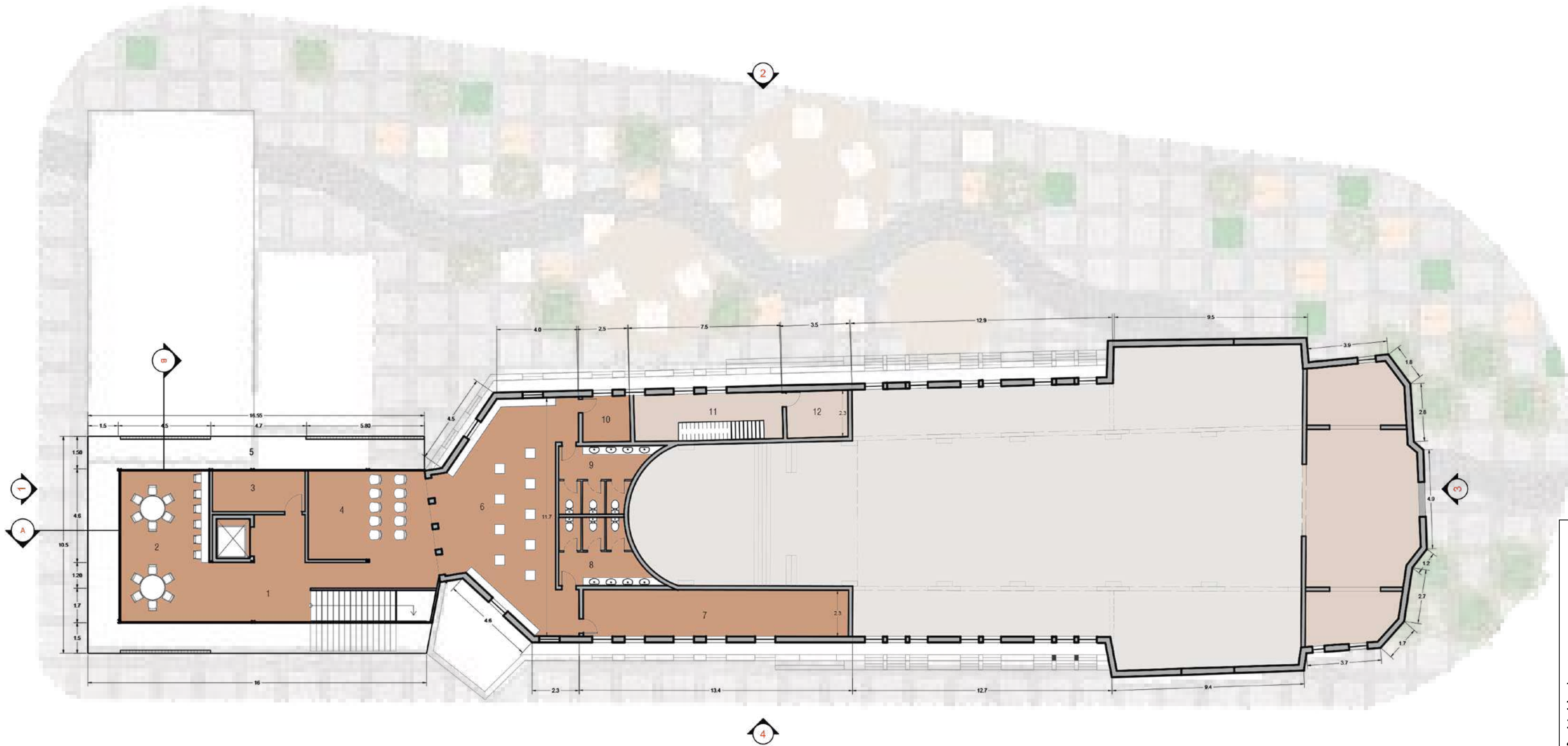
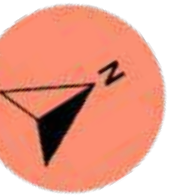
**Centro Cultural**

- 9 Recepção/Bilheteria
- 10 Administração
- 11 Controle de entrada
- 12 Loja
- 13 Depósito
- 14 Salão de Exposição fixa

**Café**

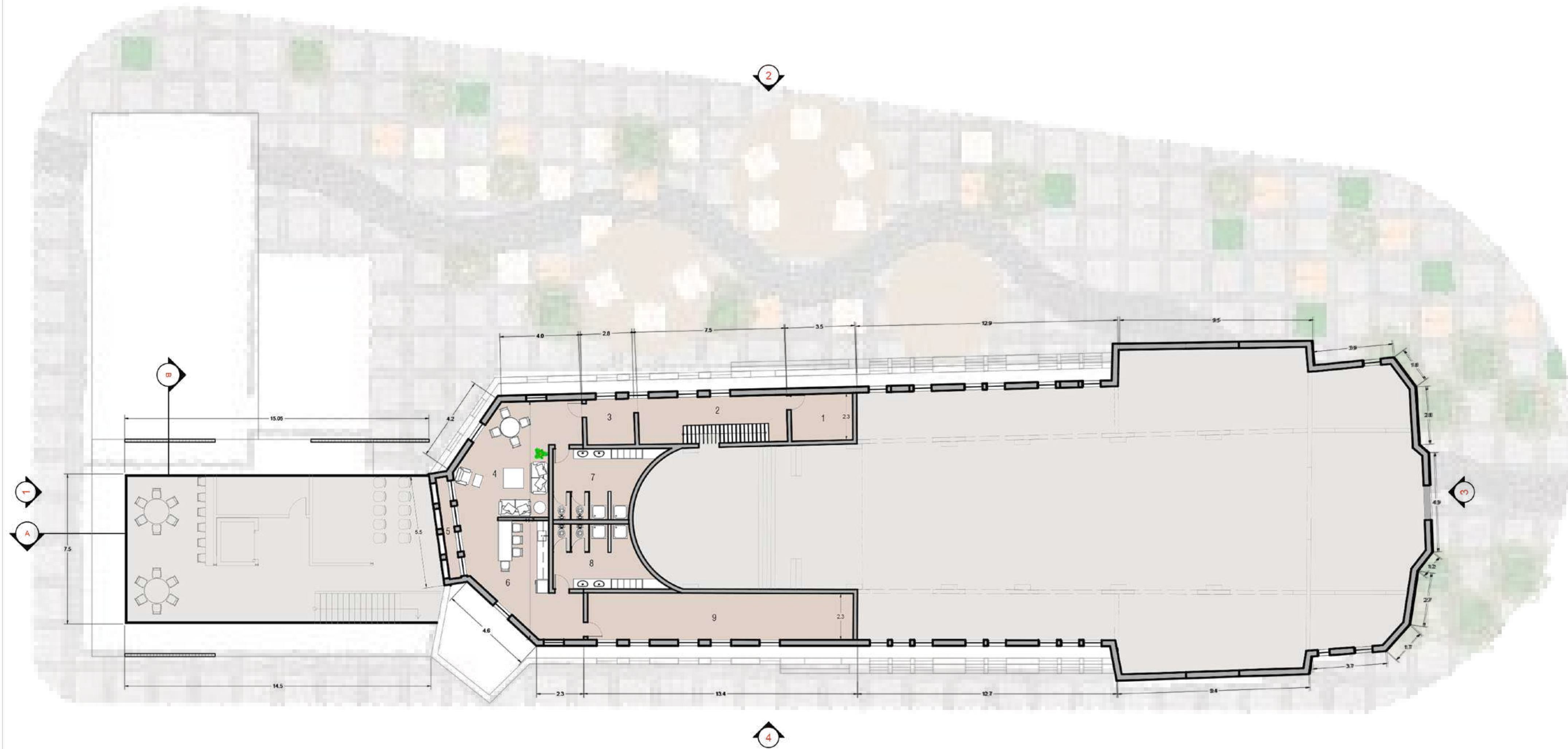
- 15 Salão externo
- 16 Salão interno
- 17 Balcão
- 18 Cozinha
- 19 Depósito
- 20 Lixeira
- 21 Banheiros PLE





**Planta baixa 1º Pavimento**

Legenda	
	Igreja Matriz de São Cristóvão
	Projeção Igreja
	Centro Cultural
Centro Cultural	
1	Circulação
2	Espaço Workshop
3	Depósito
4	Espaço Audiovisual
5	Varanda
6	Sala Exposição Flexível
7	Reserva Técnica
8	Banheiro Masculino
9	Banheiro Feminino
10	Lixeira
Igreja Matriz de São Cristóvão	
11	Circulação Interna
12	Quarto



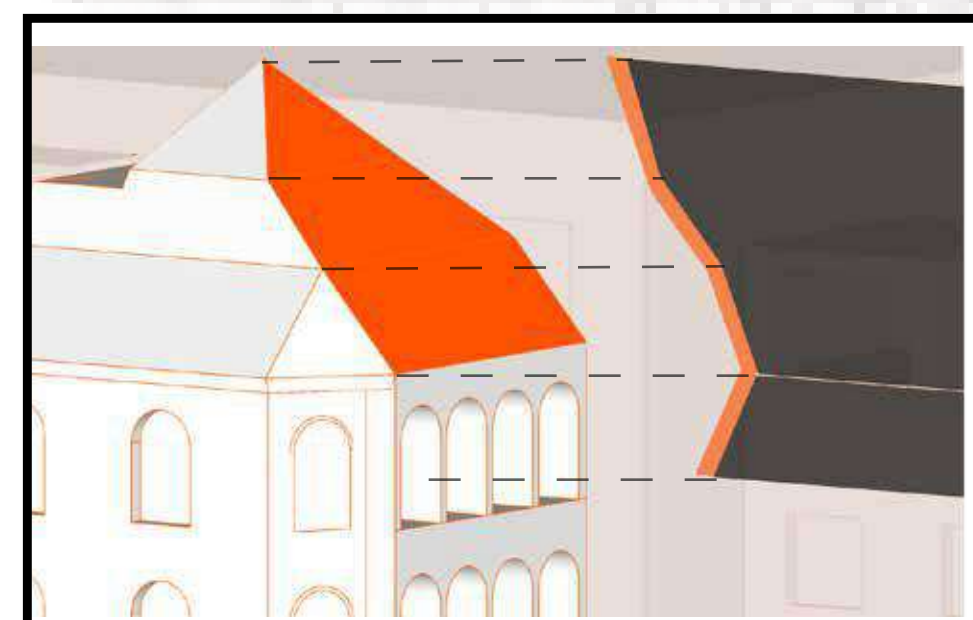
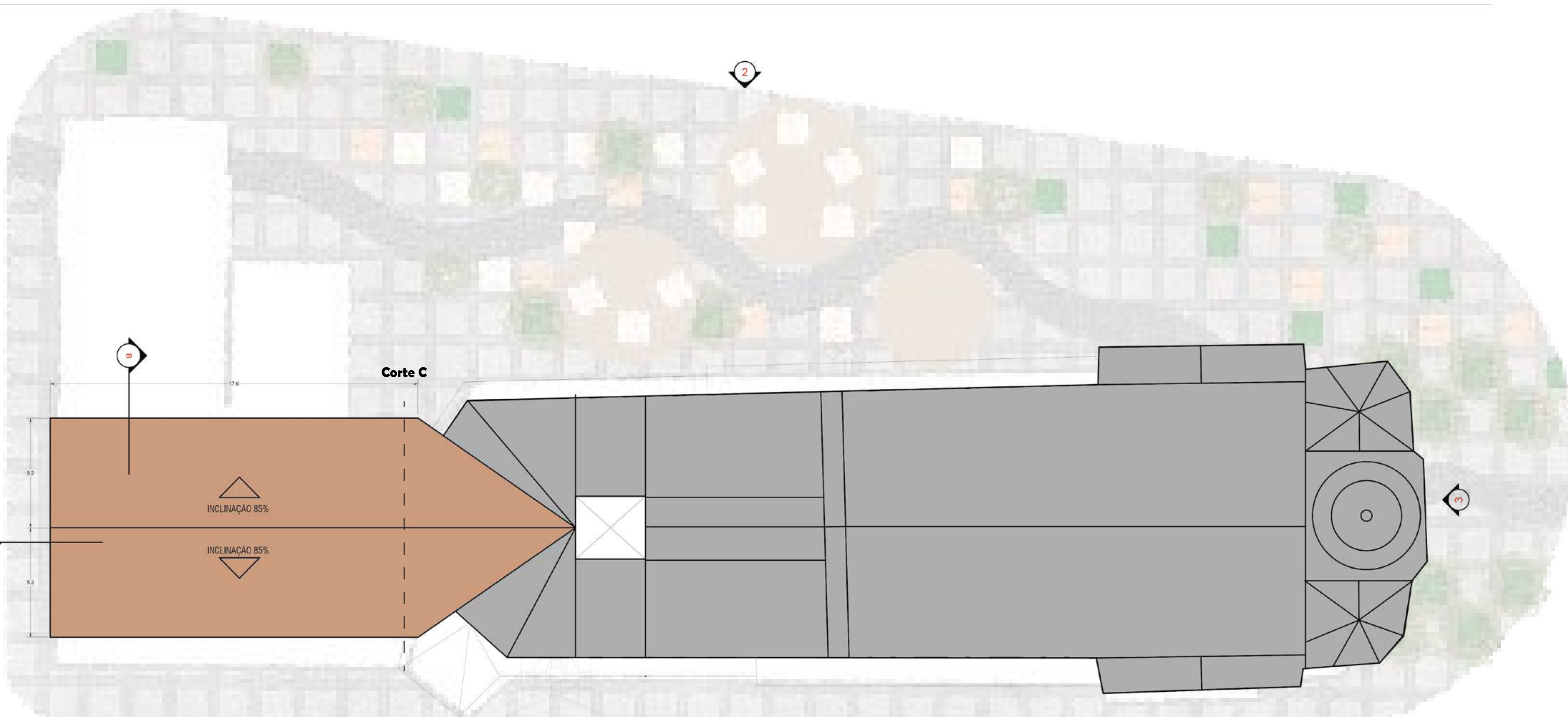
**Legenda**

● Igreja Matriz de São Cristóvão  
● Projeção Igreja e Centro C.

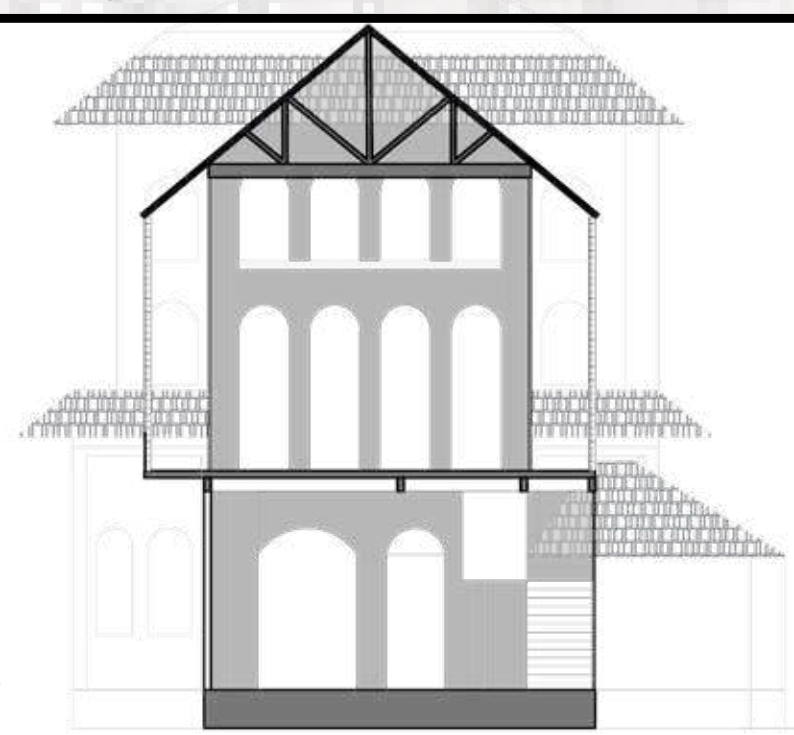
**Igreja Matriz de São Cristóvão**

- 1 Quarto
- 2 Circulação interna
- 3 Quarto
- 4 Sala de estar
- 5 Varanda/Sacada
- 6 Copa
- 7 Vestiário Masculino
- 8 Vestiário Feminino
- 9 Depósito

**Planta baixa 2º Pavimento**






**Telhado novo (telhado metálico e suporte de encaixe) se adapta ao antigo, respeitando sua forma e volume e sem furar as telhas existentes.**



**Corte C**



4

**Legenda**

-  Estrutura de transição
-  Telhado metálico
-  Telhas existentes

### Planta de Cobertura

**Legenda**

-  Existente
-  Novo



**Salão Café**



**Sala de exposição fixa**



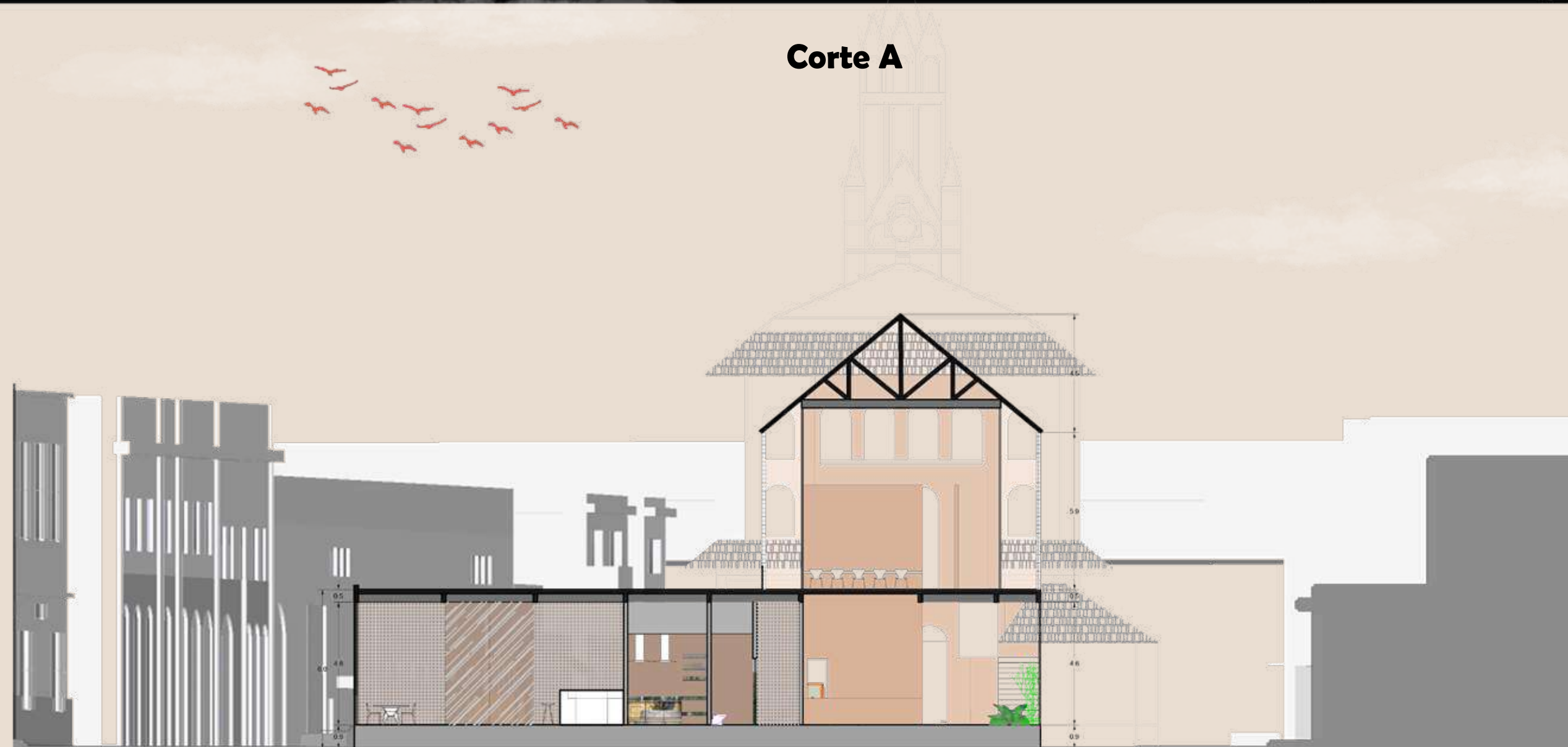
**Espaço Audiovisual**



**Sala de exposição flexível**



**Corte A**



**Corte B**

**Legenda**

- Igreja Matriz de São Cristóvão
- Telhado existente
- Centro Cultural
- Telhado novo
- Café



**Fachada Sudoeste**



**Fachada Sudeste**



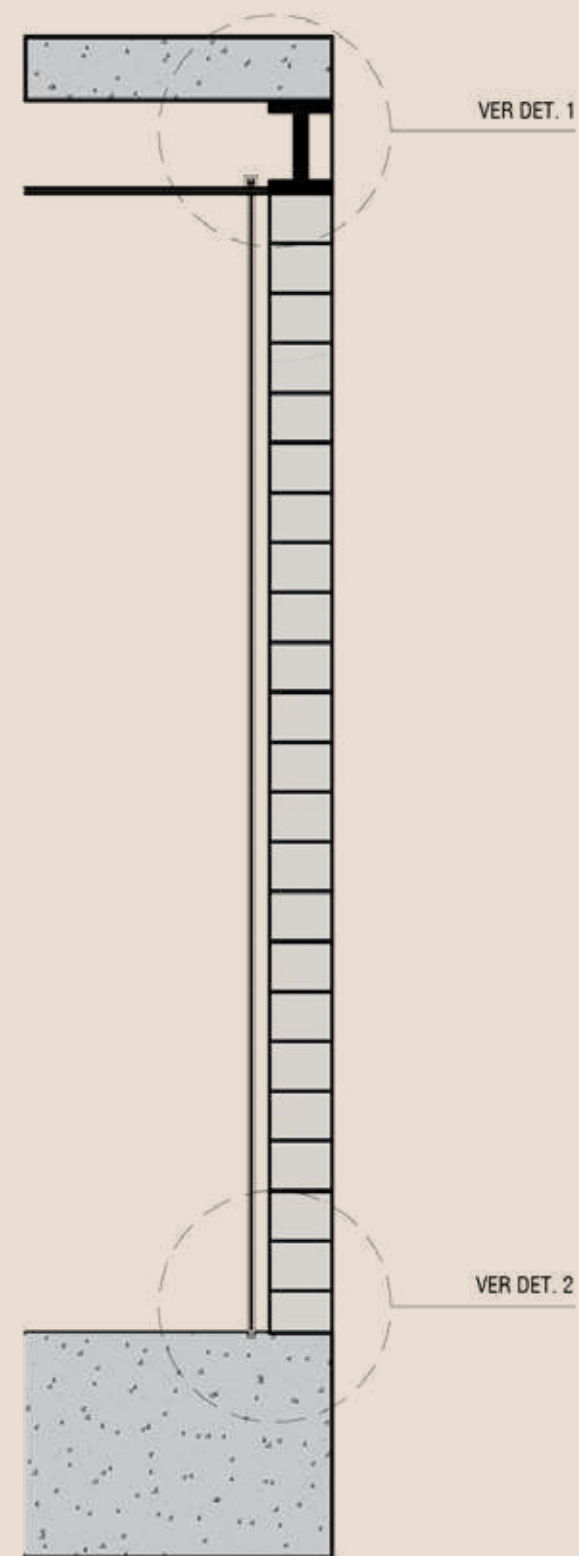
**Fachada Nordeste**



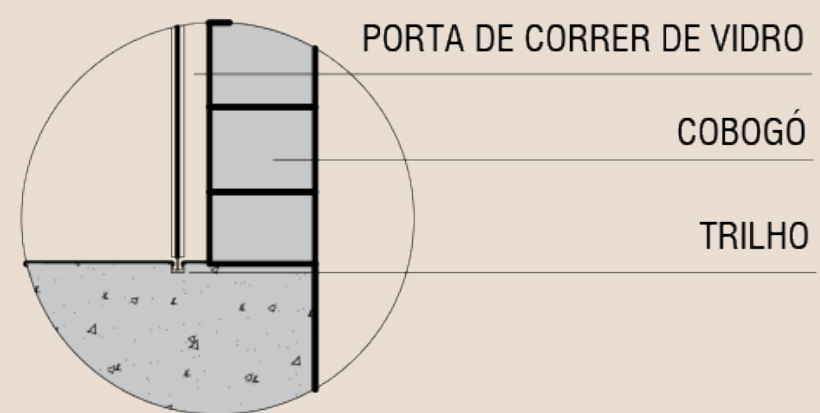
**Fachada Noroeste**



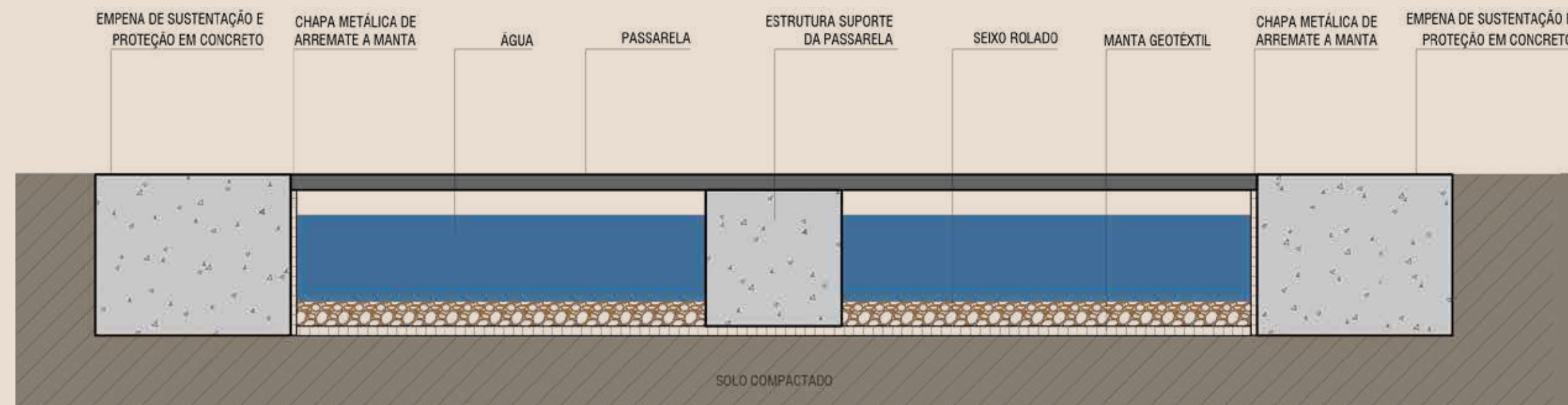
**Detalhe 1**



**Detalhe Porta de correr Café**



**Detalhe 2**



**Detalhe Espelho d'água**





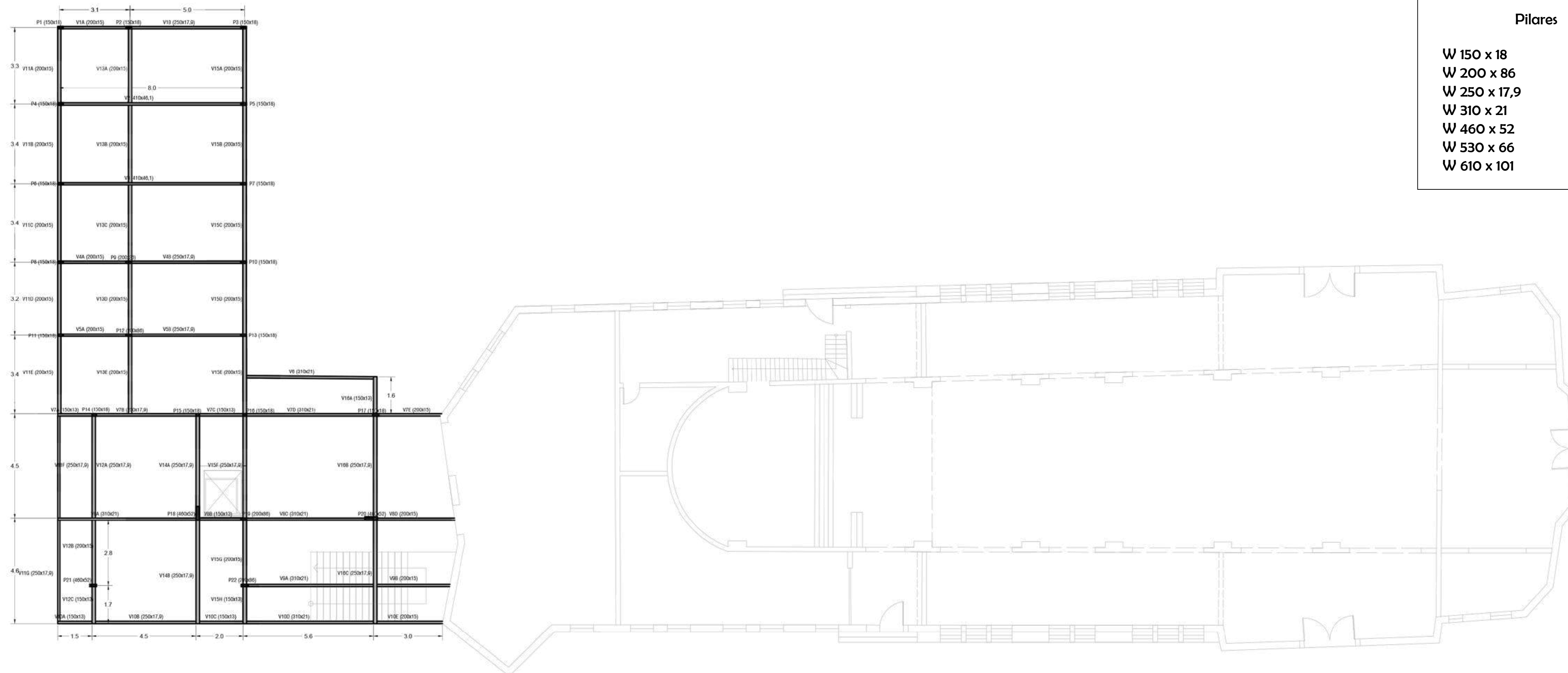
### Perfis utilizados

#### Vigas

- W 150 x 13
- W 200 x 15
- W 250 x 17,9
- W 310 x 21
- W 410 x 46,1

#### Pilares

- W 150 x 18
- W 200 x 86
- W 250 x 17,9
- W 310 x 21
- W 460 x 52
- W 530 x 66
- W 610 x 101



Planta Estrutural Térreo



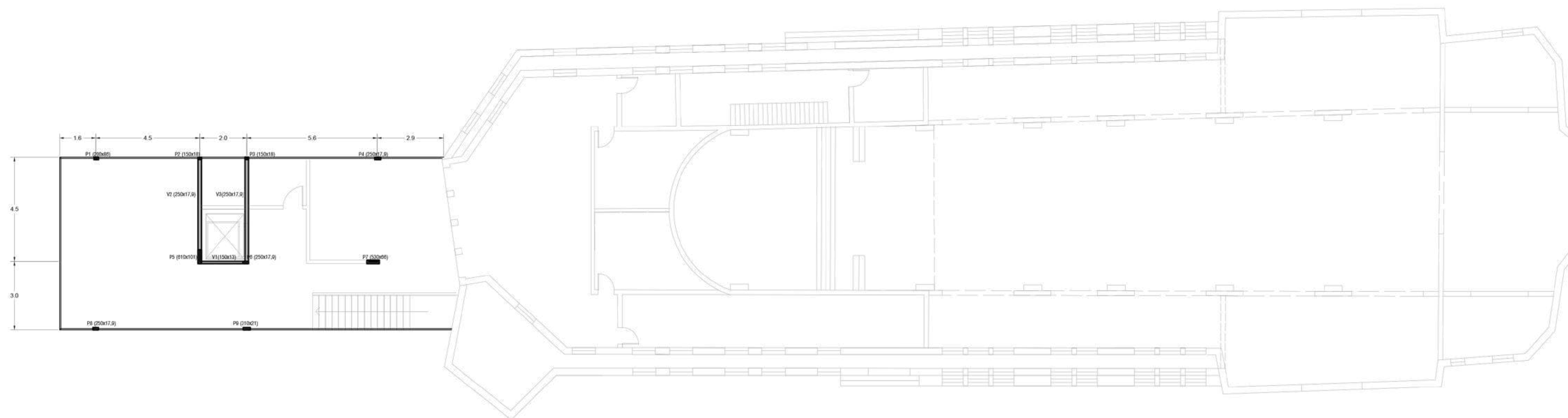
### Perfis utilizados

#### Vigas

W 150 x 13  
W 200 x 15  
W 250 x 17,9  
W 310 x 21  
W 410 x 46,1

#### Pilares

W 150 x 18  
W 200 x 86  
W 250 x 17,9  
W 310 x 21  
W 460 x 52  
W 530 x 66  
W 610 x 101



**Planta Estrutural 1º Pavimento**



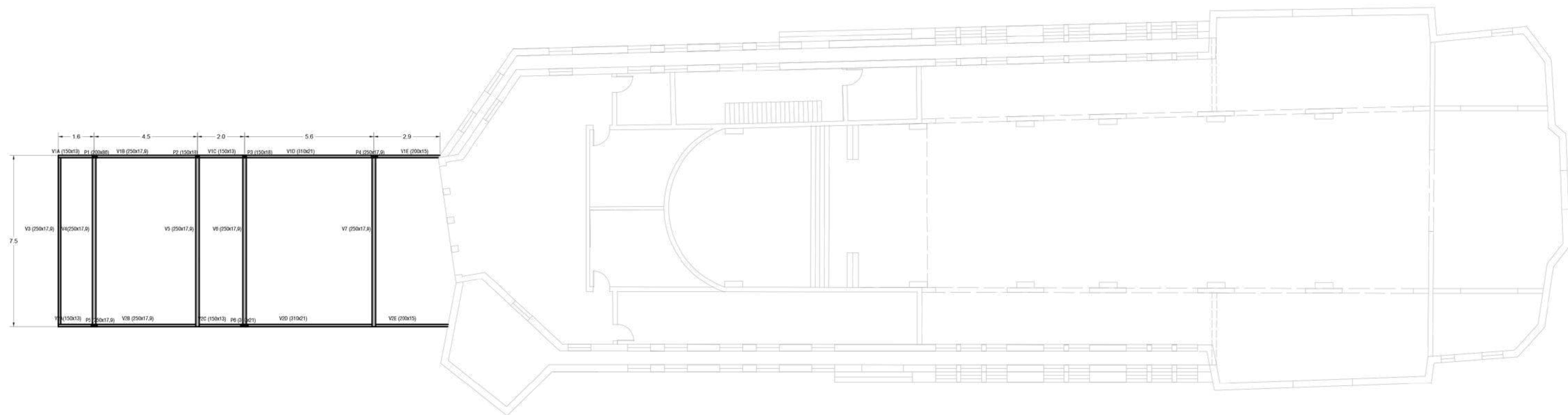
**Perfis utilizados**

**Vigas**

- W 150 x 13
- W 200 x 15
- W 250 x 17,9
- W 310 x 21
- W 410 x 46,1

**Pilares**

- W 150 x 18
- W 200 x 86
- W 250 x 17,9
- W 310 x 21
- W 460 x 52
- W 530 x 66
- W 610 x 101



**Planta Estrutural 2º Pavimento**



**Rua Santos Lima**



**Recepção Centro Cultural**



**Praça Santa Edwiges (sentido Av. Brasil)**



**Praça Santa Edwiges (sentido Igreja Matriz de S.C)**

## Agradecimentos

Neste momento, uma etapa muito importante na minha vida se encerra e gostaria de deixar registrado um agradecimento as pessoas que me ajudaram a chegar até aqui.

A minha mãe, Alyne, meu pai do coração, Sérgio, meu irmão, João e minha avó, Sônia, obrigada por todo incentivo e suporte que sempre me deram. Agradeço por cada palavra de carinho nos momentos difíceis, cada risada durante as madrugadas de trabalho e por sempre se fazerem presentes em minha vida. Não teria conseguido absolutamente nada sem vocês, a minha base.

Agradeço também as minhas amigas que a FAU me trouxe, Juliana, Letícia e Lia, e que com certeza irei levá-las para sempre. Mesmo de longe, elas foram essenciais para a conclusão deste trabalho e por toda minha trajetória na UFRJ.

Obrigada a professora Maria Clara por me orientar com tanto desempenho e disponibilidade. Não importava o dia ou a hora, sempre abria um espaço para as nossas conversas. Você me mostrou que sou capaz de bem mais do que acreditava.

Também deixo a minha gratidão aos professores que fizeram parte das bancas, que se demonstraram muito interessados e abertos a cada apresentação. Cada comentário e direcionamento foi muito importante para chegar até aqui.

Por fim, gostaria de deixar meus agradecimentos ao meu avô, Aluizio, e a minha tia Adriana, que não estão mais aqui, mas foram essenciais em cada etapa da minha vida. Sei que mesmo aí de cima, estão sempre comigo e espero ter conseguido deixá-los orgulhosos.

# Bibliografia

KUNDERA, Milan. A Lentidão. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

BRANDI, Cesare. Teoria da Restauração. 4. ed. Cotia, Sp: Ateliê Editorial, 2019. (Coleção Artes & Ofícios). Tradução de: Beatriz Mugayar Kühl.

TARDIN, Raquel (org.). Análise, ordenação e projeto da Paisagem: uma abordagem sistêmica. Rio de Janeiro: Rio Books, Ufrj, Prourb, 2018.

JACOBS, Jane. Morte e vida de grandes cidades. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BOITO, Camillo. Os Restauradores: conferência feita na exposição de turim em 7 de junho de 1884. 4. ed. Cotia, Sp: Ateliê Editorial, 2016. (Coleção Artes & Ofícios). Tradução de: Tradução Beatriz Mugayar Kühl e Paulo Mugayar Kühl.

KÜHL, Beatriz Mugayar (org.). Gustavo Giovannoni: textos escolhidos. Cotia, Sp: Ateliê Editorial, 2017. (Coleção Artes & Ofícios).

PATRIMÔNIO histórico brasileiro vive dias de abandono. 2017. Disponível em: <https://exame.com/brasil/patrimonio-historico-brasileiro-vive-dias-de-abandono/>. Acesso em: 21 ago. 2021.

EMCRISE, Rio de Janeiro abandona seus bens históricos. 2016. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/revistas/2016/05/em-crise-rio-de-janeiro-abandona-seus-bens-historicos-800/>. Acesso em: 21 ago. 2021.

MENGUE, Priscila; AUGUSTO, Leonardo. Abandono e falta de verbas ameaçam patrimônio histórico. 2017. Disponível em: <https://www.pressreader.com/brazil/o-estado-de-s-paulo/20171225/281530816391307>. Acesso em: 21 ago. 2021.

AMWIND. O Rio de Janeiro .com. 2020. Disponível em: <https://www.oriodejaneiro.com/sao-cristovao/>. Acesso em: 23 ago. 2021.

MORAES, Carlos. CAMPO DE SÃO CRISTOVÃO. 2011. Disponível em: <http://oriodeantigamente.blogspot.com/2011/01/campo-de-sao-cristovao.html>. Acesso em: 23 ago. 2021.

MACHADO, Sandra. São Cristóvão: um olho no passado e o outro nas estrelas. Um olho no passado e o outro nas estrelas. 2017. Disponível em: <http://www.multirio.rj.gov.br/index.php/leia/reportagens-artigos/reportagens/12116-s%C3%A3o-crist%C3%B3v%C3%A3o-um-olho-no-passado-e-o-outro-nas-estrelas>. Acesso em: 23 ago. 2021.

MAGESTE, Rodolfo. São Cristóvão se firma como centro de confecções e consumo consciente: localização estratégica é um dos atrativos da região. Localização estratégica é um dos atrativos da região. 2017. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/bairros/sao-cristovao-se-firma-como-centro-de-confecoes-consumo-consciente-21693068>. Acesso em: 28 ago. 2021.

FURTADO, Luís. Prédios históricos viram estacionamento no Centro da capital: a cada dia, mais estacionamentos surgem no centro de são luís . o negócio, que parece ser lucrativo , vai transformando as heranças históricas em espaço comercial. A cada dia, mais estacionamentos surgem no Centro de São Luís . O negócio, que parece ser lucrativo , vai transformando as heranças históricas em espaço comercial. 2017. Disponível em: <https://oimparcial.com.br/noticias/2017/07/predios-historicos-viram-estacionamento-no-centro-da-capital/>. Acesso em: 24 ago. 2021.

OLIVEIRA, M. P. de Quando a fábrica cria o bairro: estratégias do capital industrial e produção do espaço metropolitano no Rio de. Scripta Nova. Revista electrónica de geografía y ciencias sociales. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1 de agosto de 2006, vol. X, núm. 218 (51). <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-218-51.htm>> [ISSN: 1138-9788]

LIMA, Wânia; REGO, Andrea. UM “FLANEUR CONTEMPORÂNEO” EM SÃO CRISTÓVÃO, RJ. 2015. 17 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo: Projeto e Patrimônio, Proarq, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

# Bibliografia

DATARIO. Aplicativos, 2021. Disponível em: <https://www.data.rio/>. Acesso em: 13 set. 2021.

DUQUE, Karina. Clássicos da Arquitetura: Restauo do Museu de Castelvecchio em Verona / Carlo Scarpa, 2017. Disponível em: [https://www.archdaily.com.br/br/872695/classicos-da-arquitetura-restauo-do-museu-de-castelvecchio-em-verona-carlo-scarpa?ad\\_source=search&ad\\_medium=search\\_result\\_projects](https://www.archdaily.com.br/br/872695/classicos-da-arquitetura-restauo-do-museu-de-castelvecchio-em-verona-carlo-scarpa?ad_source=search&ad_medium=search_result_projects). Acesso em 08 out. 2021.

HERNANDEZ, Diego. Preservando o sentido de comunidade: de Igreja a centro recreativo, 2019. Disponível em: [https://www.archdaily.com.br/br/914271/preservando-o-sentido-de-comunidade-de-igreja-a-centro-recreativo?ad\\_source=search&ad\\_medium=search\\_result\\_all](https://www.archdaily.com.br/br/914271/preservando-o-sentido-de-comunidade-de-igreja-a-centro-recreativo?ad_source=search&ad_medium=search_result_all). Acesso em 08 out. 2021.

PEREIRA, Matheus. Reabilitação e Restauo do Mosteiro de São Miguel de Refojos / Paulo Freitas e Maria João Marques Arquitectos, 2020. Disponível em: [https://www.archdaily.com.br/br/948219/reabilitacao-e-restauo-do-mosteiro-de-sao-miguel-de-refojos-paulo-freitas-e-maria-joao-marques-arquitectos?ad\\_source=search&ad\\_medium=search\\_result\\_all](https://www.archdaily.com.br/br/948219/reabilitacao-e-restauo-do-mosteiro-de-sao-miguel-de-refojos-paulo-freitas-e-maria-joao-marques-arquitectos?ad_source=search&ad_medium=search_result_all). Acesso em: 08 out. 2021.

IRPH. Área de proteção do ambiente cultural. Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/web/irph/apac>. Acesso em: 23 set. 2021.

TREVISAN RIBEIRO, R.; NÓBREGA, C. C. L. O Mestrado profissional em Projeto e Patrimônio do PROARQ/FAU/UFRJ, 2017. Revista Projetar - Projeto e Percepção do Ambiente, v. 2, n. 2, p. 134-166, 30 ago. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/revprojetar/article/view/16586>. Acesso em: 01 out. 2021.

AZAMOR, Esmeralda. John Oberg: a sua história. contada. Acervo pessoal. Acesso em: 10 ago. 2021.

CURY, Isabelle (org). Cartas Patrimoniais. 2.ed. Rio de Janeiro: Minc/IPHAN, 2000.

COELHO, Olinio Gomes. Do Patrimônio Cultural. Rio de Janeiro, 1992

POULOT, Dominique. Uma história do Patrimônio no Ocidente. Estação Liberdade: São Paulo, 2009.

IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/>





# ***A LENTIDÃO***

Restauro da Igreja Matriz de São  
Cristóvão



UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO DE JANEIRO

**Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
UFRJ**

***ESTUDO  
FINAL***

**Trabalho Final de Graduação II  
2021.2**

**Luiza Leite Teixeira  
(DRE 116142811)**

**Orientação por Maria Clara Amado**

**“Imprimir forma a uma duração é uma exigência da beleza, mas é também uma exigência da memória. Pois aquilo que não tem forma é inalcançável, imemorable. [...] O grau de lentidão é diretamente proporcional à intensidade da memória; o grau de velocidade é diretamente proporcional à intensidade do esquecimento.”**

**- KUNDERA, Milan**



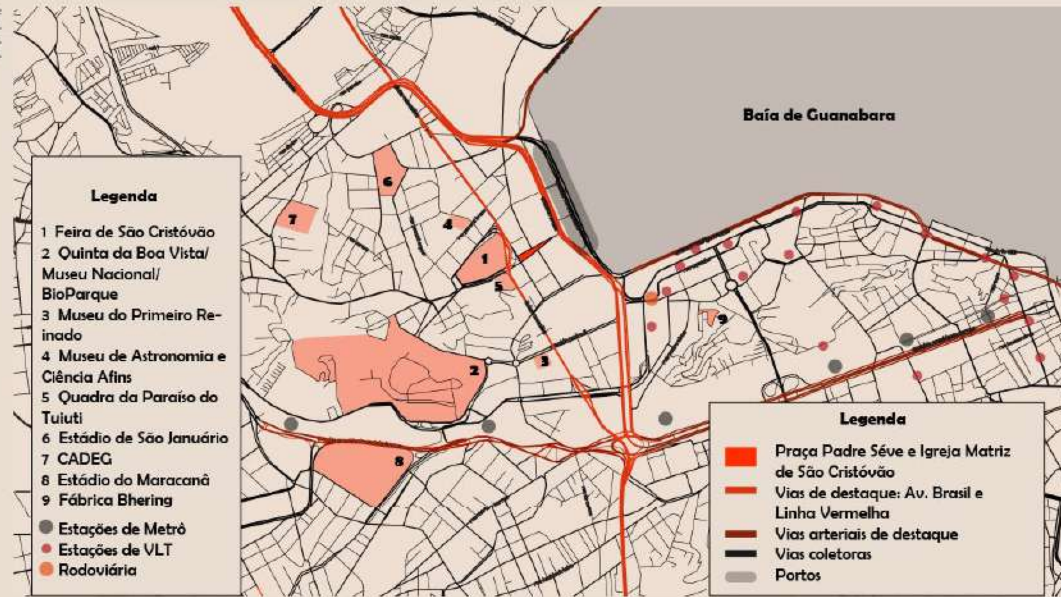
# ***INTRODUÇÃO***





***O OBJETO***

Figura 14: Mapa Síntese de análise do entorno.  
Fonte: Produzido pela autora, 2021.



## Contexto urbano

- Avenida Brasil e Linha Vermelha
- Mobilidade: Metrô, Trem, VLT, Rodoviária
- Baía de Guanabara e docas: um marco da paisagem
- Caráter histórico e cultural
- Pontos de atração



Figura 15: Registro da Quinta da Boa Vista e Museu Nacional. Fonte: Veja Rio. Editado pela autora, 2021. Disponível em: <<https://veja.rio.abcil.com.br/cidade/coronavira-s-bras-museu-nacional/>>. Acesso em: Agosto, 2021.



Figura 16: Registro da Feira de São Cristóvão. Fonte: Até onde eu puder Ir... Editado pela autora, 2021. Disponível em: <<https://ateondeeuipuderir.com/visite-a-feira-de-sao-cristovao/>>. Acesso em: Agosto, 2021.

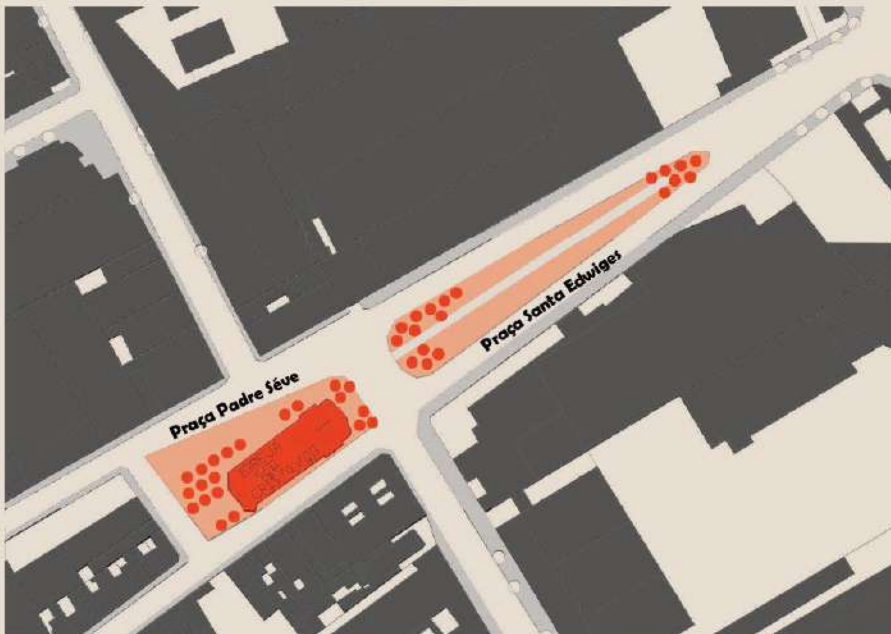


Figura 11: Mapa da Praça Padre Séve, Santa Edwiges e figura tunada.  
Fonte: Produzido pela autora, 2021

Figura 12: Registro da Praça Padre Séve  
Fonte: Google Street. Editado pela autora, 2021.  
Disponível em: <a href="https://goo.gl/maps/AVMtnwAgaCMuTDFv7z">https://goo.gl/maps/AVMtnwAgaCMuTDFv7z</a>. Acesso em: Agosto, 2021.

Figura 13: Registro da Praça Padre Séve  
Fonte: Google Street. Editado pela autora, 2021.  
Disponível em: <a href="https://goo.gl/maps/VB-jpZLUDMBjQHv9p">https://goo.gl/maps/VB-jpZLUDMBjQHv9p</a>. Acesso em: Agosto, 2021.

## As Praças



- Praça Padre Séve → pavimentação, palmeiras e sem mobiliário fixo
- Relação com a Igreja
- Praça Santa Edwiges → caminho central não pavimentado, vegetação gramínea e mobiliários fixos
- Entorno dividido entre comércio de pequeno porte e grandes galpões → paisagem
- “Olhos da rua” → muros cegos
- Vias de média velocidade e trânsito relativamente alto



## A Igreja

Figura 5: Registro do altar da Igreja Matriz de São Cristóvão.  
Fonte: Google Maps, Autoria de Diogenes Ferreira, 2019. Editado pelo autor, 2021  
Disponível em: <https://goo.gl/maps/1VvVh6eCbWd7UG67>. Acesso em: Agosto, 2021

Figura 6: Registro da imagem de Nossa Senhora, na Igreja Matriz de São Cristóvão.  
Fonte: Google Maps, Autoria de Diogenes Ferreira, 2019. Editado pelo autor, 2021  
Disponível em: <https://goo.gl/maps/vY-HkM007ybtjzozTev>. Acesso em: Agosto, 2021

Figura 7: Registro da Igreja Matriz de São Cristóvão e seu entorno.  
Fonte: Google Maps, Autoria de Daniel Coladino, 2017. Editado pelo autor, 2021  
Disponível em: <https://goo.gl/maps/b57X-deg7UyRiRbIma>. Acesso em: Agosto, 2021

Figura 8: Registro da lateral da Igreja Matriz de São Cristóvão.  
Fonte: Google Maps, Autoria de Málio Dinheira, 2020. Editado pelo autor, 2021  
Disponível em: <https://goo.gl/maps/QoAnVes1uDDUoJZ8>. Acesso em: Agosto, 2021



1627                      1760                      1826                      1856                      1886                      1887                      1993                      2019                      2021

Igrejinha Jesuíta  
Companhia de Jesus  
Praia de São Cristóvão  
Marco na paisagem  
Pescadores e escravos

Expulsão dos Jesuítas  
do Brasil  
Igreja fechada e  
abandonada

Reforma por D. Pedro I  
Marquesa de Santos  
Nobres frequentadores

Criação da Paróquia  
de São Cristóvão  
Elevação à Matriz

Reforma por John  
Oberg: restaura, conser-  
vação e anexo

Inauguração: casamen-  
to de John Oberg

Criação da APAC de  
São Cristóvão

Ação do Ministério Pú-  
blico por reforma

Interditada para obras:  
atividades externas

Figura 3: Registro da fachada frontal da Igreja Matriz de São Cristóvão, quando ainda era conhecida por Igreja de Nossa Senhora do Socorro (1890).  
Fonte: Brasileira Fotográfica. Editado pelo autor, 2021  
Disponível em: <https://brasillianaofotografica.br.gov.br/brasilliana/handle/20.500.12156.13012/>. Acesso em: Agosto, 2021

Figura 4: Registro da fachada posterior da Igreja Matriz de São Cristóvão, quando ainda era conhecida por Igreja de Nossa Senhora do Socorro (1890).  
Fonte: Brasileira Fotográfica. Editado pelo autor, 2021  
Disponível em: <https://brasillianaofotografica.br.gov.br/brasilliana/handle/20.500.12156.13012/>. Acesso em: Agosto, 2021



Figura 9: Registro do estado da porta de entrada da Igreja Matriz de São Cristóvão.  
Fonte: Google Maps, Autoria de Diogenes Ferreira, 2019. Editado pelo autor, 2021  
Disponível em: < >. Acesso em: Agosto, 2021

Figura 10: Registro do estado da Igreja Matriz de São Cristóvão.  
Fonte: Google Maps, Autoria de Diogenes Ferreira, 2019. Editado pelo autor, 2021  
Disponível em: < >. Acesso em: Agosto, 2021





## ***JUSTIFICATIVAS***

## 1. Memória familiar: John Oberg

“VIVER, SÓ MESMO NO BRASIL”

John Gustaf Oberg

- Estocolmo, Suécia, 1864
- Arquiteto e Escultor: Formado na Itália e Alemanha
- Vinda para o Brasil (Bahia): 1886
- Projetos:
  - . Vila Itararé, Petrópolis, RJ
  - . Palácio da Liberdade, BH
  - . Palacete Julio Ottoni, Copacabana, RJ
  - . Casa Mme. Rosenwalt, Centro, RJ
  - . Grande Hotel Caxambu
- Sem autorização para assinar os projetos
- Morte: 25 de julho de 1909



Figura 17: Retrato de John Oberg em carvão, feito por sua filha, Esmeralda Azamor (1907). Fonte: Acervo pessoal. Editado pela autora, 2021.



Figura 18: Placa da escultura de John Oberg. Fonte: Acervo pessoal. Editado pela autora, 2021.



Figura 16: Retrato de John Oberg (1904) com anotações feitas por sua filha, Esmeralda Azamor. Fonte: Acervo pessoal. Editado pela autora, 2021.



Figura 20: Fotografia da Vila Itararé, Petrópolis, RJ, com caligrafia de Esmeralda Azamor. Fonte: Acervo pessoal. Editado pela autora, 2021.



Figura 21: Fotografia do Palácio da Liberdade, Belo Horizonte, com caligrafia de Esmeralda Azamor. Fonte: Acervo pessoal. Editado pela autora, 2021.

## 2. Patrimônio Histórico no Brasil

- Abandono de bens históricos e culturais
- Falta de interesse público e social
- Velocidade: um olhar voltado para o futuro
- Perda de Identidade

## 3. São Cristóvão e suas camadas

- Bairro Imperial
- Atividade industrial
- Adensamento
- Ligação com a cidade: Av. Brasil e Linha Vermelha
- Sobreposição de camadas

Figura 22: Reportagem sobre o abandono do Patrimônio Histórico no Brasil. Fonte: Exame. Editado pela autora, 2023. Disponível em: <<https://exame.com/brasil/patrimonio-historico-brasil-ira-viver-dias-de-abandono/>>. Acesso em: Agosto, 2023.

Figura 23: Registro do incêndio no Museu Nacional, em 2018. Fonte: PHOABO UFRJ. Editado pela autora, 2023. Disponível em: <<https://www.proarc-fau.ufrj.br/noticias/373/nota-do-proarc-fau.ufrj-sobre-o-incendio-no-museu-nacional-quinis-a-da-boca-Vila-1-j>>. Acesso em: Agosto, 2023.

Figura 24: Reportagem sobre o abandono do Patrimônio Histórico no Rio de Janeiro. Fonte: Revista do Brasil. Editado pela autora, 2023. Disponível em: <<https://www.revistadobrasil.com.br/revistas/2016/05/em-crie-rio-de-janeiro-abandona-seus-bens-historicos-900/>>. Acesso em: Agosto, 2023.

REVISTA DO BRASIL, REVISTA DO BRASIL - EDIÇÃO 117

REPORTAGEM

### Em crise, Rio de Janeiro abandona seus bens históricos

Cidade tem pelo menos 40 bens culturais em situação de abandono

FOTOS: (1)99/2013 - 13045

Figura 25: Registro do Palácio Imperial. Fonte: Brasileira Fotográfica. Editado pela autora, 2023. Disponível em: <<https://brasilianafotografica.br.gov.br/brasiliana/handle/20.500.12566/63356>>. Acesso em: Agosto, 2023.

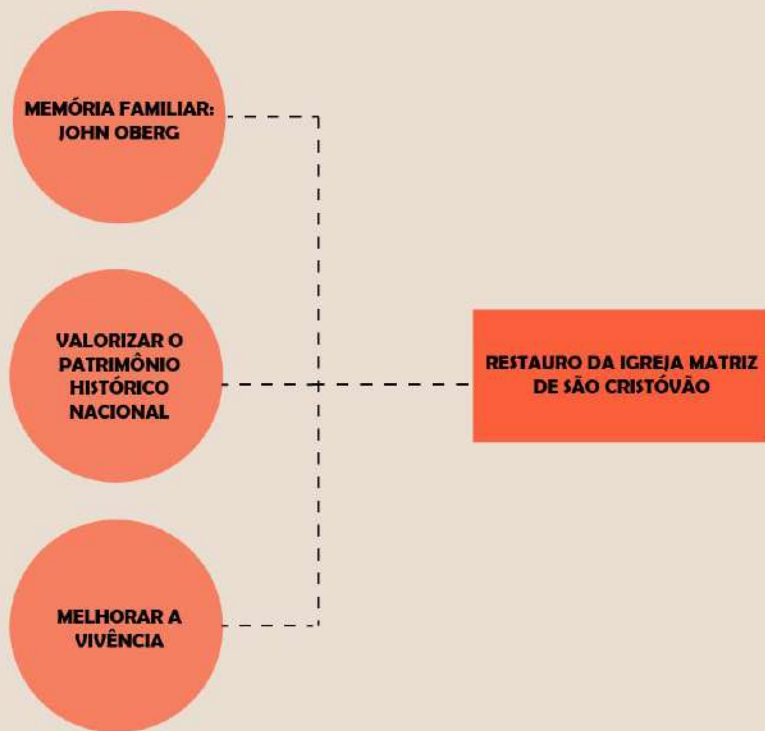
Figura 26: Registro da antiga fábrica. Fonte: Research Gate. Autoria de Rafael H. Teixeira. Editado pela autora, 2023. Disponível em: <<https://www.researchgate.net/publication/342739000>>. Acesso em: Agosto, 2023.

Figura 27: Registro aéreo do bairro de São Cristóvão. Fonte: Tyba. Editado pela autora, 2023. Disponível em: <[http://tyba.com.br/for/registro/62825\\_360.JPG?Vista-da-Linha-Vermelha-no-altura-de-Sao-Cristovao-o-de-Janeiro-Rio-de-Janeiro-RJ-Brasil](http://tyba.com.br/for/registro/62825_360.JPG?Vista-da-Linha-Vermelha-no-altura-de-Sao-Cristovao-o-de-Janeiro-Rio-de-Janeiro-RJ-Brasil)>. Acesso em: Agosto, 2023.





***OBJETIVO***



Assim, o trabalho propõe um sistema integrado, que respeite o passado, valorize o patrimônio e a cultura, conte e dê forma a sua história e proporcione um espaço de calma, bem-estar e sensível para as pessoas.

**Um espaço de lentidão e memória dentro de um contexto de velocidade e esquecimento.**



***METODOLOGIA***

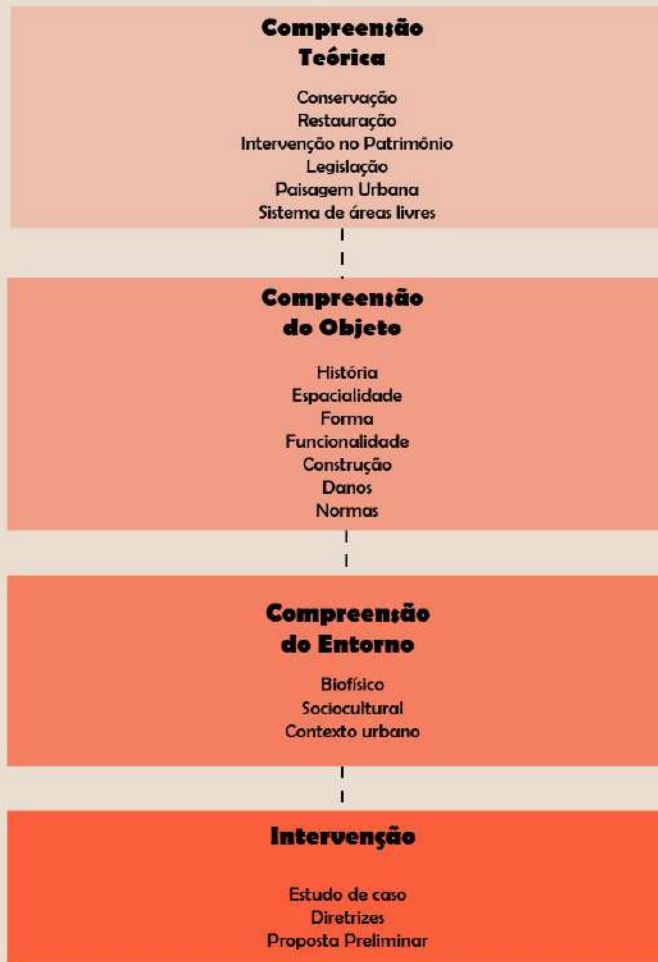


Figura 20x Fluxograma de metodologia. Fonte: Produzido pela autora, 2025.





**COMPREENSÃO DO  
ENTORNO**

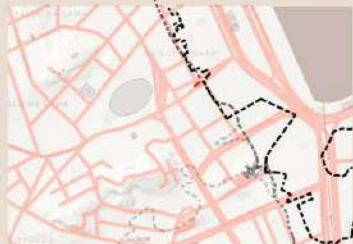


Figura 31 Linha do tempo de ocupação da área de estudo. Fonte: Produzido pela autora, 2021.

## 1. Biofísico

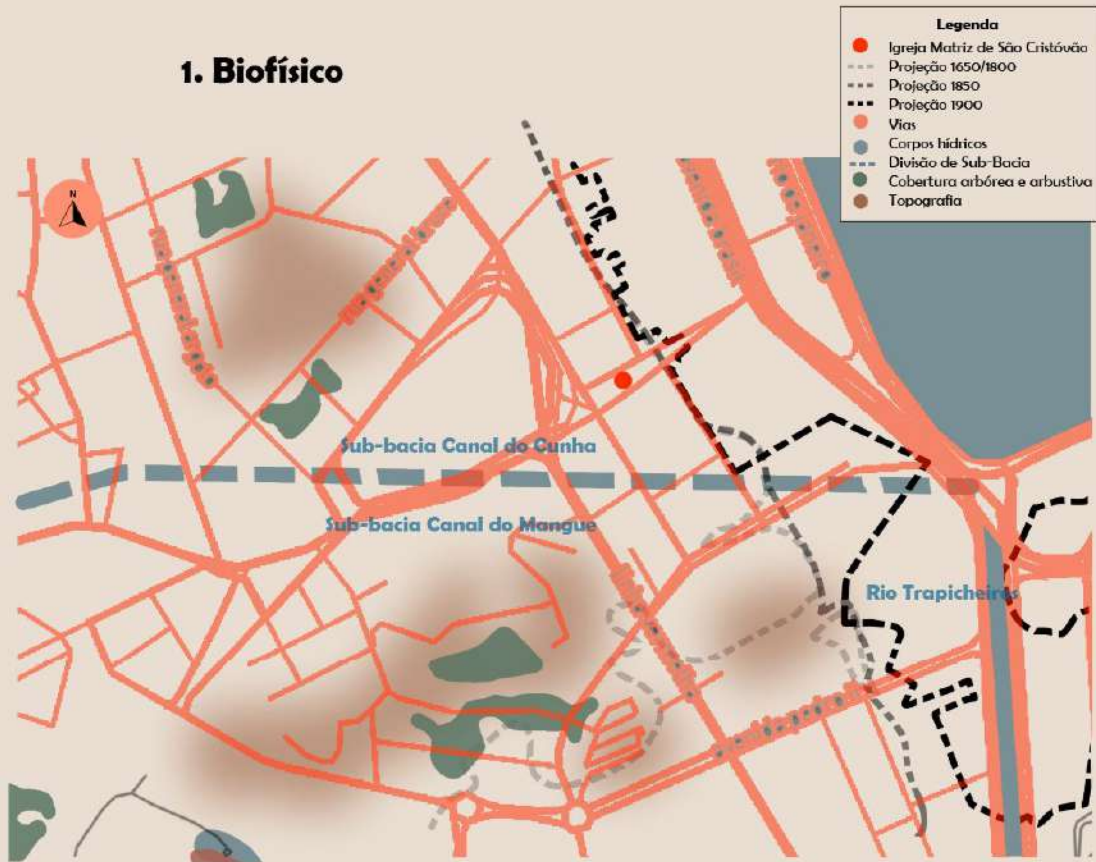


Figura 32 Mapa síntese de análise de aspectos biofísicos da área de estudo. Fonte: Produzido pela autora, 2021.

## 2. Sociocultural

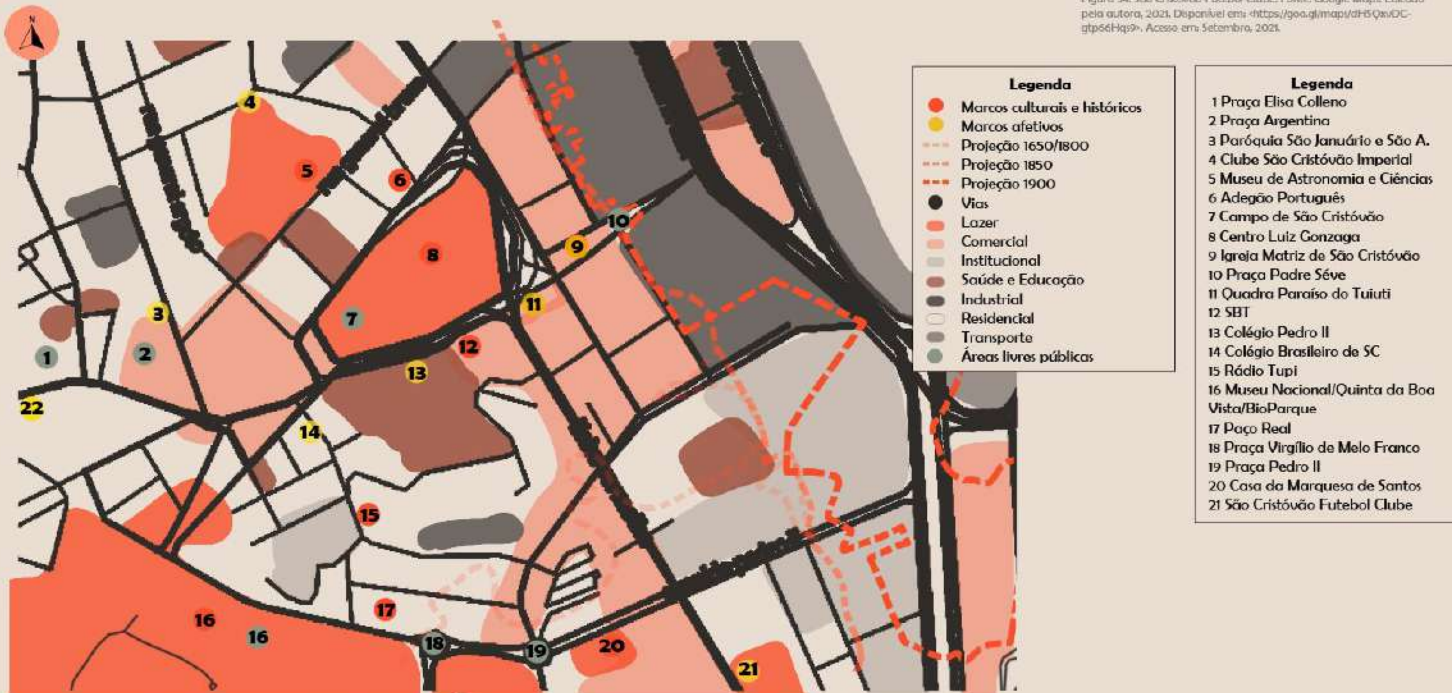


Figura 33: Mapa Síntese de análise de aspectos socioculturais da área de estudo. Fonte: Produção pela autora, 2021.



Figura 34: São Cristóvão Futebol Clube. Fonte: Google Maps. Editado pela autora, 2021. Disponível em: <a href="https://goo.gl/maps/dH5QwvOC-gtp56Hq9">https://goo.gl/maps/dH5QwvOC-gtp56Hq9</a>. Acesso em Setembro, 2021.



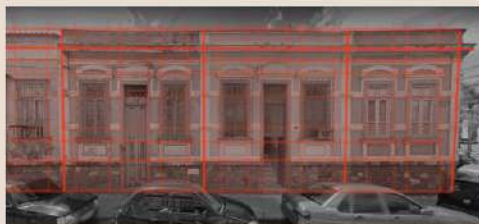
Figura 35: Quadra do Paraiso do Tuiuti. Fonte: O dia. Editado pela autora, 2021. Disponível em: <a href="http://www.camaraonline.com.br/tuiuti-carneca-enta-segunda-sua-temporada-de-ensaios-de-rua">http://www.camaraonline.com.br/tuiuti-carneca-enta-segunda-sua-temporada-de-ensaios-de-rua</a>. Acesso em Setembro, 2021.



Figura 36: Colégio Brasileiro de São Cristóvão. Fonte: Google Maps. Editado pela autora, 2021. Disponível em: <a href="http://goo.gl/maps/taosCRSTga0HjDz">http://goo.gl/maps/taosCRSTga0HjDz</a>. Acesso em Setembro, 2021.



Figura 37: Marcos da paisagem Linha Vermelha e Feira de São Cristóvão. Fonte: Google Maps. Editado pela autora, 2021. Disponível em: <a href="https://goo.gl/maps/DKf-wXULR3NRWz0z0">https://goo.gl/maps/DKf-wXULR3NRWz0z0</a>. Acesso em Setembro, 2021.



Trecho 1

**Residências unifamiliares de um pavimento**

Figura 38: Edificações residenciais da Rua Santos Lima. Fonte: Google Maps. Editado pela autora, 2021. Disponível em: <<https://goo.gl/maps/eEBRpxLCSErgBdJLsv>>. Acesso em: Setembro, 2021.



Trecho 4

**Edifícios comerciais de um ou dois pavimentos, sem afastamentos laterais e frontais**

Figura 41: Edificações comerciais da Rua da Igrejinha. Fonte: Google Maps. Editado pela autora, 2021. Disponível em: <<https://goo.gl/maps/7MD19W7vplXijmEAz>>. Acesso em: Setembro, 2021.



Trecho 2

**Tipologia comércio no térreo e residências multifamiliares em cima**

Figura 39: Edificações mistas da Rua Santos Lima. Fonte: Google Maps. Editado pela autora, 2021. Disponível em: <<https://goo.gl/maps/hj0UuqkY/T9zfaAlm6r>>. Acesso em: Setembro, 2021.



Trecho 3

**Galpões de armazenamento e distribuição, com um pavimento, sem afastamentos laterais e frontais**

Figura 40: Edificações industriais da Rua da Igrejinha. Fonte: Google Maps. Editado pela autora, 2021. Disponível em: <<https://goo.gl/maps/Gr5bmZsEz2MnTNz>>. Acesso em: Setembro, 2021.



Legenda	
	Projeção 1650/1800
	Projeção 1850
	Projeção 1900
	Vias
	Eixos de transporte
	ZCS
	ZUM
	ZRLI
	ZDM
	ZRM2
	ZCA2

Figura 42: Mapa Síntese de análise de aspectos urbanos da área de estudo. Fonte: Produzido pela autora, 2021.

### 3. Contexto Urbano



***COMPREENSÃO DO  
OBJETO***

# 1. Construção e Forma: exterior



- Legenda**
- Eixo de simetria
  - Rupturas
  - Anexo
  - Fachada Sudoeste
  - Fachada Sudoeste
  - Fachada Nordeste
  - Fachada Noroeste

Figura 43: Mapa de análise do objeto. Fonte: Produzido pela autora, 2021.

Figura 44: Fachada noroeste. Fonte: Google Maps. Editado pela autora, 2021. Disponível em: <<https://goo.gl/maps/Tn-Lqo15SHMocFDR57>>. Acesso em: Outubro, 2021.

Figura 45: Fachada nordeste. Fonte: Google Maps. Editado pela autora, 2021. Disponível em: <<https://goo.gl/maps/Fo1b1DV3Avo1N2eg27>>. Acesso em: Outubro, 2021.

Figura 46: Fachada sudoeste. Fonte: Google Maps. Editado pela autora, 2021. Disponível em: <<https://goo.gl/maps/58R2jseV3L4V5U5ie>>. Acesso em: Outubro, 2021.

Figura 47: Fachada sudoeste. Fonte: Google Maps. Editado pela autora, 2021. Disponível em: <<https://goo.gl/maps/GaMD7raue8BVI4Du77>>. Acesso em: Outubro, 2021.



Fachada noroeste



Fachada nordeste



Fachada sudoeste



Fachada sudoeste



## 1. Construção e Forma: interior

- Arcos
- Esquadrias semicirculares
- Luz natural
- Teto abobadado
- Pé direito elevado
- Ritmo
- Materialidade: madeira branca e o mármore como revestimento, além do vidro e alvenaria branca e amarela clara
- Linha dupla de esquadrias



Figura 4a: Arcos e esquadrias semicirculares. Fonte: Autoria própria, 2021.



Figura 4a: Teto do altar. Fontes: Autoria própria, 2021.



Figura 5a: Nave central com útila para coro alto. Fontes: Autoria própria, 2021.



Figura 5b: Vitrais e arcos do altar. Fonte: Autoria própria, 2021.



Figura 5a: Materiais do altar. Fonte: Autoria própria, 2021.



Figura 3b: Ornamentação do teto do nave lateral. Fonte: Autoria própria, 2021.



Figura 01: Diagrama de etapas construtivas. Fonte: Produzido pelo autor, 2021.



Vila Itaré



## 2. Etapas construtivas

- 1) 1627: Construção Jesuíta
- 2) 1826: Reforma durante o reinado de D. Pedro I
- 3) 1886: Reforma por John Oberg

Um estudo comparativo entre a Igreja Matriz de São Cristóvão e a Vila Itaré (Petrópolis, RJ):

- Estilo Neogótico
- Torres marcando verticalidade
- Uso de arcos demarcados
- Aberturas e janelas marcando as fachadas
- Vitrais
- Volumes com similaridades, tendendo para a horizontalidade
- Exaltação da arte
- Contrafortes
- Ornamentação e elementos com similaridades



Igreja Matriz de São Cristóvão





## 2. Espacialidade

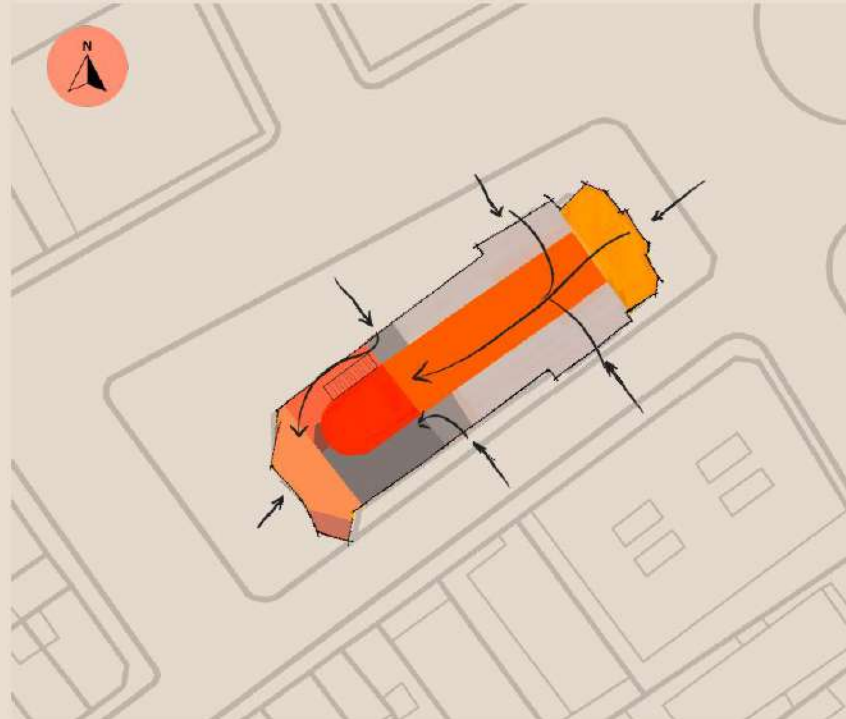


Figura 54: Mapa de zoneamento do térreo. Fonte: Produzido pelo autor, 2021.

Legenda	
●	Nártex
●	Naves laterais
●	Nave central
●	Altar
●	Transepto
●	Sacristia
●	Quarto de serviço
●	Salão comum
●	Cozinha
●	Secretaria/Administração
→	Acessos



Figura 55: Salão comum. Fonte: Autoria própria, 2021.



Figura 56: Acesso público à sacristia. Fonte: Autoria própria, 2021.



Figura 57: Nave lateral. Fonte: Autoria própria, 2021.



Figura 58: Sacristia. Fonte: Autoria própria, 2021.



Figura 59: Altar. Fonte: Autoria própria, 2021.



Figura 60: Cozinha. Fonte: Autoria própria, 2021.



Figura 61: Mapa de zoneamento do primeiro pavimento. Fonte: Produzido pela autora, 2021.



Figura 62: Mapa de zoneamento do segundo pavimento. Fonte: Produzido pela autora, 2021.

Legenda	
<span style="color: red;">●</span>	Coro alto
<span style="color: orange;">●</span>	Quartos de serviço
<span style="color: orange;">●</span>	Circulação
<span style="color: orange;">●</span>	Quarto/Circulação
<span style="color: brown;">●</span>	Sala
<span style="color: yellow;">●</span>	Depósito
<span style="color: grey;">●</span>	Banheiro
<span style="color: lightgrey;">●</span>	Pé direito duplo



Figura 63: Quarto/circulação. Fonte: Autoria própria, 2021.



Figura 64: Sala. Fonte: Autoria própria, 2021.



Figura 65: Circulação para segundo pavimento. Fonte: Autoria própria, 2021.



Figura 66: Escada para o segundo pavimento. Fonte: Autoria própria, 2021.



Figura 67: Circulação para banheiro, depósito e quarto. Fonte: Autoria própria, 2021.



Figura 68: Quarto e escada para o segundo pavimento. Fonte: Autoria própria, 2021.

### 3. Danos: exterior

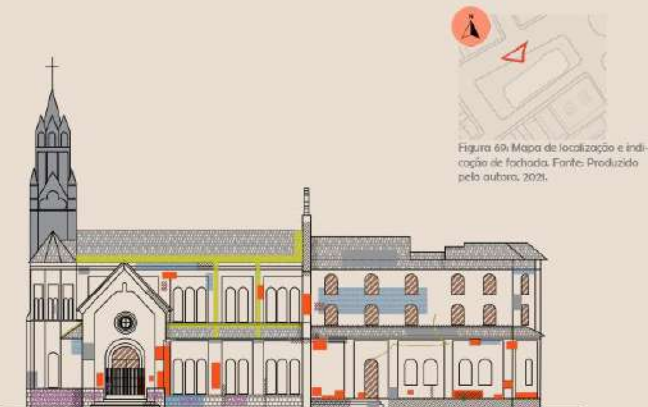


Figura 69: Mapa de localização e indicação de fachada. Fonte: Produzido pelo autor, 2021.

Figura 70: Mapa de danos da fachada noroeste. Fonte: Produzido pelo autor, 2021.



Figura 71: Mapa de localização e indicação de fachada. Fonte: Produzido pelo autor, 2021.

Figura 72: Mapa de danos da fachada nordeste. Fonte: Produzido pelo autor, 2021.



Figura 73: Mapa de localização e indicação de fachada. Fonte: Produzido pelo autor, 2021.

Figura 74: Mapa de danos da fachada sudeste. Fonte: Produzido pelo autor, 2021.



Figura 75: Mapa de localização e indicação de fachada. Fonte: Produzido pelo autor, 2021.



Figura 76: Mapa de localização e indicação de fachada. Fonte: Produzido pelo autor, 2021.

Figura 77: Mapa de danos da fachada sudoeste. Fonte: Produzido pelo autor, 2021.



Legenda	
	Descolamento de reboco
	Danos em madeira
	Crosta negra
	Vegetação
	Pichação/grafite
	Instalações expostas
	Vidro Quebrado
	Intervenção em cimento
	Rachaduras e fissuras
	Umidade
	Sujeira
	Vedação



Figura 76: Descolamento de reboco, fissuras, crosta negra e pichação/grafite na fachada sudoeste da Igreja. Fonte: Autoria própria, 2021.



Figura 77: Instalação de canos de PVC nos telhados. Fonte: Google Maps, Editado pelo autor, 2021. Disponível em: <a href='\"https://goo.gl/maps/93zrg-PC990agPw7+\">https://goo.gl/maps/93zrg-PC990agPw7+</a>. Acesso em: Outubro, 2021.



Figura 79: Vedação de esquadria com alvenaria na fachada nordeste da Igreja. Fonte: Autoria própria, 2021.



Figura 80: Descolamento de reboco na fachada nordeste da Igreja. Fonte: Autoria própria, 2021.

### 3. Danos: interior

- Áreas de descolamento de reboco: paredes próximas a janelas, nas esquadrias duplas e nas escadas
- Rachaduras e fissuras em paredes
- Sujidade em paredes da fachada
- Elementos de madeira apresentam danos: descascamento de pintura até corrosão por ação de insetos
- Instalações expostas realizadas no interior: fiação, iluminação improvisada e ventiladores de parede
- Elementos faltantes: em esquadrias, na ornamentação e nas sancas descontinuadas
- Vidro quebrado
- Vedações com alvenaria
- Telhas desalinhadas e mal instaladas
- Manchas de umidade em paredes

Figura 81: Construção de banheiro e novas instalações no salão comum do térreo. Fonte: Autoria própria, 2021.



Figura 82: Danos na madeira superior do altar. Fonte: Autoria própria, 2021.



Figura 83: Danos na porta de acesso lateral. Fonte: Autoria própria, 2021.

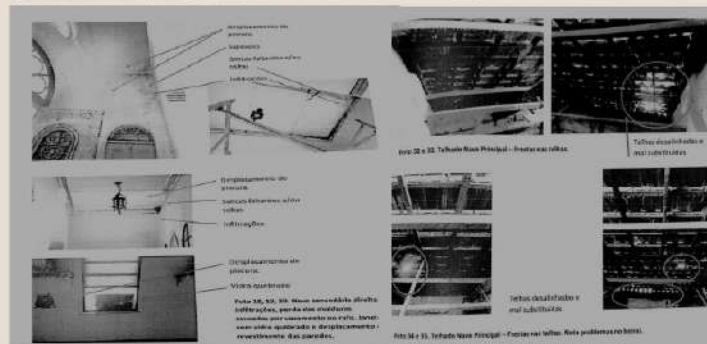


Figura 84: Relatório de danos internos. Fonte: Ministério Público do Rio de Janeiro, 2019. Editado pela autora, 2021. Disponível em: <a href="https://www.pmp.rio.br/home/-/detalhe-noticia/visualizar/86133">https://www.pmp.rio.br/home/-/detalhe-noticia/visualizar/86133</a>. Acesso em: Outubro, 2021.



Figura 85: Danos na esquadria superior e manchas de umidade. Fonte: Autoria própria, 2021.



Figura 86: Descolamento de reboco na esquadria. Fonte: Autoria própria, 2021.



Figura 87: Descolamento de reboco na esquadria do térreo. Fonte: Autoria própria, 2021.



**COMPREENSÃO  
TEÓRICA**

### Conservação:

- Mais que arquitetura: sensações, ambientes, paisagem
- Manutenção periódica
- Participação social

### Restauração:

- Matéria e memória
- Documentação, registros, placas
- Falso artístico
- Ato crítico

### Intervenção no Patrimônio:

- Entender o contexto inserido
- Políticas públicas x Teoria
- Turismo

### Paisagem Urbana:

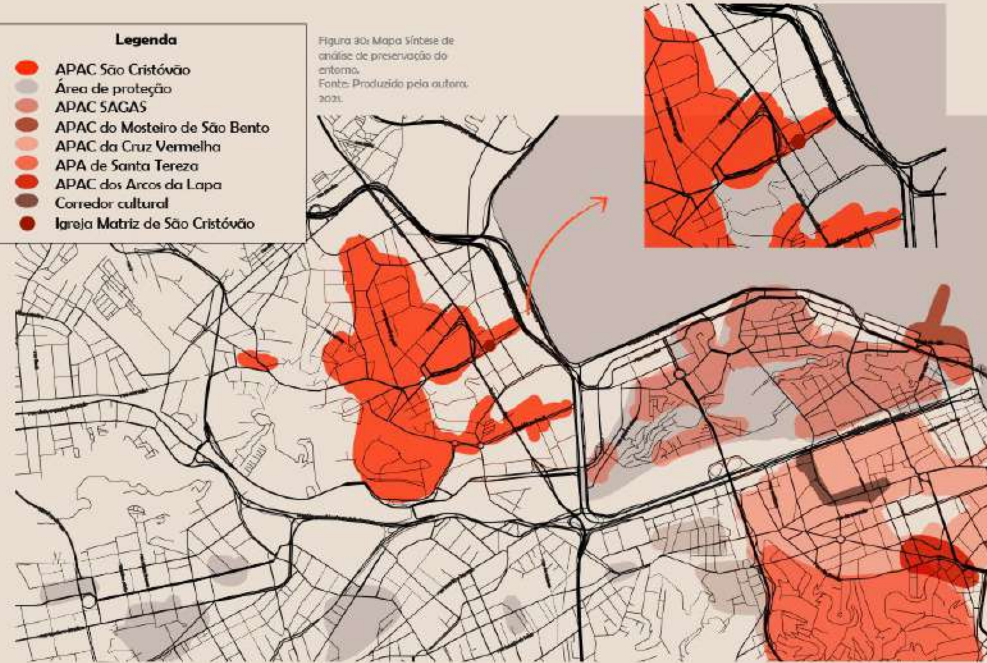
- Espaço onde se vive e os valores que a sustentam
- Olhar interdisciplinar: sistemas biofísico, urbano e sociocultural
- Normas x Ocupação urbana

### Sistema de Áreas livres:

- Conjunto de elementos e processos interligados, juntamente com as relações com o entorno, unidos por uma troca interdependente de influências
- Sobreposições
- Olhar para o todo



Figura 30: Mapa síntese de análise de preservação do entorno.  
Fonte: Produção pela autora, 2021.



- APAC de São Cristóvão (1993)
- Grau 1 de proteção: não poderá ser demolido e qualquer obra de reforma, modificação ou alteração de uso ou atividade deverá ser previamente analisada e aprovada pelo órgão de tutela
- APACs x Plano diretor



***INTERVENÇÃO***

## 1. Estudos de caso



Figura 113: Museu de Castelvecchio de Verona. Fonte: Archdaily. Editado pela autora, 2021. Disponível em: <a href="https://www.archdaily.com.br/br/872695/davico-do-arquiteto-restauracao-museu-de-castelvecchio-em-verona-carlo-scarpa?ad\_source=search&ad\_medium=search\_result\_project">https://www.archdaily.com.br/br/872695/davico-do-arquiteto-restauracao-museu-de-castelvecchio-em-verona-carlo-scarpa?ad\_source=search&ad\_medium=search\_result\_project</a>. Acesso em: Outubro, 2021.

Figura 114: Museu Rodin Bahia. Fonte: Archdaily. Editado pela autora, 2022. Disponível em: <a href="https://www.archdaily.com.br/br/10443/museu-rodin-bahia-brasil-arquitetura?ad\_medium-gallery">https://www.archdaily.com.br/br/10443/museu-rodin-bahia-brasil-arquitetura?ad\_medium-gallery</a>. Acesso em: Fevereiro, 2022.



**Museu Rodin Bahia (Brasil Arquitetura)**  
2002, Brasil

- Edifício como obra a ser admirada
- Diferenciação do novo ao existente
- Novo respeitando as lógicas do existente



Figura 115: Entrada do Mosteiro de São Miguel de Refojos. Fonte: Archdaily. Editado pela autora, 2021. Disponível em: <a href="https://www.archdaily.com.br/br/548216/restauracao-e-restauracao-do-mosteiro-de-sao-miguel-de-refojos-paulo-freitas-e-maria-joao-marques-arquitetos?ad\_source=search&ad\_medium=search\_result\_0th">https://www.archdaily.com.br/br/548216/restauracao-e-restauracao-do-mosteiro-de-sao-miguel-de-refojos-paulo-freitas-e-maria-joao-marques-arquitetos?ad\_source=search&ad\_medium=search\_result\_0th</a>. Acesso em: Outubro, 2021.

**Mosteiro de São Miguel de Refojos (aulo Freitas e Maria João Marques Arquitectos)**  
2019, Portugal

- Novos usos como forma de autossustentação
- Novos fluxos criados
- Repercussão positiva em todo entorno



Figura 116: Largo da Igreja N.ª Senhora dos Anjos. Fonte: Archdaily. Editado pela autora, 2021. Disponível em: <a href="https://www.archdaily.com.br/br/94008/restauracao-urbana-do-largo-da-igreja-paulo-freitas-paulo-alexandre-picanco?ad\_source=search&ad\_medium=search\_result\_0th">https://www.archdaily.com.br/br/94008/restauracao-urbana-do-largo-da-igreja-paulo-freitas-paulo-alexandre-picanco?ad\_source=search&ad\_medium=search\_result\_0th</a>. Acesso em: Outubro, 2021.

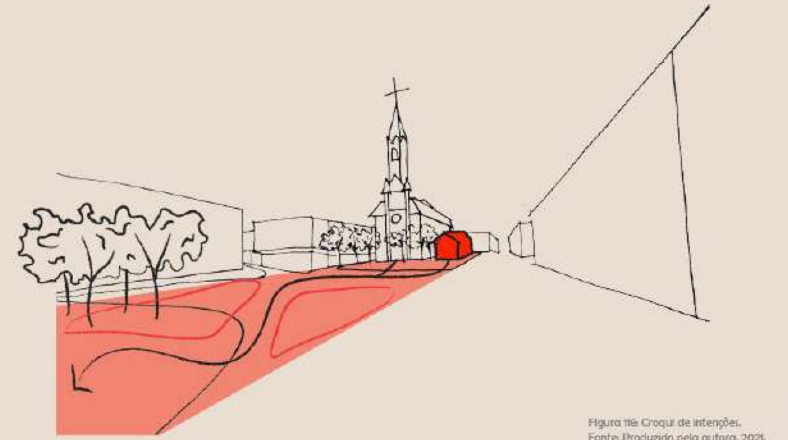
**Largo da Igreja N.ª dos Anjos (Paulo Vieitas + Alexandre Picanço)**  
2020, Portugal

- Área livre integrada com o entorno
- Promove convívio social
- Mobiliário como estruturante



## 2. Diretrizes

- Circuito Turístico: atração e autossustentação
- Centro cultural
- Espaço gastronômico com ligação a Feira de São Cristóvão
- Criação de um anexo a Igreja, com materiais permeáveis e analogia a lógica existente
- Materiais diferentes do existente
- Área livre integrada de lentidão e interação com a natureza
- Elementos do passado como estruturantes das praças
- Medidas de conservação e restauro, tratando as patologias encontradas
- Sinalizar o edifício como bem patrimonial





## ***O PROJETO***

## 1. Ações Projetuais



Figura 18: Tabelas de ações projetuais. Fonte: Produzido pela autora, 2021.



Figura 19: Tabelas de ações projetuais. Fonte: Produzido pela autora, 2021.



Figura 18: Tabelas de ações projetuais. Fonte: Produzido pela autora, 2021.

EDIFÍCIO	
	Atualizar as coberturas da igreja, tratando os danos identificados e reinstalando estrutura para captação de água das chuvas.
	Reestruturar instalações elétricas, hidráulicas, sanitárias e de refrigeração quando necessárias.
	Tratar as patologias identificadas durante a análise de danos, através de ações restaurativas, como: <ul style="list-style-type: none"> <li>- Limpeza de superfícies</li> <li>- Execução de novo reboco conforme técnicas apropriadas</li> <li>- Troca de vidros quebrados identificados</li> <li>- Tratamento da madeira de portas e esquadrias</li> </ul>
	Propor a nova utilização de espaços da Igreja como centro cultural.
	Discutir a sinalização da Igreja como Patrimônio histórico cultural da cidade
	Reparar equipamentos e mobiliários com danos identificados

URBANO	
	Criar áreas de permanência ao longo das praças.
	Implantar mobiliário urbano ao longo das praças.
	Debater a intervenção nas praças adjacentes, integrando seu espaço com a Igreja e o entorno.
	Propor um anexo a Igreja, destinado ao uso gastronômico, em terreno da Praça Santa Edwiges.
	Propor a realização de feiras gastronômicas no espaço das praças.
	Discutir a criação do circuito turístico que liga a área de intervenção ao restante do bairro, potencializando as interações e possibilitando a autossustentação da Igreja.



Longo prazo

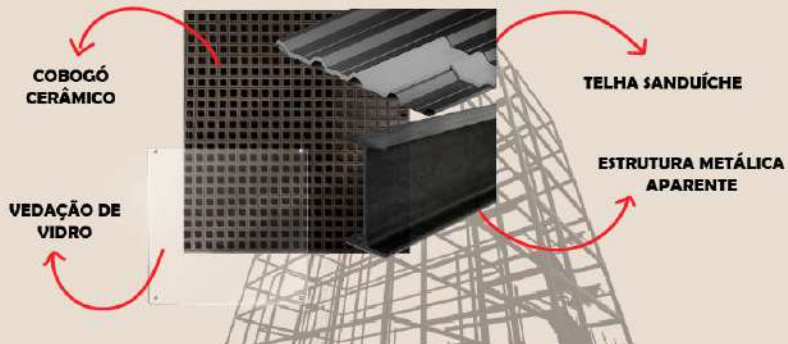


Médio prazo

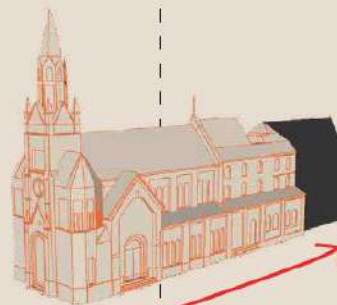


Curto prazo

## 2. Projeto



CONTINUIDADE



124: Diagrama conceitual rotume. Fonte: Produzido pela autora, 2021.



Figura 125: Industrial Heritage. Fonte: Archeologia industriale Editado pela autora, 2021. Disponível em: <[http://archeologiaindustriale.net/2524\\_nosce-la-nuova-collina-industrial-heritage/](http://archeologiaindustriale.net/2524_nosce-la-nuova-collina-industrial-heritage/)>. Acesso em Dezembro, 2021.

QUEBRA

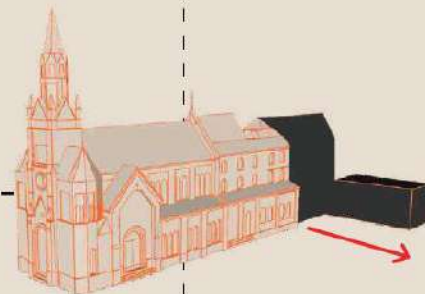


Figura 126: Pratt Institute. Fonte: ArchDaily. Citado pela autora, 2021.  
D8

## PROGRAMA

### SERVIÇO/APOIO

A área de serviço e apoio da Igreja é de acesso privado, esse sendo feito apenas por uma entrada lateral. A partir dela, chega-se a sacristia, além de contar com copa, vestiário para o uso dos funcionários.

### CENTRO CULTURAL

O Centro cultural tem acesso ao público pela rua Padre Séve, contando com duas salas de exposições, sala audiovisual, workshop e loja, além de administração e reserva técnica (que são privadas).

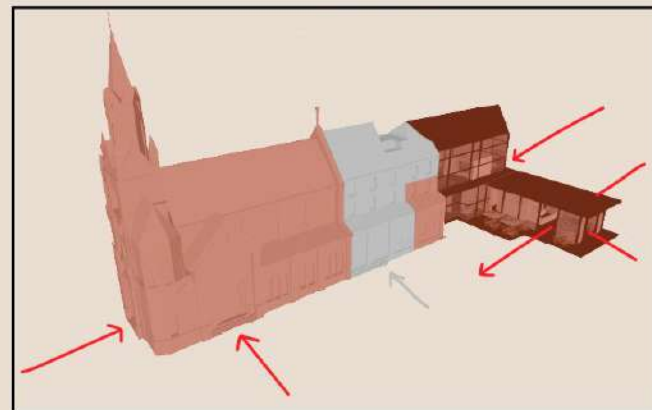
### CAFÉ

O café tem acesso livre por suas três orientações livres, chegando ao salão e balcão e fazendo ligação direta com a Praça Padre Séve. Além disso, possui áreas de serviço de acesso privado, como cozinha e depósito.

### IGREJA

A Igreja tem acesso ao público pelas entradas laterais e pela entrada principal. Chegando no Nártex, ela conta com uma nave central e duas laterais, voltadas para o altar, além de uma secretaria e coro alto.

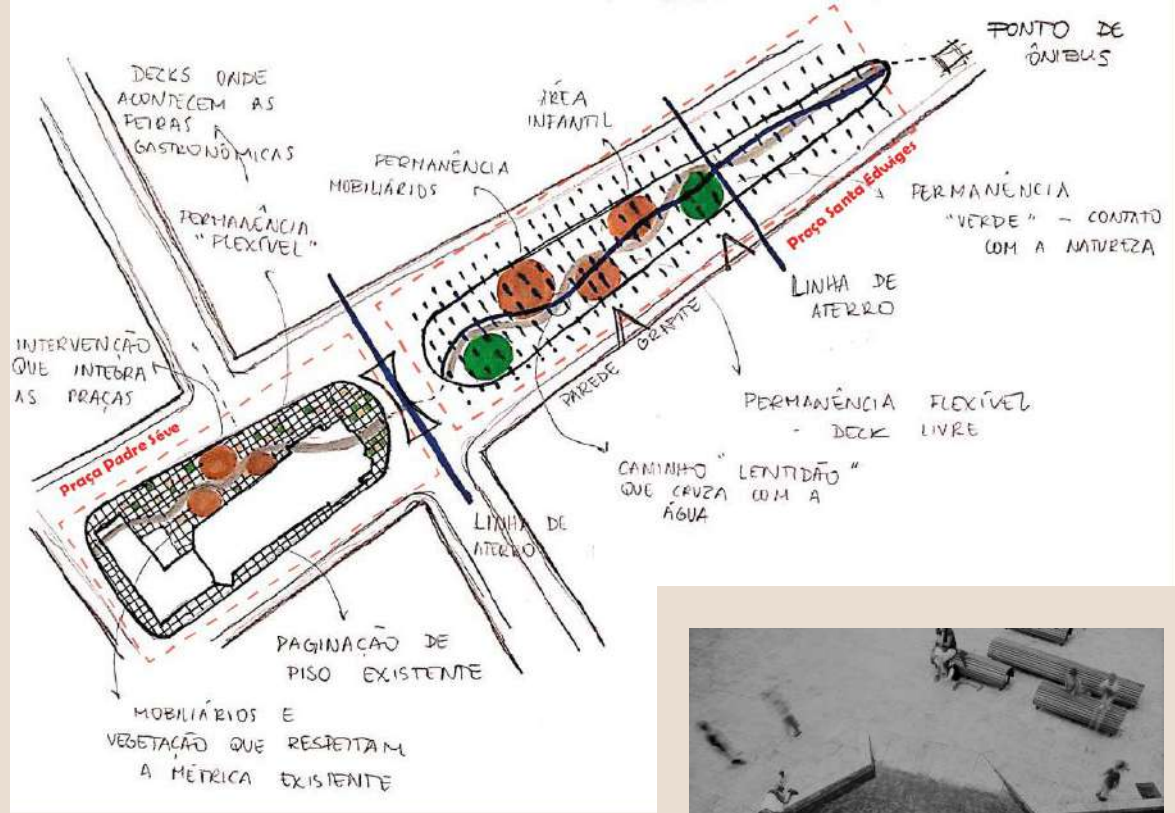
## PÚBLICO X PRIVADO



### Legenda

■ Público  
■ Privado

→ Acessos públicos  
→ Acessos privados



Planta de situação e Plano de Massas



DECK DE EUCALIPTO TRATADO REFLORESTADO



FULGET DRENANTE CINZA CLARO



FULGET DRENANTE CINZA ESCURO

## Planta de Situação e Plano de Massas



**PALMEIRA IMPERIAL  
(EXISTENTE)**



**GRAMA SÃO CARLOS**



**JACARANDÁ DA BAHIA**



**CANELA PRETA**



**PAU BRASIL**



Além da Palmeira Colonial, que marca a entrada principal da Igreja, foram escolhidos mais três tipos de vegetação: Canela preta, Pau Brasil e Jacarandá Bahia. Todas elas são árvores nativas, que eram comuns na cidade, mas hoje se encontram em risco de extinção. São de médio porte, podendo variar entre 6 e 12 metros de altura.





**Espaço de contemplação Praça Santa Edwiges**



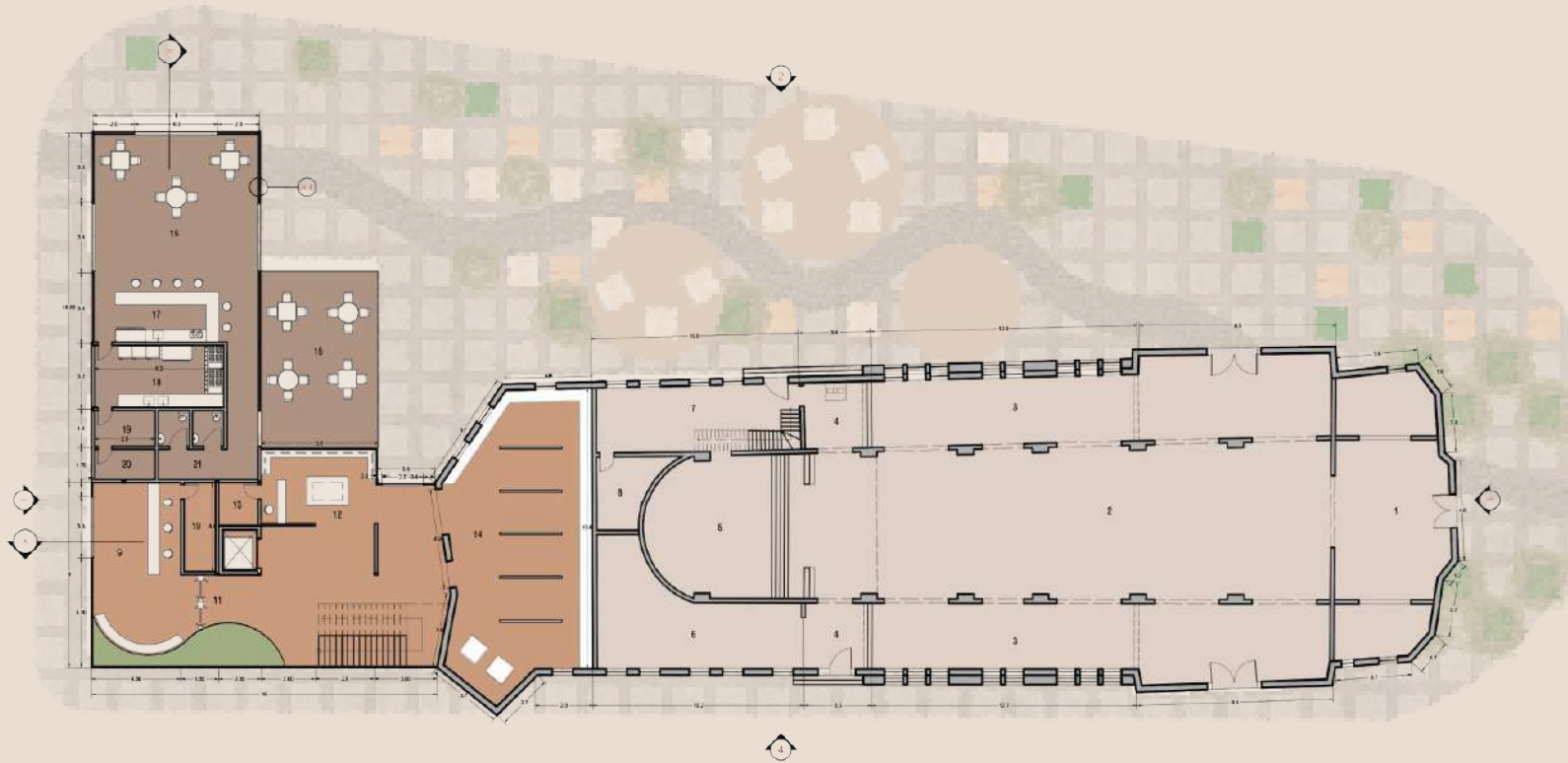
**Área infantil Praça Santa Edwiges**



**Feira Gastronômica Praça Padre Séve**



**Rua da Igrejinha**



Planta baixa Térreo

### Legenda

- Igreja Matriz de São Cristóvão
- Centro Cultural
- Café

#### Igreja Matriz de São Cristóvão

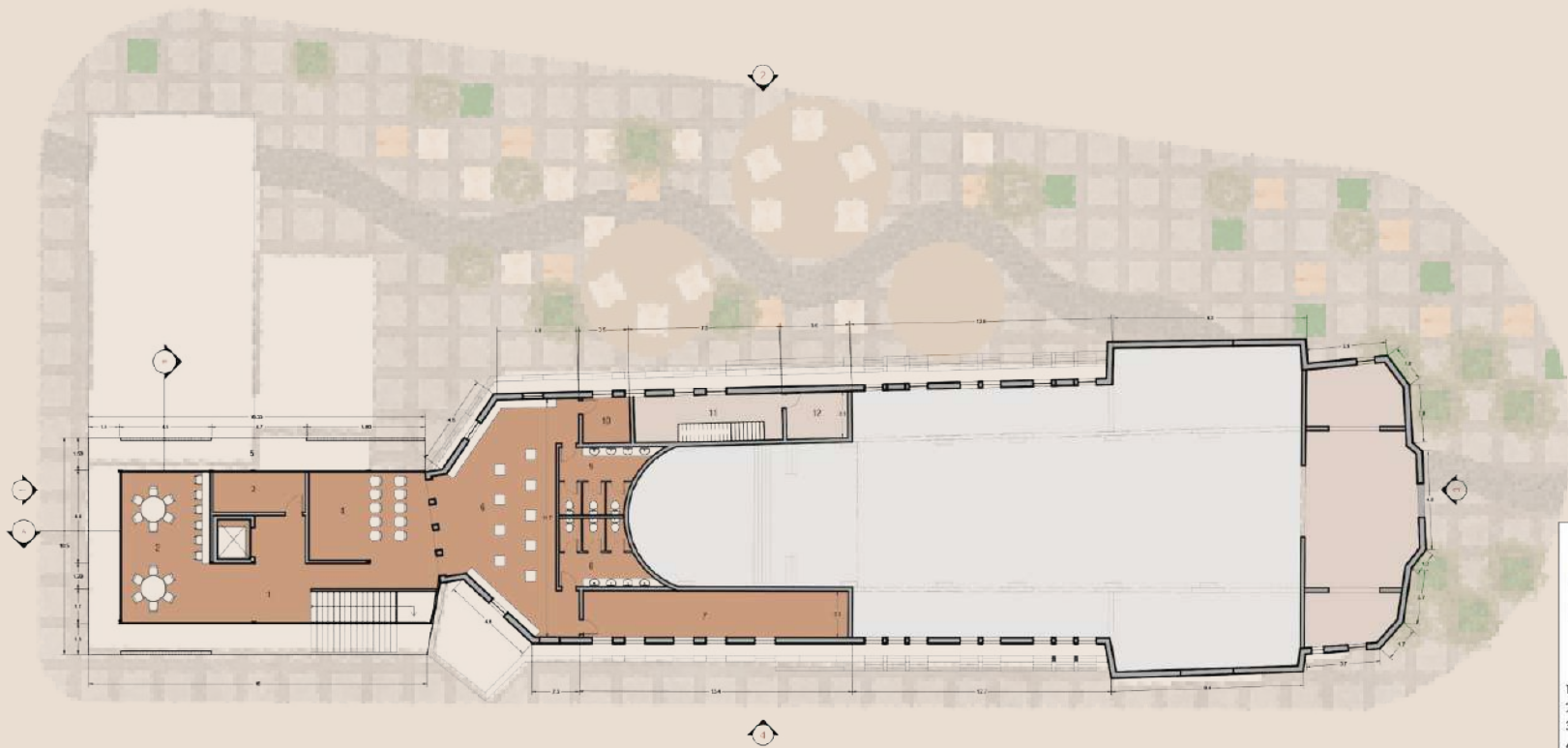
- 1 Nártex
- 2 Nave Central
- 3 Nave Lateral
- 4 Transepto
- 5 Altar
- 6 Secretaria/Administração
- 7 Sacristia
- 8 Depósito

#### Centro Cultural

- 9 Recepção/Bilheteria
- 10 Administração
- 11 Controle de entrada
- 12 Loja
- 13 Depósito
- 14 Salão de Exposição fixa

#### Café

- 15 Salão externo
- 16 Salão interno
- 17 Balcão
- 18 Cozinha
- 19 Depósito
- 20 Lixeira
- 21 Banheiros PLE



Planta baixa 1º Pavimento

### Legenda

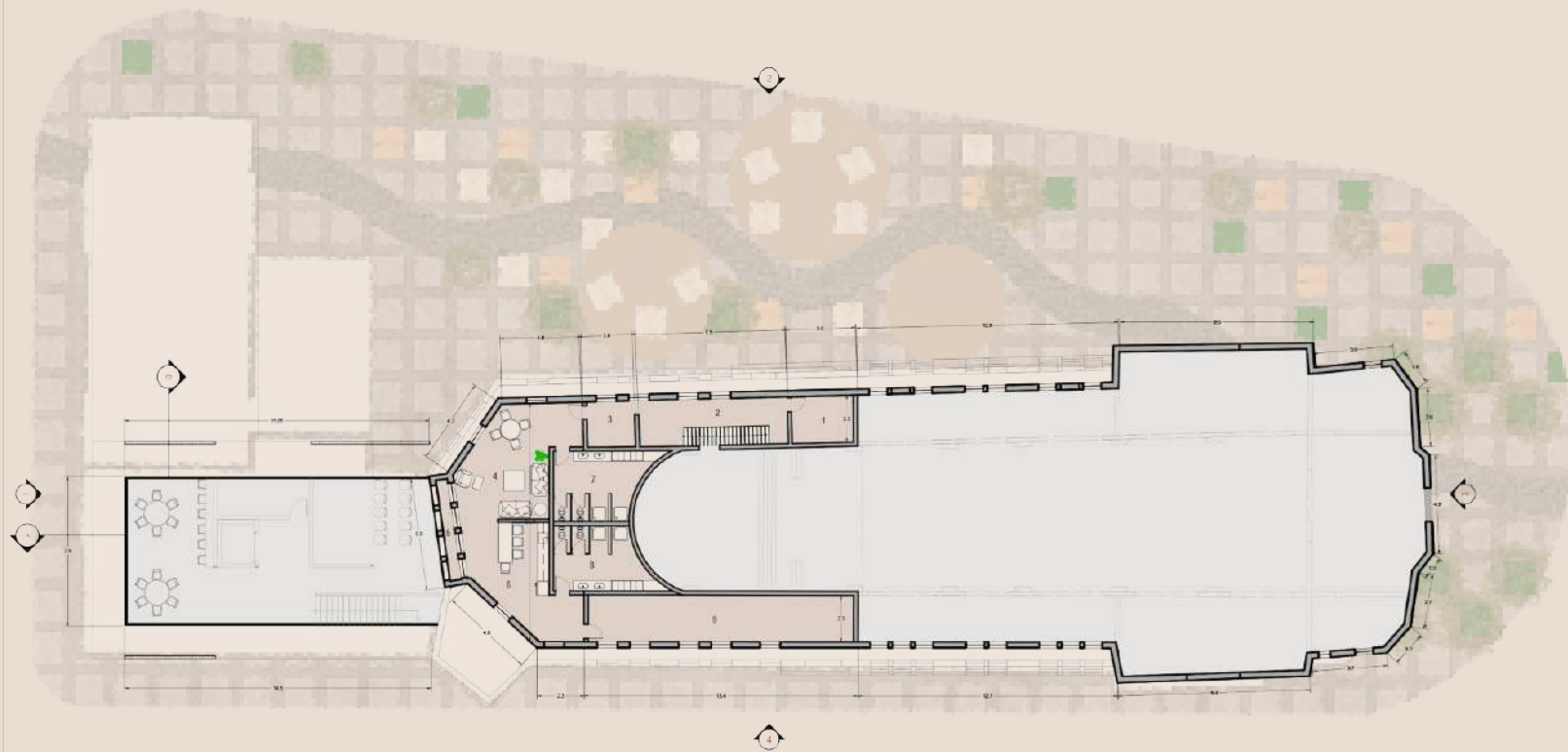
-  Igreja Matriz de São Cristóvão
-  Projeção Igreja
-  Centro Cultural

### Centro Cultural



- 1 Circulação
- 2 Espaço Workshop
- 3 Depósito
- 4 Espaço Audiovisual
- 5 Varanda
- 6 Sala Exposição Flexível
- 7 Reserva Técnica
- 8 Banheiro Masculino
- 9 Banheiro Feminino
- 10 Lixeira

### Igreja Matriz de São Cristóvão

- 11 Circulação Interna
- 12 Quarto



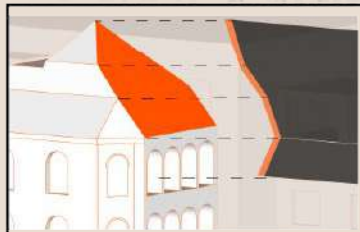
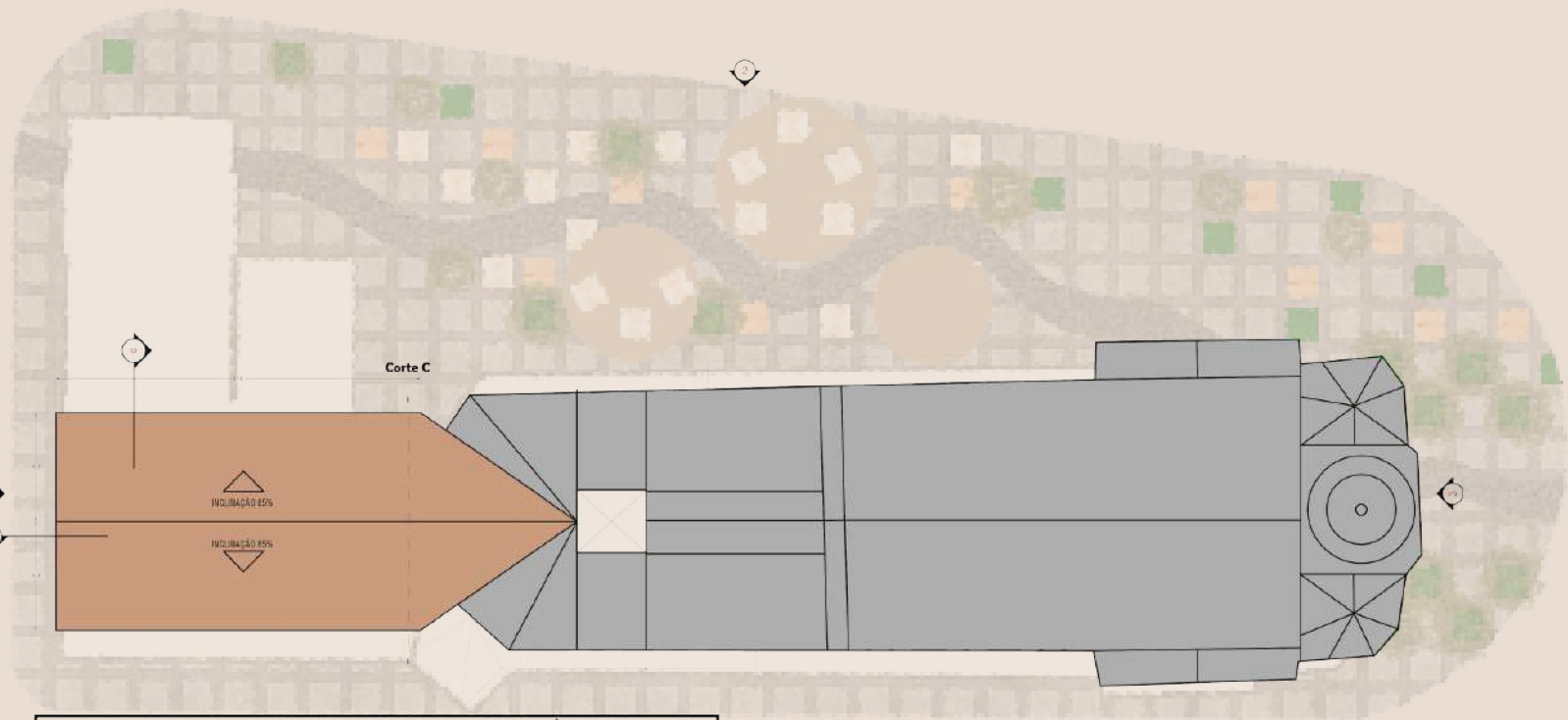
**Legenda**

-  Igreja Matriz de São Cristóvão
-  Projeção Igreja e Centro C.

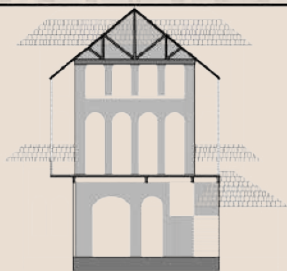
**Igreja Matriz de São Cristóvão**

- 1 Quarto
- 2 Circulação interna
- 3 Quarto
- 4 Sala de estar
- 5 Varanda/Sacada
- 6 Copa
- 7 Vestiário Masculino
- 8 Vestiário Feminino
- 9 Depósito

**Planta baixa 2º Pavimento**



**Telhado novo (telhado metálico e suporte de encaixe) se adapta ao antigo, respeitando sua forma e volume e sem furar as telhas existentes.**






**Corte C**



**Planta de Cobertura**

**Legenda**

-  Estrutura de transição
-  Telhado metálico
-  Telhas existentes

**Legenda**

-  Existente
-  Novo



**Salão Café**



**Sala de exposição fixa**



**Espaço Audiovisual**



**Sala de exposição flexível**





**Corte A**



**Corte B**

Legenda	
	Igreja Matriz de São Cristóvão
	Telhado existente
	Centro Cultural
	Telhado novo
	Café



**Fachada Sudoeste**



**Fachada Sudeste**



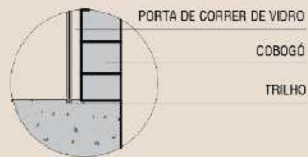
**Fachada Nordeste**



**Fachada Noroeste**

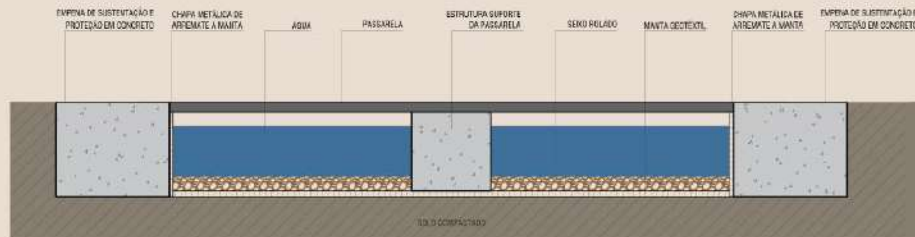


**Detalhe 1**

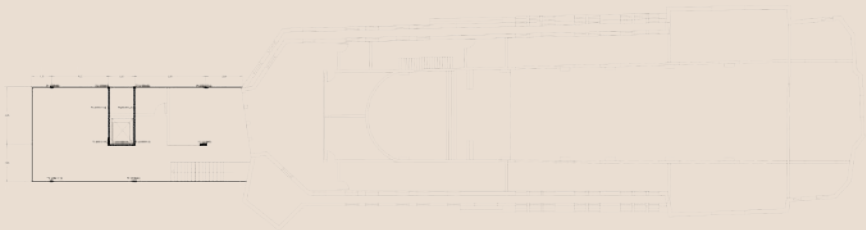


**Detalhe 2**

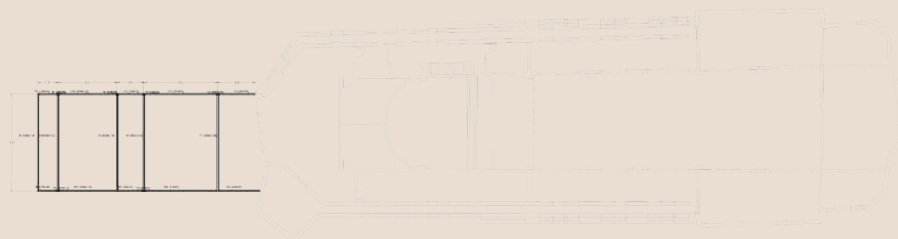
**Detalhe Porta de correr Café**



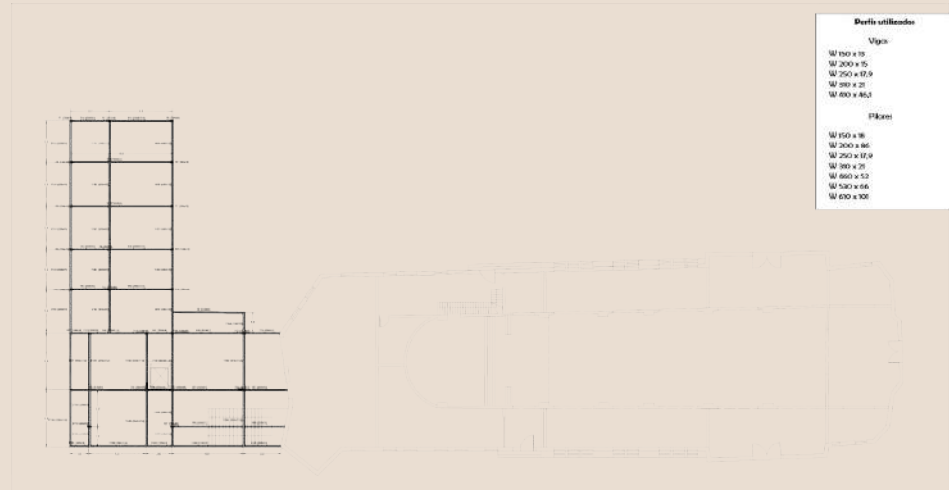
**Detalhe Espelho d'água**



**Planta Estrutural 1º Pavimento**



**Planta Estrutural 2º Pavimento**



**Planta Estrutural Térreo**

Perfil utilizado	
Vigas	
W 150 x 15	
W 200 x 15	
W 250 x 27,9	
W 300 x 21	
W 400 x 45,5	
Pilares	
W 150 x 18	
W 200 x 46	
W 250 x 27,9	
W 300 x 21	
W 400 x 52	
W 500 x 66	
W 600 x 100	



**Rua Santos Lima**



**Recepção Centro Cultural**



**Praça Santa Edwiges (sentido Av. Brasil)**



**Praça Santa Edwiges (sentido Igreja Matriz de S.C)**

## Agradecimentos

Neste momento, uma etapa muito importante na minha vida se encerra e gostaria de deixar registrado um agradecimento as pessoas que me ajudaram a chegar até aqui.

A minha mãe, Alyne, meu pai do coração, Sérgio, meu irmão, João e minha avó, Sônia, obrigada por todo incentivo e suporte que sempre me deram. Agradeço por cada palavra de carinho nos momentos difíceis, cada risada durante as madrugadas de trabalho e por sempre se fazerem presentes em minha vida. Não teria conseguido absolutamente nada sem vocês, a minha base.

Agradeço também as minhas amigas que a FAU me trouxe, Juliana, Leticia e Lia, e que com certeza irei levá-las para sempre. Mesmo de longe, elas foram essenciais para a conclusão deste trabalho e por toda minha trajetória na UFRJ.

Obrigada a professora Maria Clara por me orientar com tanto desempenho e disponibilidade. Não importava o dia ou a hora, sempre abria um espaço para as nossas conversas. Você me mostrou que sou capaz de bem mais do acreditava.

Também deixo a minha gratidão aos professores que fizeram parte das bancas, que se demonstraram muito interessados e abertos a cada apresentação. Cada comentário e direcionamento foi muito importante para chegar até aqui.

Por fim, gostaria de deixar meus agradecimentos ao meu avô, Aluizio, e a minha tia Adriana, que não estão mais aqui, mas foram essenciais em cada etapa da minha vida. Sei que mesmo aí de cima, estão sempre comigo e espero ter conseguido deixá-los orgulhosos.

# Bibliografia

KUNDERA, Milan. *A Lentidão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

BRANDI, Cesare. *Teoria da Restauração*. 4. ed. Cotia, Sp: Ateliê Editorial, 2019. (Coleção Artes & Ofícios). Tradução de: Beatriz Mugayar Kühl.

TARDIN, Raquel (org.). *Análise, ordenação e projeto da Paisagem: uma abordagem sistêmica*. Rio de Janeiro: Rio Books, Ufrj, Prourb, 2018.

JACOBS, Jane. *Morte e vida de grandes cidades*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BOITO, Camillo. *Os Restauradores: conferência feita na exposição de turim em 7 de junho de 1884*. 4. ed. Cotia, Sp: Ateliê Editorial, 2016. (Coleção Artes & Ofícios). Tradução de: Tradução Beatriz Mugayar Kühl e Paulo Mugayar Kühl.

KÜHL, Beatriz Mugayar (org.). *Gustavo Giovannoni: textos escolhidos*. Cotia, Sp: Ateliê Editorial, 2017. (Coleção Artes & Ofícios).

PATRIMÔNIO histórico brasileiro vive dias de abandono. 2017. Disponível em: <https://exame.com/brasil/patrimonio-historico-brasileiro-vive-dias-de-abandono/>. Acesso em: 21 ago. 2021.

EMCRISE, Rio de Janeiro abandona seus bens históricos. 2016. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/revistas/2016/05/em-cri-se-rio-de-janeiro-abandona-seus-bens-historicos-800/>. Acesso em: 21 ago. 2021.

MENGUE, Priscila; AUGUSTO, Leonardo. Abandono e falta de verbas ameaçam patrimônio histórico. 2017. Disponível em: <https://www.pressreader.com/brazil/o-estado-de-s-paulo/20171225/281530816391307>. Acesso em: 21 ago. 2021.

AMWIND. O Rio de Janeiro .com. 2020. Disponível em: <https://www.orlodejaneiro.com/sao-cristovao/>. Acesso em: 23 ago. 2021.

MORAES, Carlos. CAMPO DE SÃO CRISTOVÃO. 2011. Disponível em: <http://oriodeantigamente.blogspot.com/2011/01/campo-de-sao-cristovao.html>. Acesso em: 23 ago. 2021.

MACHADO, Sandra. São Cristóvão: um olho no passado e o outro nas estrelas. Um olho no passado e o outro nas estrelas. 2017. Disponível em: <http://www.multirio.rj.gov.br/index.php/leia/reportagens-artigos/reportagens/12116-s%C3%A3o-crist%C3%B3v%C3%A3o-um-olho-no-passado-e-o-outro-nas-estrelas>. Acesso em: 23 ago. 2021.

MAGESTE, Rodolfo. São Cristóvão se firma como centro de confecções e consumo consciente: localização estratégica é um dos atrativos da região. Localização estratégica é um dos atrativos da região. 2017. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/bairros/sao-cristovao-se-firma-como-centro-de-confecoes-consumo-consciente-21693068>. Acesso em: 28 ago. 2021.

FURTADO, Luís. Prédios históricos viram estacionamento no Centro da capital: a cada dia, mais estacionamentos surgem no centro de São Luís . O negócio, que parece ser lucrativo , vai transformando as heranças históricas em espaço comercial. A cada dia, mais estacionamentos surgem no Centro de São Luís . O negócio, que parece ser lucrativo , vai transformando as heranças históricas em espaço comercial. 2017. Disponível em: <https://oimparcial.com.br/noticias/2017/07/predios-historicos-viram-estacionamento-no-centro-da-capital/>. Acesso em: 24 ago. 2021.

OLIVEIRA, M. P. de. Quando a fábrica cria o bairro: estratégias do capital industrial e produção do espaço metropolitano no Rio de. Scripta Nova. Revista electrónica de geografia y ciencias sociales. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1 de agosto de 2006, vol. X, núm. 218 (51). <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-218-51.htm>> [ISSN: 1138-9788]

LIMA, Wânia; REGO, Andrea. UM "FLANEUR CONTEMPORÂNEO" EM SÃO CRISTÓVÃO, RJ. 2015. 17 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo: Projeto e Patrimônio, Proarq, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.



# Bibliografia

DATARIO. Aplicativos, 2021. Disponível em: <https://www.data.rio/>. Acesso em: 13 set. 2021.

DUQUE, Karina. Clássicos da Arquitetura: Restauro do Museu de Castelvecchio em Verona / Carlo Scarpa, 2017. Disponível em: [https://www.archdaily.com.br/br/872695/classicos-da-arquitetura-restauro-do-museu-de-castelvecchio-em-verona-carlo-scarpa?ad\\_source=search&ad\\_medium=search\\_result\\_projects](https://www.archdaily.com.br/br/872695/classicos-da-arquitetura-restauro-do-museu-de-castelvecchio-em-verona-carlo-scarpa?ad_source=search&ad_medium=search_result_projects). Acesso em 08 out. 2021.

HERNANDEZ, Diego. Preservando o sentido de comunidade: de Igreja a centro recreativo, 2019. Disponível em: [https://www.archdaily.com.br/br/914271/preservando-o-sentido-de-comunidade-de-igreja-a-centro-recreativo?ad\\_source=search&ad\\_medium=search\\_result\\_all](https://www.archdaily.com.br/br/914271/preservando-o-sentido-de-comunidade-de-igreja-a-centro-recreativo?ad_source=search&ad_medium=search_result_all). Acesso em 08 out. 2021.

PEREIRA, Matheus. Reabilitação e Restauro do Mosteiro de São Miguel de Refojos / Paulo Freitas e Maria João Marques Arquitectos, 2020. Disponível em: [https://www.archdaily.com.br/br/948219/reabilitacao-e-restauro-do-mosteiro-de-sao-miguel-de-refojos-paulo-freitas-e-maria-joao-marques-arquitectos?ad\\_source=search&ad\\_medium=search\\_result\\_all](https://www.archdaily.com.br/br/948219/reabilitacao-e-restauro-do-mosteiro-de-sao-miguel-de-refojos-paulo-freitas-e-maria-joao-marques-arquitectos?ad_source=search&ad_medium=search_result_all). Acesso em: 08 out. 2021.

IRPH. Área de proteção do ambiente cultural. Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/web/irph/apac>. Acesso em: 23 set. 2021.

TREVISAN RIBEIRO, R.; NÓBREGA, C. C. L. O Mestrado profissional em Projeto e Patrimônio do PROARQ/FAU/UFRJ, 2017. Revista Projetar - Projeto e Percepção do Ambiente, v. 2, n. 2, p. 134-166, 30 ago. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/revprojetar/article/view/16586>. Acesso em: 01 out. 2021.

CURY, Isabelle (org). Cartas Patrimoniais. 2.ed. Rio de Janeiro: Minc/IPHAN, 2000.

COELHO, Olinio Gomes. Do Patrimônio Cultural. Rio de Janeiro, 1992

POULOT, Dominique. Uma história do Patrimônio no Ocidente. Estação Liberdade: São Paulo, 2009.

IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/>